**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

CAROLINA BOROS MOTTA DE OLIVEIRA

**O IMPACTO DO PARADIGMA EDUCOMUNICATIVO NA FORMAÇÃO DO TUTOR
ONLINE: UM ESTUDO DE CASO DO PROGRAMA MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

São Paulo
2012

CAROLINA BOROS MOTTA DE OLIVEIRA

**O IMPACTO DO PARADIGMA EDUCOMUNICATIVO NA FORMAÇÃO DO TUTOR
ONLINE: UM ESTUDO DE CASO DO PROGRAMA MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em “Ciência da Comunicação”, Área de “Interfaces Sociais da Comunicação”, Linha de Pesquisa “Educomunicação”, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Comunicação.

Orientador: Prof.º Dr.º Ismar de Oliveira Soares

São Paulo

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Oliveira, Carolina Boros Motta de

O impacto do paradigma educacional na formação do tutor online: um estudo de caso do Programa Mídias na Educação/ Carolina Boros Motta de Oliveira; Orientador Ismar de Oliveira Soares – São Paulo, 2012.

Nome: OLIVEIRA, Carolina Boros Motta de

Título: O impacto do paradigma educomunicativo na formação do tutor online: um estudo de caso do Programa Mídias na Educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em “Ciência da Comunicação”, Área de “Interfaces Sociais da Comunicação”, Linha de Pesquisa “Educomunicação”, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura:

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura:

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura:

Dedico este trabalho primeiramente a meus pais, pelo apoio irrestrito em todos os momentos de minha vida, principalmente nesta etapa e por sempre acreditarem e investirem em meu potencial. Sempre que eu pensava em desistir, me davam forças para continuar, me ensinando muitas coisas e, uma delas é que por mais que o caminho seja difícil, devo prosseguir. De fato, foram a peça fundamental para que eu tenha me tornado a pessoa que sou hoje e ter chegado onde estou.

A todos os docentes que conheci nesse percurso que muito contribuíram para a minha formação, dos quais tenho boas lembranças.

Aos meus amigos, que são pessoas queridas e especiais e que sem elas seria impossível ter passado por esse percurso – por suas companhias, risadas e aquele ombro amigo para desabafar.

Agradecimentos

Ao meu *piê* Marcelo, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo, meu eterno agradecimento por me proporcionar a realização de um sonho e estar a todo instante ao meu lado nessa jornada, sempre me orientando. Agradeço de coração, pela confiança em mim depositada.

A minha mãe Cláudia, por ser tão dedicada e por sempre acreditar em minha capacidade, meu eterno agradecimento por ter me aguentado nos meus momentos de angústia e *chatice*, me mostrando que eu estava trilhando o caminho certo e de que sou capaz de chegar onde desejo.

Piê e Mãe, obrigada pela oportunidade. Sem dúvida, ambos foram os que me deram o maior incentivo para concluir esse trabalho!

Ao meu irmão Daniel, pelo carinho. E por me mostrar o quanto ele é essencial em minha vida – sem ele por perto não teria condições de finalizar essa dissertação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, pelo ensinamento e dedicação dispensados no auxílio a concretização desse trabalho.

As minhas amigas “uspianas” Kelly Sinhorini e Sandra Caixeta, por todos os momentos que passamos juntas durante esse meu percurso, meu especial agradecimento: pois sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa.

A minha amiga Cristine Vargas, que sem ela a finalização desta dissertação seria impossível. Obrigada pela força, apoio e amizade.

Meu carinhoso agradecimento ao Prof. Dr. Vinícius Romanini, pelo incentivo, os conselhos e por sua amizade.

As minhas amigas e amigos, que contribuíram direta ou indiretamente, para realização dessa dissertação, pelo carinho e pela compreensão de minha ausência em muitos momentos, entendendo que a dedicação aos meus estudos era de extrema importância naquele momento.

Aos professores do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, que tive oportunidade de conhecê-los melhor e que me apoiaram direta ou indiretamente. Um agradecimento em especial a Profa. Dra. Lucilene Cury, pelas dicas, amizade e risadas.

Ao Prof. Dr. Marciel Consani pela atenção e apoio.

A toda equipe do Programa Mídias na Educação, pelas informações cedidas.

"MAS É DO BUSCAR E NÃO DO ACHAR QUE NASCE O QUE EU NÃO CONHECIA".

(Clarice Lispector)

Nome: OLIVEIRA, Carolina Boros Motta de

Título: O impacto do paradigma educacional na formação do tutor online: um estudo de caso do Programa Mídias na Educação. 2012. Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Resumo

Essa dissertação se dedica ao estudo dos processos comunicacionais na formação do tutor online junto ao Programa Mídias na Educação, gerido no Estado de São Paulo pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com o intuito de verificar se esse profissional é formado a partir dos paradigmas educacionais pelos gestores e coordenadores do Programa.

Palavras-chave: Educação. Mídias na Educação. Tutor. EAD. Ensino a distância.

Nome: OLIVEIRA, Carolina Boros Motta de

Título: The impacto of the paradigmman educommunication onlinet tutor training: a caso study of the Program “Mídias na Educação”. 2012. Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Abstract

The present paper studies the tutors’ formation under communication perspective, at “Mídias na Educação”, a national e-learning course developed in São Paulo State by the “Núcleo de Comunicação e Educação” (NCE) from the University of São Paulo (ECA / USP), in partnership with the Federal University of Pernambuco (UFPE), in order to verify how educommunication paradigm has been used to manage this distance e-learning program.

Key-words: Educommunication. Media Education. Tutor. EAD. Distance Learning.

SUMÁRIO

1.	Introdução	14
2.	O universo da educação a distância (EAD)	18
2.1	Considerações históricas da EAD no mundo	18
2.1.1	Primeira geração da EAD	19
2.1.2	Segunda geração da EAD	20
2.1.3	Terceira geração da ead	21
2.1.4	Quarta geração da ead.....	22
2.1.5	Quinta geração da EAD	23
2.2	Considerações históricas da EAD no Brasil	25
2.3	O conceito de EAD	31
2.4	A legislação da EAD no Brasil	41
3.	O tutor a distância.....	44
3.1.	Modelos de tutoria	44
3.1.1.	Tutoria semipresencial.....	44
3.1.2.	Tutoria bimodal	45
3.1.3.	Tutoria virtual	46
3.2.	PRÁTICAS DO TUTOR	49
3.2.1.	E-learning	60
3.2.2.	Tutoria ativa.....	66
4.	Nos caminhos da Educomunicação	69
4.1.	O campo da Comunicação e Educação no CCA-ECA/USP	69
4.2.	O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE)	70
4.3.	A primeira experiência on-line do NCE: o projeto Educom.TV	74
4.4.	Um novo campo emergente: o da educomunicação	77
4.4.1.	Esboços do novo campo emergente.....	77
4.4.1.1.	Paulo Freire nos caminhos educacionais	78
4.4.1.2.	De Mário Kaplún a consolidação do termo	79
4.5.	O conceito	81
4.6.	Porque falar em educomunicação? A relação entre comunicação, educação e as novas tecnologias.....	85
4.7.	Uma das vertentes da educomunicação: a mediação tecnológica.....	87

4.7.1.	A EAD como mediação tecnológica	88
4.7.1.1.	Interatividade e comunicação mediatizada	89
4.7.1.2.	Dialogismo	90
5.	Estudo de caso: o Programa Mídias na Educação	92
5.1.	O estudo de caso	92
5.2.	Apresentação do Curso de Especialização em Mídias na Educação	93
5.3.	A formação do tutor no Programa Mídias na Educação	110
5.4.	Breves análises e resultados	118
5.4.1.	Aplicação de questionário aos tutores on-line	119
5.4.2.	Aplicação de questionário aos cursistas	136
5.4.3.	Análise das monografias da 1ª Oferta	137
5.5.	Análises gerais dos resultados	138
6.	Considerações Finais	140
7.	Referencia Bibliográfica	142

1. INTRODUÇÃO

A educação a distância apresenta-se como uma modalidade educativa em que os estudantes constroem seus próprios conhecimentos, atualmente apoiados nos aparatos tecnológicos, principalmente através da utilização de plataformas na Internet.

Uma das características da EAD é o não estabelecimento de contato físico entre o professor e a turma. Do aluno virtual, exige-se uma atitude sistemática e autônoma no que diz respeito a horários e métodos de estudo, entretanto, faz-se necessário a presença de um orientador, alguém habilitado a acompanhar e auxiliar o seu orientando a superar diversos obstáculos, a fim de viabilizar um processo de ensino-aprendizagem ameno e legítimo – tal profissional é conhecido por tutor.

A proposta deste trabalho é refletir sobre o papel do tutor frente à reformulação dos cursos a distância na Era da Sociedade em Rede, por via de um novo paradigma instaurado e em disseminação na sociedade: a educomunicação.

A questão surgiu da necessidade de ampliar conhecimentos a respeito da figura do tutor em um curso de ensino a distância, mas especificamente, em projetos que visam à formação continuada dos professores da rede pública em todos os níveis. Na contemporaneidade, os docentes são desafiados diariamente a lidarem com os novos meios comunicacionais cada vez mais inerentes ao cotidiano, enfrentando a dicotomia educação/comunicação.

É compreensível existirem resistências ao serem inseridas as tecnologias no ambiente escolar, pelo simples fato de que para qualquer mudança, faz-se necessário rever os paradigmas antigos para se estabelecer novos. Isso gera uma mudança da percepção do indivíduo, trabalho e muito esforço. Não há espaço para *tecnofobia* e muitos professores em exercício, não se adequaram a este novo cenário instaurado.

Na tentativa de reverter esse quadro, cursos pontuados estão surgindo e se fortalecendo. Um exemplo é o projeto “Mídias na Educação”, instaurado pelo Ministério da Educação (MEC), juntamente à Secretária de Ensino a Distância (Seed), em parceria com secretarias de educação e instituições públicas, como a Universidade de São Paulo (USP), com o objetivo de proporcionar uma formação continuada para os docentes da rede pública frente às tecnologias.

O curso visa o aperfeiçoamento do professor da rede pública no intuito de torná-lo um profissional mais preparado frente às novas tecnologias. Esse mesmo especialista se sentirá mais seguro em suas aulas, com seus alunos, já que estes utilizam os novos meios diariamente, portanto, há um estímulo motivacional também por parte dos estudantes pois o docente entra no universo deles. A questão central é preparar os professores para os novos desafios gerados em decorrência da dicotomia entre escola/novas tecnologias. Quanto mais capacitado o docente, mais preparado será para comunicar-se com o discente.

O Programa tem o propósito de ser integrador, uma vez que estimula a inserção das diferentes mídias ao processo de ensino e de aprendizagem, promovendo uma diversificação de linguagens e tecnologias capaz de enriquecer e modernizar o projeto pedagógico.

A opção pela pesquisa junto ao Mídias na Educação se deu por três motivos:

- a) O impulso do ensino a distância, através da Internet, acarretou em uma ressignificação no papel do tutor *on-line*. O papel da tutoria é o de efetivar a interação pedagógica, portanto o tutor orienta, dirige e supervisiona o processo de ensino-aprendizagem. Ao estabelecer contato com os cursistas, realiza atividades como: exposição do material didático, participação ativa em chats e fóruns, entre outros mecanismos de comunicação. O apoio tutorial realiza, portanto, a intercomunicação dos elementos, no caso do Programa Mídias na Educação, coordenação/tutor/cursista, intervindo no sistema e realizando duas funções, a de orientar e a de avaliar;
- b) O projeto Mídias na Educação é um programa de educação a distância que visa proporcionar a formação continuada para o uso pedagógico de diferentes tecnologias

da informação e da comunicação, com o intuito de capacitar os professores das redes públicas para atuarem frente às TICs;

c) De acordo com dados divulgados pelo MEC¹, no ano de 2009, um em cada cinco novos alunos de graduação se matriculavam em um curso a distância, ou seja, quase 20% dos universitários brasileiros eram estudantes virtuais. Segundo estudo realizado pela ABED (Associação Brasileira de Ensino a Distância) em 2008, existem 1.452 cursos credenciados na modalidade EAD pelo Brasil.

O objetivo geral dessa dissertação é o de mapear e conhecer as práticas do tutor do programa Mídias na Educação, no sentido de saber se a abordagem pedagógica adotada pode ser considerada como educ comunicativa. Como objetivos específicos apresentam-se:

- a) mapear e conhecer as práticas de fato do tutor do Curso Mídias na Educação;
- b) identificar quais dessas práticas podem ser classificadas como sendo educ comunicativas;
- c) considerar a abordagem pedagógica do Programa Mídias na Educação como sendo educ comunicativa.

A questão a ser explorada não é *como melhor utilizar a tecnologia para haver um número menor de evasão na EAD*, por exemplo, mas sim como utilizar esses recursos *para melhorar as relações de comunicação*. Entender que educar a distância não é colocar o cursista como um agente passivo do processo, mas como um receptor ativo e crítico.

A proposta/objeto de estudo são as práticas pedagógicas do tutor do Mídias para um melhor conhecimento sobre as mesmas. Uma das hipóteses viáveis é de que o tutor do curso adota práticas pedagógicas com abordagem educ comunicativa e, por isso, pode ser considerado como sendo educ comunicativo.

¹ Disponível em: [HTTP://portal.mec.gov.br/index.php](http://portal.mec.gov.br/index.php). Acesso em: 20 out. 2010.

O paradigma da educomunicação propõe que, para ser considerado como um curso com abordagem educ comunicativa, o tutor a distância do Mídias na Educação deveria ter um conhecimento das práticas educ comunicativas, bem como acompanhar, compreender e intervir durante o processo de ensino-aprendizagem de maneira interativa e dialógica, fomentando o dialogo aberto.

Nessa pesquisa, almejamos verificar se esse profissional encaixa-se no perfil deste “novo professor” que realiza seu trabalho a partir de características e práticas educ comunicativas. Para tanto, a dissertação está dividida em capítulos que discutem os principais conceitos e análises com o intuito de desvendar a problemática em questão.

No segundo, terceiro e quarto capítulo do trabalho é abordada a fundamentação teórica da pesquisa. Encontra-se em cada um, respectivamente:

- Capítulo Dois: Considerações históricas sobre a EAD no mundo e no Brasil, o conceito da modalidade a distância, além de expor a legislação da EAD no Brasil;
- Capítulo Três: Informações específicas sobre o tutor *on-line* e suas práticas de tutoria nos principais modelos de EAD: o *e-learning* e a tutoria ativa.
- Capítulo Quatro: Dados sobre o novo campo emergente, o da educomunicação, explicando sua história, conceitualização e práticas.

No quinto capítulo, é realizado um histórico sobre o funcionamento do Programa Mídias na Educação em que é clarificada a formação do tutor no curso. Em um segundo momento, a metodologia de pesquisa e os métodos utilizados para investigação são especificados. A partir das informações levantadas, é feita uma breve análise dos dados e resultados.

No sexto e último capítulo, são explanadas as considerações finais da dissertação.

Ao final encontram-se as referências bibliográficas, bem como os apêndices e anexos do trabalho.

2. O UNIVERSO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD)

Este capítulo retrata, inicialmente, os aspectos gerais da educação a distância, a começar pelas considerações históricas da EAD no mundo e posteriormente no Brasil, permitindo manter as primeiras noções dessas iniciativas, com o intuito de proporcionar melhor entendimento de seu conceito e da legislação da EAD no país.

2.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS DA EAD NO MUNDO

Basicamente, a EAD surgiu a partir da necessidade social em disponibilizar novas oportunidades de ensino à população no geral que, por algum motivo, não teve acesso ao sistema tradicional de ensino. Porém, para que esse objetivo fosse alcançado, o ensino a distância manteve ligações com inúmeros acontecimentos históricos que serão detalhados a seguir.

De acordo com Golvêa e Oliveira (2006), alguns tratados científicos consideram que as primeiras iniciativas de ensino a distância foram registradas na Bíblia, podendo ser encontradas nas epístolas de São Paulo escritas às comunidades cristãs da Ásia Menor. Estes documentos possuíam a missão de orientar as pessoas a como viver seguindo as doutrinas cristãs da época, sendo disseminadas por todo o território por volta do século I. Assim, os autores revelam que a EAD não pode ser considerada uma atividade recente.

Conforme relatam Moore e Kearsley (2007), o desenvolvimento da EAD no mundo se deu através da caracterização de cinco gerações, diferenciadas pelos elementos utilizados no contexto pedagógico, contribuindo com a evolução do ensino a distância ao longo de várias gerações. Dessa maneira, os autores sinalizam as seguintes gerações:

2.1.1 PRIMEIRA GERAÇÃO DA EAD

Proveniente das práticas educativas realizadas por meio da correspondência, Litwin (2001) revela que o marco inicial da EAD no mundo foi a anúncio de um curso na Gazeta de Boston a partir do dia 20 de março de 1728, em que o professor Caleb Philipps disponibilizava materiais para o ensino, praticando a tutoria por meio de correspondências com seus alunos.

Entende-se então que nesta fase, a prática pedagógica poderia ser exercida por meio de recursos impressos e espalhados através das correspondências, mantendo como objetivo principal oferecer cursos de instrução para cidadãos que não podiam ou não mantinham o interesse em se deslocar até uma instituição de ensino, exercendo-o no conforto de seu próprio lar. O material de estudo era entregue, na maioria das vezes, por correio, sendo reconhecido como importante fim lucrativo para as instituições independentes.

Alguns dos marcos históricos ocorridos no mundo são citados por Alves (2011), dentre eles: a criação do Instituto Lîber Hermondes, na Suécia, em 1829, que possibilitou o acesso a educação a distância a mais de 150.000 pessoas; a criação da Faculdade Sir Isaac Pitman, no Reino Unido, em 1840, considerada a primeira escola por correspondência da Europa; inauguração da Divisão de Ensino por Correspondência para preparação de docentes, pelo Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 1892; e por fim, o início dos cursos por correspondência na União Soviética, em 1922.

Cabe ressaltar que, apesar deste método de ensino ter incentivado a criação de instituições com fins lucrativos em vários países, muitos mantinham a metodologia para proporcionar oportunidades de aprendizado para aqueles cidadãos que não possuíam acesso à educação sistematizada. As mulheres estavam englobadas neste grupo, já que por volta de 1880, as mesmas eram impedidas de entrar nas instituições de educação formal (MOORE; KEARSLEY, 2007).

2.1.2 SEGUNDA GERAÇÃO DA EAD

Quando o ensino passou a ser praticado através do rádio e da televisão, reconhecemos a segunda geração da educação a distância. Isto ocorreu por volta do século XX, com a invenção do rádio e da televisão, substituindo as metodologias impressas pelas audiovisuais. Primeiramente, por volta da década de 1930, foram surgindo as primeiras instituições que visavam oferecer o aprendizado através do rádio.

Com o tempo, foram criadas organizações que conseguiram incorporar a televisão nas práticas educativas, o que fortaleceu significativamente o interesse por uma parte da população pelas ações pedagógicas em todo o mundo. Pretty (1996) relata que a utilização do rádio e da televisão no ensino a distância foi capaz de incentivar ainda mais as pessoas a ingressarem em cursos profissionalizantes, aumentando assim consideravelmente a quantidade de instituições no setor e, conseqüentemente, o número de adeptos.

Spanhol (1999) ressalta que os instrumentos de transmissão e recepção “já estavam bem desenvolvidos para transmissão terrestre na linha do horizonte, obrigando a indústria a desenvolver novas formas de transmissão e conexão”. A exigência foi fundamental para que fossem criadas e desenvolvidas grandes estruturas universitárias cujo potencial era atender mais de 100 mil estudantes que poderiam estar espalhados no mundo todo.

Esta perspectiva contribuiu tanto com a “qualidade e respeitabilidade quanto pelo método de produção de cursos, a forma de articular as tecnologias comunicativas existentes e a preocupação com a investigação pedagógica” (NUNES, 2009).

Dentro deste contexto, os fatos históricos mais importantes dessa fase foram:

- 1935 – o *Japanese National Public Broadcasting Service* inicia seus programas escolares pelo rádio, como complemento e enriquecimento da escola oficial;
- 1947 – inicia-se a transmissão das aulas de quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, na França, por meio da Rádio Sorbonne;
- 1956 – a *Chicago TV College*, Estados Unidos, inicia a transmissão de programas educativos pela televisão, cuja influência pode notar-se rapidamente em outras universidades do país que não tardaram em criar unidades de ensino a distância, baseadas fundamentalmente na televisão;
- 1960 – na Argentina, nasce a Tele Escola Primária do Ministério da Cultura e Educação, que integrava os materiais impressos à televisão e à tutoria.

(ALVES, 2011)

2.1.3 TERCEIRA GERAÇÃO DA EAD

Marcada por um novo padrão de ensino, esta geração da EAD pôde ser observada no final da década de 1960 e início da década de 1970, com o surgimento da *teleaprendizagem* com o intuito de acrescentar novos dispositivos audiovisuais às ações pedagógicas a distância, permitindo assim o alcance da comunicação síncrona.

“No final da década de 1960 e o início da de 1970 formaram um período de mudanças importantes na educação a distância, resultantes de diversas experiências com novas modalidades de organização da tecnologia e de recursos humanos, conduzindo a novas técnicas de instrução e a uma nova teorização da educação”.

(MOORE; KEARSLEY, 2007)

Com base nesses princípios, é possível ressaltar que importantes mudanças foram observadas no período, porém, as mais importantes foram o fortalecimento dos recursos humanos nas instituições de ensino; guias de estudo impresso; otimização da transmissão via rádio e televisão; conferência por telefone; criação de kits que forneciam aos alunos experiências práticas; e gravação de áudios para armazenamento (MOORE; KEARSLEY, 2007).

Mais uma vez, os fatos históricos são apresentados por Alves, destacando as seguintes criações:

- 1968 – é criada a Universidade do Pacífico Sul, uma universidade regional que pertence a 12 países-ilhas da Oceania;
- 1969 – no Reino Unido, é criada a Fundação da Universidade Aberta;
- 1971 – a Universidade Aberta Britânica é fundada;
- 1972 – na Espanha, é fundada a Universidade Nacional de Educação a Distância;
- 1977 – na Venezuela, é criada a Fundação da Universidade Nacional Aberta;
- 1978 – na Costa Rica, é fundada a Universidade Estadual a Distância.

(ALVES, 2011)

De acordo com Litwin (2001), nesse período, foram criadas as primeiras universidades abertas visando melhorar a estrutura básica do ensino a distância, o que caracterizou totalmente a EAD nas universidades.

2.1.4 QUARTA GERAÇÃO DA EAD

Com a invenção das ferramentas de áudio e vídeoconferência, o ensino passou a ser disseminado por telefone, satélite, cabo e grandes redes de computadores a partir dos anos 1980. Inicialmente, os Estados Unidos se destacaram pela crescente atratividade que suas instituições apresentavam. Além disso, seus educadores e projetadores se demonstraram animados com a adoção de um novo modelo de ensino, rompendo com os paradigmas tradicionais da educação presencial. Os fatos históricos que merecem ser destacados neste período são:

- 1984 – na Holanda, é implantada a Universidade Aberta;
- 1985 – é criada a Fundação da Associação Europeia das Escolas por Correspondência;
- 1985 – na Índia, é realizada a implantação da Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi;
- 1987 – é divulgada a resolução do Parlamento Europeu sobre Universidades Abertas na Comunidade Europeia;
- 1987 – é criada a Fundação da Associação Europeia de Universidades de Ensino a Distância;
- 1988 – em Portugal, é criada a Fundação da Universidade Aberta;
- 1990 – é implantada a rede Europeia de Educação a Distância, baseada na declaração de Budapeste e o relatório da Comissão sobre educação aberta e a distância na Comunidade Europeia.

(ALVES, 2011)

Assim, afirma-se que “a educação a distância que surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1980 era baseada na tecnologia da teleconferência e, portanto, era elaborada normalmente para o uso de grupos” (MOORE; KEARSLEY, 2007). A teleconferência era utilizada pela maioria das organizações educativas a distância, sendo considerada o elemento determinante para o fortalecimento da interatividade entre professores e estudantes de modo simultâneo em diversos locais.

2.1.5 QUINTA GERAÇÃO DA EAD

A quinta geração remete às práticas de ensino praticadas através da Internet, essa didática ocorre a partir dos anos 1980. A nova tecnologia proporcionou o uso das teleconferências por áudio, vídeo e computador que passaram a ser disponibilizadas na web, permitindo maior abrangência do ensino a distância.

Para Angelita Mendes esta geração:

“[...] é uma derivação da anterior, pois consolidou-se com o surgimento da internet, onde apropriou-se primeiramente de um sistema chamado de world wide web, possibilitando as classes virtuais on-line, e visa tirar uma grande vantagem da internet e web. Nesse modelo de aprendizagem flexível e inteligente, há uma permissividade de concentração do texto, áudio e vídeo em uma mesma plataforma de comunicação, e daí a grande busca da superação das barreiras geográficas e de comunicação”.

(MENDES, 2010)

Segundo Viviane Bernardo:

“[...] atualmente, é bastante crescente a criação de instituições e organizações que visem à disseminação de treinamentos e cursos por meio da educação a distância, visto que as universidades a distância ao longo de sua história conseguiram incorporar às suas práticas educacionais novas ferramentas tecnológicas que contribuíram decisivamente para a aceitação cada vez maior por alunos em todo o mundo”.

(BERNARDO, 2006)

Essas gerações foram organizadas por Chaves (1999) de maneira sucinta:

Tecnologia	Época	Evolução
Impressa	Século XV	Teve grande relevância na difusão do ensino a distância, podendo ser considerada a tecnologia mais importante para tal antes do aparecimento de modernas tecnologias. Sua importância se deu principalmente pelo maior poder de reprodução dos textos em relação às cartas, sendo então a primeiro modo de ensino a distância em massa.
Rádio	Anos 1920	Através do rádio foi possível que as informações (em áudio) fossem levadas a localidades remotas, podendo, assim, transmitir a parte sonora de uma sala de aula.
Televisão	Anos 1940	Possibilitou a transmissão de sons e imagens, o que permitia o acréscimo visual de informações para o ensino a distância. Dessa forma, era possível transmitir remotamente os componentes audiovisuais de uma sala de aula.
Computador + Telecomunicações	Anos 1990	Permitiu o envio de texto, imagens e sons para qualquer parte do planeta. Além disso, possibilitou que as informações ficassem disponíveis por tempo indeterminado, permitindo, assim, que uma pessoa tivesse acesso à informação no momento em que desejasse. Ou seja, foi possível um acesso não linear, assíncrono (e-mail) ou síncrono (chat's), e interativo das informações. Dessa forma, o computador, juntamente com os avanços tecnológicos das telecomunicações ampliou as possibilidades da educação a distância.

Tabela 1- A evolução da EAD no mundo
Fonte: CHAVES (1999)

Diante dos referenciais apresentados até o momento, é possível constatar que o ensino a distância atualmente vivencia uma fase além dos limites físicos e geográficos, em que vários discentes, em diferentes locais, podem ter acesso a um aprendizado de qualidade a qualquer horário, fazendo com que a EAD seja uma ferramenta totalmente interativa e inclusiva para as práticas educativas em todo o mundo, transformando a realidade do ensino no meio social e acarretando em uma nova realidade até então nunca vivida.

2.2 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS DA EAD NO BRASIL

Conforme relata Alves (2009), a trajetória da EAD no Brasil foi marcada por inúmeras atividades de sucesso, apesar de em alguns momentos apresentar períodos de estagnação proveniente da carência de políticas públicas que garantissem a efetividade do sistema educacional brasileiro na década de 1970. Com isso, para compreender melhor esses aspectos, é fundamental a compreensão dos marcos históricos que antecederam este acontecimento.

As primeiras iniciativas de cursos profissionalizantes a distância no país datam de 1900, quando inúmeros anúncios eram publicados nos jornais do Rio de Janeiro oferecendo cursos de datilografia que eram ministrados por educadores particulares, sendo que somente em 1904 foi inaugurada a primeira instalação das Escolas Internacionais no país (LITWIN, 2001).

Em relação a esta instituição, Alves relata que:

“A unidade de ensino, estruturada formalmente, era filial de uma organização norte-americana existente até hoje e presente em diversos países. Os cursos oferecidos eram todos voltados para as pessoas que estavam em busca de empregos, especialmente nos setores de comércio e serviços. O ensino era, naturalmente, por correspondência, com remessa de materiais didáticos pelos correios, que usavam principalmente as ferrovias para o transporte”.

(ALVES, 2009)

As transformações na educação a distância proporcionadas via radiodifusão ocorreram a partir de 1923, com a criação da primeira estação radiofônica por Roquete Pinto (MENDES et al., 2010). Com a invenção do rádio, muitos educadores da época se demonstraram otimistas devido à expansão e possibilidade de aprender tendo em mãos a tecnologia como aliada nas práticas de ensino-aprendizagem.

Alves (2009) relata que foi inaugurada a rádio Sociedade do Rio de Janeiro, uma organização privada, que visava proporcionar o ensino à população carente através do sistema

de radiodifusão juntamente com materiais impressos, distribuídos aos cursistas. Porém, obteve bons resultados apenas em 1937, com a criação do Serviço de Radiodifusão Educativa, pelo Ministério da Educação.

Dentre os inúmeros projetos envolvendo esse aparato tecnológico, destacavam-se o *Projeto Madureza* e o *Projeto Minerva*. No Nordeste, o Instituto de Radiofusão Educativa da Bahia também manteve importante papel no fortalecimento do ensino a distância.

Cabe enfatizar que no ano de 1934, o país já mantinha o desenvolvimento da televisão educativa, responsável por disponibilizar aulas educativas através de emissoras comerciais. Esses programas ofereciam ainda um canal de *tira-dúvidas*, em que os cursistas poderiam esclarecer suas dúvidas através do telefone e por correspondência.

No entanto, cabe ressaltar que o ensino a distância por correspondência no Brasil foi consagrado apenas na metade do século XX, com a criação do Instituto Monitor em 1939, e do Instituto Universal Brasileiro (IUB), em 1941 (VIANNEY, TORRES, SILVA, 2003). O Instituto Monitor foi a primeira organização de iniciativa privada a oferecer o serviço de educação a distância, atendendo mais de cinco milhões de pessoas naquela época.

A partir de 1954, as propostas educativas através da televisão obteve melhor resultado, uma vez que as transmissões começaram a ser praticadas através de uma antena especial, tendo proporcionado a disseminação dos programas educativos e os telecursos por TV a cabo.

Dentre os marcos históricos no Brasil, destacam-se:

- 1947 – surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo desta era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam através das apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. A Universidade do Ar durou até 1961, entretanto, a experiência do SENAC com a Educação a Distância continua até hoje;
- 1959 – a Diocese de Natal, Rio Grande do Norte, cria algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na Educação a Distância não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal, utilizou-se inicialmente de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos;
- 1962 – é fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica;
- 1967 – o Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda nesse ano, a Fundação Padre Landell de Moura cria seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio.

(ALVES, 2011)

No ano de 1965, o Estado criou a TV Educativa sem manter qualquer tipo de orientação sobre o planejamento da política setorial do poder público. Assim, muitas emissoras foram criadas a partir de ordens políticas, algumas mantiveram o caráter democrático e idealista, porém poucas apresentavam objetivos realmente definidos, impedindo que fosse traçada qualquer tipo de meta voltada para os objetivos pedagógicos. Mesmo assim, a TV Educativa foi bastante utilizada para incentivar os cursos profissionalizantes a distância (MENDES, 2010).

Em 1976, o Sistema Nacional de Tele-educação foi criado com o propósito de conservar o ensino por correspondência, mantendo poucas ações educativas através do rádio e da televisão. Apesar disso, o sistema matriculou 1.403.105 alunos, ofertando 40 cursos diferentes. Outro exemplo bastante conhecido e valorizado pela EAD através da televisão foi os Telecursos disponibilizados pela Fundação Roberto Marinho na década de 1970, contribuindo para que muitas fundações públicas e privadas pudessem receber os telecursos, além dos materiais impressos que ofereciam maior suporte e entendimento das disciplinas. Com a expansão deste sistema por todo o país, o Brasil foi considerado neste período o líder a modalidade (MARQUES, 2004).

A incorporação dos computadores e da expansão da Internet nas práticas pedagógicas na EAD no Brasil foi praticada com a criação das primeiras universidades de ensino a distância no país, a partir da década de 1970, contribuindo significativamente com a consolidação da modalidade em todo o sistema educativo brasileiro (ALVES, 2009).

Não obstante, Parente (2004) relaciona o uso das redes computacionais com o aumento da interação entre o aluno e o processo educativo a distância, ampliando as atividades comunicativas entre educador e aprendiz, havendo melhor intercâmbio educacional e cultural em todo o território nacional. O autor ainda considera que isso foi fundamental para que a educação brasileira como um todo pudesse valorizar as ferramentas tecnológicas em sala de aula, visto que a EAD mantinha a função de acelerar a autonomia de aprendizagem dos educandos, rompendo obstáculos próprios existentes em sala de aula.

Marques (2004) ressalta que com a expansão dos meios de comunicação e da ampliação do acesso à internet para a população brasileira, observada entre 1988 a 1991, a informatização permitiu que o Sistema de Tele-educação dos telecurso fosse reestruturado para atender ao setor de educação a distância mais efetivamente. Assim, em 1995, determinaram-se diretrizes praticadas até a atualidade, momento em que o Departamento Nacional de Educação inaugurou um departamento destinado apenas para a EAD, o Centro Nacional de Educação a Distância (CEAD).

É preciso considerar que na década de 1990, o ensino a distância sofreu um período de estagnação, visto que a falta de regulamentação dos cursos causava na população um certo preconceito, exigindo que o poder público tomasse decisões mais eficazes a respeito desta questão (RODRIGUES, 2009).

“A década de 1990 registra ainda a criação da Universidade Aberta de Brasília (Lei 403/92), podendo atingir três campos distintos, ampliação do conhecimento cultural: organização de cursos específicos de acesso a todos; Educação continuada: reciclagem profissional às diversas categorias de trabalhadores e àqueles que já passaram pela universidade; Ensino superior: englobando tanto a graduação como a pós-graduação”.

(COSTA, FARIA, 2008)

Com base nesta decisão foi oficializada outra norma de educação a distância através da Lei nº 9.394/96, ocorrendo a oficialização dos aspectos que envolviam a prática a distância como uma modalidade válida em todos os níveis de ensino. Sobre essa questão, Marques (2004) revela que a EAD passou a ser considerada um objeto formal para a população brasileira. Logo no ano seguinte, já era possível encontrar os primeiros cursos de pós-graduação a distância, porém os mesmos só foram reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC) em 1999. Em 2002, o órgão começou a organizá-los visando credenciar as universidades atuantes no segmento.

Foi a partir disto que a EAD obteve melhor aceitação no Conselho Federal de Educação, já que, foi considerada pelo poder público brasileiro como importante ferramenta incentivadora do crescimento do ensino superior no país, contribuindo também para o desenvolvimento econômico e social. Em 2005, esta modalidade de aprendizagem foi ressaltada pelo atual ministro da Educação da época, Tarso Genro, como um instrumento estratégico para a promoção do aumento da quantidade de vagas nas universidades públicas, exigindo também alto nível de formação profissional dos docentes (VIANNEY, 2006).

Um ano após este discurso, a EAD, foi oficializada como a principal ação de alavancagem do ensino superior público no país, permitindo que muitas universidades públicas proporcionassem cursos a distância através da parceria com outros estados e municípios, sendo em muitos casos financiados pelo Governo Federal.

Atualmente, é possível observar que inúmeras instituições universitárias estão autorizadas a oferecer cursos a distância, seja de graduação ou pós-graduação. Além disso, existe uma vasta oferta de cursos livres, profissionalizantes, capacitação e de *lato e stritu senso*, aumentando ainda mais o interesse da população por este segmento.

Para clarificar as primeiras experiências de EAD no Brasil, visando um melhor entendimento dos acontecimentos:

Ano	Experiências
1900	Anúncios em jornais de cursos de datilografia, no Rio de Janeiro.
1904	Instalação das Escolas Internacionais que ministravam cursos nos setores de comércio e serviços.
Primeiras experiências em rádio	
1923	Fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A principal função da emissora era possibilitar a educação popular.
1936	Doação da emissora para o Ministério da Educação e Saúde.
1937	Programas implantados pelo Serviço de Radiofusão Educativa do Ministério da Educação.
1946	O SENAC desenvolve a Universidade do Ar.
1959	A Igreja Católica cria escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base.
1969	A Igreja Católica cria escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base.
Primeiras experiências em televisão	
1967	O Código Brasileiro de Telecomunicações determina a transmissão de programas educativos pelas televisões educativas.
1969	Criação do Sistema Avançado de Tecnologias Educacionais que previa a utilização de rádio, televisão e outros meios aplicáveis.
1972	Criação do Programa Nacional de Teleducção (Prontel), com curta duração, pois, logo em seguida, surgiria o Centro Brasileiro de TV Educativa (Funtevê), órgão integrante do Departamento de Aplicações Tecnológicas do Ministério da Educação e Cultura.
1994	<ul style="list-style-type: none"> Reformulação do Sistema Nacional de Radiofusão Educativa, cabendo à Fundação Roquete Pinto, a coordenação das ações. A Fundação Roberto Marinho cria os telecursos. O poder público federal mantém o sistema da TV Escola.
Primeiras experiências a partir do advento dos computadores e da Internet	
1970	Instalação dos primeiros computadores nas universidades.
Atualmente	A Internet, disponível nos computadores pessoais, consolida a propagação do ensino a distância para todo o sistema educativo brasileiro (e mundial).

Tabela 2 - Evolução da EAD no Brasil
Fonte: BRITO (2010)

Com base nos marcos citados acima, afirma-se que a utilização da Internet como instrumento para o fortalecimento da EAD no Brasil foi notoriamente observada dentre os principais fatos históricos do país. O ensino a distância pôde alcançar maior dimensão qualitativa e cooperativa, possibilitando a muitos brasileiros o benefício de uma prática pedagógica mais acessível e totalmente interativa. Portanto, constata-se que o uso da Internet levou a EAD a alcançar um dinamismo jamais visto em outra modalidade de ensino, otimizando o processo de ensino-aprendizagem e ampliando a abrangência do estudo à sociedade.

2.3 O CONCEITO DE EAD

Através dos aspectos históricos mencionados nos tópicos anteriores pode-se perceber que a educação a distância é considerada um recurso de alta contingência a toda a população, visto que pode atuar de maneira mais efetiva no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Segundo Nunes (1994), a EAD envolve a prática do ensino-aprendizagem a distância, porém para o autor, antes de compreender melhor a definição desta modalidade, é fundamental que se entenda que a conceituação deve partir de seus instrumentos utilizados atualmente, já que suas definições ao longo do tempo foram alteradas para atender às inúmeras gerações que foram surgindo com o passar de sua história.

Dessa maneira, Lima afirma que:

“As primeiras abordagens conceituais, que qualificavam a Educação a Distância, isto é uma educação não presencial, tomavam como paradigma um referencial externo ao próprio objeto, pois estabeleciam comparação imediata com a educação presencial, direta ou face-a-face, e o professor, presente em sala de aula, é a figura central. No Brasil, até hoje, muitos costumam seguir o mesmo caminho, preferindo tratar a Educação a Distância a partir da comparação com a modalidade presencial da educação. Esse comportamento não é de todo incorreto, mas promove um entendimento parcial do que é Educação a Distância e, em alguns casos, estabelece termos de comparação pouco científicos”.

(LIMA, 2003)

Observa-se que muitas abordagens provenientes do avanço das ferramentas de multimídia permitiram a expansão dos cursos através das mídias digitais e da Internet, inovando a área da EAD.

Segundo Carlos Brito:

“Se, antes, Educação a Distância (EaD) podia ser caracterizada como o sistema educacional onde há total separação física entre professor e aluno (em contraposição com a Educação Presencial), hoje, a fronteira entre Educação a Distância e Educação Presencial encontrasse cada vez menos nítida”.

(BRITO, 2010)

Diante deste cenário, convém conceituar Educação a Distância como sendo o processo de ensino-aprendizagem praticado através da mediação por tecnologias, em que o professor e aluno podem estar conectados em tempo real, ou o aluno pode ter acesso às aulas através de recursos como vídeo, CD- ROM e tecnologias semelhantes (MORÁN, 2002).

Conforme relata Bernardo (2009), o conceito de EAD envolve a maneira sistemática e organizada de se autoestudar, uma vez que o próprio educando é seu incentivador no processo de aprendizagem. Este processo deve ser praticado a partir do material que lhe é oferecido, mantendo a orientação de professores através das aulas virtuais, rompendo os obstáculos de longas distâncias.

A definição de educação a distância envolve:

“[...] uma atividade de ensino e aprendizado sem que haja proximidade entre professor e alunos, em que a comunicação bidirecional entre os vários sujeitos do processo (professor, alunos, monitores, administração seja realizada por meio de algum recurso tecnológico intermediário, como cartas, textos impressos, televisão, radiodifusão ou ambientes computacionais”.

(ALVES; ZAMBALDE e FIGUEIREDO, 2004)

Com isso, a separação física entre professor e aluno e a utilização de ferramentas tecnológicas é observada na definição de Chaves (1999), o autor afirma que a EAD é o ensino praticado quando o docente e o discente se encontram separados, seja no tempo ou no espaço, propondo maior nível de interatividade com o uso de recursos audiovisuais e da Internet, tornando as aulas mais dinâmicas e produtivas.

Nunes (1994) afirma que a educação a distância é um instrumento essencial que permite “atender a grandes contingentes de alunos de forma mais efetiva que outras modalidades e sem riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos em decorrência da ampliação da clientela atendida”.

Afirma-se ainda que a EAD:

“Trata-se de uma inovação educativa que tem como objetivo maior gerar condições de acesso à educação para todos aqueles que, por um motivo ou outro, não estejam sendo atendidos satisfatoriamente pelos meios tradicionais de ensino. Ainda mais, o avanço tecnológico constante aliado às transformações cada vez mais rápidas em todas as esferas da vida humana, obriga-nos a uma busca contínua de novas metodologias, capacitações para aprendizagem de novas técnicas e procedimentos, para sobrevivermos com autonomia e liberdade neste mundo contemporâneo”.

(LIMA, 2003)

A relação entre o ensino a distância e a internet é descrita por Spanhol (1999) como sendo:

“[...] uma modalidade de troca de informações entre computadores heterogêneos situados em ambientes remotos ligados aos ‘backbones’ (espinha dorsal) existentes em cada país e interconectados através de servidores quando numa rede corporativa e através de um ‘modem’ ligado a linha telefônica ou ‘cable modem’ ao usuário comum”.

(SPANHOL, 1999)

Para Moraes (2003), tratar “da educação a distância é uma questão bastante complexa, pois trata-se de analisar e avaliar a qualidade das relações sociais nos ambientes de aprendizagem mediados por alguma técnica”.

“As tecnologias interativas, sobretudo, vêm evidenciando, na educação a distância, o que deveria ser o cerne de qualquer processo de educação: a interação e a interlocução entre todos os que estão envolvidos nesse processo. Na medida em que avançam as tecnologias de comunicação virtual (que conectam pessoas que estão distantes fisicamente como a Internet, telecomunicações, videoconferência, redes de alta velocidade) o conceito de presencialidade também se altera. Poderemos ter professores externos compartilhando determinadas aulas, um professor de fora "entrando" com sua imagem e voz, na aula de outro professor... Haverá, assim, um intercâmbio maior de saberes, possibilitando que cada professor colabore, com seus conhecimentos específicos, no processo de construção do conhecimento, muitas vezes a distância”.

(MORÁN, 2002)

Através dos conceitos citados acima, pode-se compreender que a educação a distância é uma modalidade de ensino que rompe as barreiras tradicionais do ensino, sendo proveniente do desenvolvimento tecnológico que foi capaz de desenvolver inúmeras metodologias de ensino e aprendizagem, envolvendo métodos e ferramentas tecnológicas que se encontram na atualidade à disposição da sociedade.

O ensino a distância contribui com uma educação autônoma em que o aluno, através da intensificação tecnológica dos recursos, consegue obter o conhecimento em qualquer lugar e em qualquer horário, integrando suas necessidades com suas expectativas. O alto nível de interação e integração do aluno com as metodologias de ensino tem fortalecido ainda mais a modalidade, criando verdadeiras universidades virtuais.

“[...] a Educação a Distância pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento educacional de um país, notadamente de uma sociedade com características brasileiras e dimensões continentais, cujo sistema educacional não consegue desenvolver as múltiplas ações que a cidadania requer”.

(LIMA, 2007)

Atualmente as empresas, ainda que com determinado receio, contratam profissionais formados em cursos a distância, assim como profissionais competentes que se destacam de outros cujos diplomas foram obtidos através do ensino presencial. Observa-se ainda que este

preconceito encontra-se a caminho da extinção, visto que a sociedade está mais integrada com os aspectos tecnológicos, principalmente com os educacionais.

São inúmeros os benefícios do ensino a distância aos envolvidos, merecendo destaque os seguintes:

“[...] maior flexibilidade no acesso, permitido a qualquer tempo e lugar conectado à rede; aumento da capilaridade para a oferta de cursos a distância, atendendo a alunos dispersos ou àqueles que se encontram afastados dos centros educacionais; a permanência do aluno em seu meio cultural evitando a migração para grandes centros com maior oferta de Ensino Superior presencial; a redução de custos na produção de conteúdos e materiais didáticos; a contratação dos melhores especialistas para elaboração dos materiais instrucionais para a mídia digital, o que possibilitaria, em tese, a melhoria da qualidade dos conteúdos e materiais didáticos; o acesso a bases de dados e a bibliotecas virtuais para todos os agentes envolvidos, contribuindo para a democratização da informação, base da nova sociedade do conhecimento; a individuação dos percursos de aprendizagem, personalizando o atendimento aos alunos e respeitando o ritmo de aprendizado e outras características pessoais; o desenvolvimento, no aluno, da autonomia e da habilidade para o trabalho em grupo, características desejadas pelo mercado de trabalho pós-industrial; formação de redes nacionais e internacionais de cooperação para gerar conteúdos de alta qualidade a custos compartilhados; e, ainda, a diminuição do preço final a ser cobrado de alunos”.

(VIEIRA, 2010)

No entanto, apesar de todos os benefícios citados por Vieira (2010), Lima (2003) relata que a EAD não pode ser considerada como uma modalidade substituta da Educação Presencial, uma vez que a mesma fornece novas oportunidades de ensino. Além disso, não é intuito desta modalidade incentivar a substituição do professor, visto que ela procura valorizá-lo em suas capacidades, exercendo importante motivação no mesmo para lidar com o aluno da melhor maneira possível, promovendo a cooperação. Entende-se então que a EAD mantém a perspectiva de oferecer novas experiências de vida para o compartilhamento do conhecimento a quem se interessar e para aqueles que não possuem acesso à educação tradicional.

“Uma característica especial da educação a distância e talvez daquilo que a maioria das pessoas considera quando pensa sobre educação a distância é a capacidade de uma instituição ou organização proporcionar acesso à educação a alguns alunos que, de outra forma, não poderia obtê-la. [...] o acesso é até mais importante para determinados tipos de alunos: deficientes, idosos ou que moram em áreas rurais ou remotas”.

(MOORE; KEARSLEY, 2007)

A metodologia atual da Educação à Distância envolve alto nível de relevância social, pois contribui com o acesso ao sistema educacional normalmente por aqueles indivíduos que se mantêm excluídos do processo educacional superior público. Na maioria das vezes, esses cidadãos moram longe das universidades ou não possuem tempo suficiente para se dedicar à Educação Superior nos horários tradicionais, optando então pela formação a distância, fazendo com que este cidadão se sinta incluído novamente no desenvolvimento da sociedade, já que poderá melhorar seu futuro profissional através dos cursos a distância. Neste sentido, Pretty (1996) afirma que a EAD é um instrumento essencial para a promoção e incentivo de novas oportunidades educacionais. Para o autor:

“[...] oferece serviços educativos aos quais não tiveram acesso diversos setores ou grupos da população, por inúmeros motivos, tais como: localização geográfica ou situação social, falta de oferta de determinados níveis ou cursos na região onde moram ou ainda questões pessoais familiares ou econômicas, que impossibilitavam o acesso ou continuidade do processo educativo”.

(PRETTY, 1996)

Assim, o desenvolvimento da EAD permite a implementação de projetos educacionais diversos, principalmente no Brasil que apresenta complexas situações devido à pluralidade da sociedade. Atualmente, o ensino a distância no país é usado para cursos profissionalizantes, capacitação para o mercado de trabalho, divulgação científica, campanhas de alfabetização e em vários outros programas cujo objetivo maior é oferecer o conhecimento à população (LITWIN, 2001).

Pressupõe-se que, de certa maneira, a EAD pode ser considerada o ponto de partida para a compreensão da realidade social brasileiro, ressaltando suas contradições e desigualdades.

Para tanto, esta modalidade de ensino contribui com o atendimento da demanda da população mais carente por ensino, ou seja, com o atendimento de uma parcela da população cujas políticas públicas não conseguem abranger. Afirma-se que a EAD é uma condição e uma ferramenta indispensável para o exercício da cidadania.

“Esse esforço reveste-se da necessidade de um gerenciamento único das ações presenciais e a distância e, além disso, do envolvimento de todos os agentes educacionais da instituição, sejam estes administradores, docentes ou técnicos que apoiam pedagogicamente ou administrativamente o processo educacional”.

(GONÇALVES, 1996)

Segundo Maia e Mattar (2007), o ensino a distância é praticado por inúmeros setores, sendo utilizada pela educação básica em projetos sociais, no ensino superior para graduação e pós-graduação, em universidades abertas, universidades virtuais, treinamentos governamentais, cursos livres profissionalizantes etc. Os autores ainda relatam que muitas empresas estão incentivando seus funcionários a melhorarem sua formação profissional através desta modalidade, visto que as organizações estão compreendendo que o tempo do trabalhador se encontra cada vez mais escasso e valorizado. A quantidade de universidades e instituições de ensino a distância no Brasil é bastante elevada, sendo que são mais de 215 cursos reconhecidos pelo MEC (BRITO, 2010).

Esta modalidade em desenvolvimento é alvo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que realiza todos os anos o Censo da Educação Superior (CENSUP), objetivando demonstrar o cenário da educação superior no país. Assim, o ensino a distância também é abordado neste estudo.

No último relatório disponibilizado para a população, o censo demonstrou que a EAD apresentou taxas maiores de crescimento quando comparadas com as do ensino presencial, abrangendo uma parcela relevante da educação superior brasileira. O ensino à distância manteve uma taxa de crescimento de 14,6% do total do número de matrículas. Esses resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 1- Evolução do número de matrículas por modalidade de ensino - Brasil: 2001-2010

Fonte: Censo da Educação Superior (2010)

Resultados bastante satisfatórios também foram observados no gráfico abaixo onde a EAD obteve 426.241 matrículas de licenciatura, 268.173 de bacharelado e 235.765 matrículas em cursos tecnológicos.

Gráfico 2- Número de matrículas do ensino a distância – 2010

Fonte: Censo da Educação Superior (2010)

O gráfico abaixo demonstra a dispersão da idade dos alunos matriculados de acordo com a modalidade de ensino. Constata-se que em 2010, metade dos alunos do ensino a

distância possui até 32 anos, sendo que os mais jovens somaram um percentual de 26%, apresentando idade até 26 anos. Já os outros 25% são formados por alunos mais velhos, com mais de 40 anos. Para tanto, a média total dos alunos do ensino a distância é de 33 anos enquanto a dos alunos do ensino presencial é de 26 anos.

Gráfico 3- Dispersão da idade dos alunos matriculados nos cursos de graduação por modalidade de ensino - Brasil: 2010

Fonte: Censo da Educação Superior (2010)

Cabe ressaltar ainda que se, por um lado, a EAD cresce notoriamente, a evasão escolar merece também uma investigação, visto que esta questão é extremamente importante, já que os fatores que levam os alunos a deixarem o curso devem ser investigados por todas as modalidades de ensino.

Nesse sentido, precisa-se considerar que como a maioria dos alunos da EAD são indivíduos cujo tempo ou a acessibilidade são obstáculos de ensino, pode-se afirmar que isto também pode ser decisivo para o abandono do curso a distância.

Para Wilges. (2010):

“Em cursos à distância, a evasão é tida como um fator frequente. O êxito em um curso pode ter como influência diversos fatores, entre eles: uma definição clara do programa, a utilização correta do material didático, o uso correto de meios apropriados que facilitem a interatividade entre professores e alunos e entre os alunos, e a capacitação dos professores. Afora esses aspectos, a evasão pode também ser influenciada por razões profissionais, dificuldades acadêmicas, motivos familiares, motivos pessoais, entre outros”.

(WILGES, 2010)

Diante disso, o gráfico abaixo demonstra a evasão escolar no último documento liberado pelo Instituto Monitor, em que é possível observar a evasão escolar por região do país, demonstrando que a região de maior índice é o Sudeste, com 34% de evasão escolar.

Gráfico 4 - Número de estudantes evadidos de cursos a distância - Brasil: 2007

Fonte: Instituto Monitor (2007)

O gráfico acima apresenta índices alarmantes de evasão escolar na EAD. Assim, há de existir a consciência de que apesar do crescimento da modalidade no país, o alto índice de evasão ainda é o principal problema para o segmento, concluindo que as instituições de EAD não devem se preocupar apenas em ampliar suas atividades e cursos, mas também sanar problemas e dúvidas existentes em seus serviços, visando suprir as necessidades dos alunos e superando suas expectativas, combatendo a evasão escolar e reduzindo significativamente seus índices.

2.4 A LEGISLAÇÃO DA EAD NO BRASIL

A legislação da EAD no Brasil começou a obter diretrizes mais eficazes a partir da Lei de Diretrizes de Bases (LDB), Nº 9.394, cujo objetivo era estabelecer a educação nacional. Voltada para a prática da Educação a Distância esta lei determinou que o Estado deveria ser incentivador do desenvolvimento e disseminação de programas de ensino a distância. No entanto, pouco se falou sobre as especificidades desta modalidade. Basicamente, o marco mais importante foi estabelecido pelo artigo abaixo:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º. A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º. A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º. As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º. A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

(BRASIL, 1996)

Segundo Lopes (2007):

“Para a Educação a Distância, esta lei teve muita importância, e mesmo não abrangendo aspectos necessários de regulamentação da modalidade, assinalou que a mesma deveria ser uma realidade próxima à educação brasileira, inclusive indicando tratamento diferenciado que incluía: custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens; concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas e reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais”.

(LOPES 2007)

Visando melhorar as diretrizes para a consolidação do ensino a distância no Brasil, em 2005, apesar de inúmeros decretos e portarias já terem sido emitidas antes, houve a regulamentação da EAD através do decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005, que visava melhorar as estratégias e metodologias de ensino a serem adotadas pelas instituições, visto que antes deste decreto, isto era considerado um obstáculo pois havia a carência de leis que regulamentassem este setor.

Um dos mais importantes marcos deste decreto foi a definição de competências de regulação e equiparação de validade dos cursos ofertados pela modalidade, mantendo também cursos presenciais. Assim, os momentos presenciais foram abordados logo no artigo 1:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

§ 1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I - avaliações de estudantes;

II - estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

III - defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e

IV - atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso.

(BRASIL, 2005)

No ano seguinte, houve a regulação de outro decreto, o de nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispunha a respeito dos exercícios das funções de regulação, supervisão e avaliação das organizações voltadas para o ensino superior, incluindo a modalidade a distância.

Em relação à fragilidade da regulamentação da EAD no Brasil, Santos (2005) relata que:

“A fragilidade percebida a respeito do reconhecimento da EAD como um processo de ensino aprendizagem de qualidade é consequência da implantação de projetos baseados na lógica empresarial ou de mercado.

Devido ao atraso de nosso país nessa modalidade de ensino, existe uma falta de estrutura competente de fiscalização e adequação à realidade brasileira. Com isso discute-se sobre a validade da avaliação e formação por meio desse processo que já é amplamente difundido em outros países”.

(SANTOS, 2005)

Apesar da legislação brasileira se encontrar amparada por leis e decretos que visem sua regulamentação, é extremamente importante que o poder público esteja atento ao crescimento desta modalidade, já que sua expansão exige também leis mais eficientes e capazes de orientar e regulamentar melhor as atividades e os serviços das instituições de ensino a distância. Assim, o Estado poderá garantir que as empresas cumpram com seu dever e tenham seus direitos valorizados, bem como o estudante.

3. O TUTOR A DISTÂNCIA

Este capítulo possui a finalidade de demonstrar como se dá o processo de tutoria a distância, visando identificar os diferentes modelos existentes atualmente no Brasil, ressaltando, dessa maneira, as inúmeras práticas que são atribuições do tutor na EAD.

3.1. MODELOS DE TUTORIA

De acordo com o estudo de Reis (2000) os modelos de tutoria proporcionados pelas universidades não são totalmente uniformes e homogêneos. Assim, para facilitar a compreensão a respeito dos modelos de tutoria existentes, Reis considerou os três mais importantes de acordo com sua perspectiva, dentre eles:

3.1.1. TUTORIA SEMIPRESENCIAL

Neste modelo, as atividades de tutoria dos estudantes são praticadas totalmente a distância, uma vez que são utilizados inúmeros meios de comunicação para a prática da mediação pedagógica. De modo geral, os alunos costumam enviar os exercícios realizados através de correspondência, além de manter assessoria por telefone.

Morán (2007) afirma que o “semipresencial tende a avançar, porque crianças e jovens já têm uma relação com a Internet, redes, celulares e multimídia. Eles já vivem o semipresencial em muitas outras situações”.

“[...] é possível avançar rapidamente, trocar experiências, esclarecer dúvidas e inferir resultados. De agora em diante, as práticas educativas, cada vez mais, vão combinar cursos presenciais com virtuais, uma parte dos cursos presenciais será feita virtualmente, uma parte dos cursos a distância será feita de forma presencial ou virtual-presencial, ou seja, vendo-nos e ouvindo-nos, intercalando períodos de pesquisa individual com outros de pesquisa e comunicação conjunta. Alguns cursos poderemos fazê-los sozinhos, com a orientação virtual de um tutor, e em outros será importante compartilhar vivências, experiências, ideias”.

(MORÁN, 2002)

De acordo com as universidades pesquisadas por Reis (2000) que fazem uso desse método, os alunos ainda podem participar de encontros semanais que visam ao atendimento presencial, proporcionando momentos para que o estudante possa discutir dúvidas a respeito das disciplinas praticadas; no entanto, as tutorias não são obrigatórias.

3.1.2. TUTORIA BIMODAL

Este modelo envolve tanto a tutoria virtual quanto a tutoria presencial a cada determinado período, sendo que a primeira deve ser cumprida pelo aluno obrigatoriamente. Com isso, os aprendizes, logo que ingressam no curso, são apresentados ao seu responsável para que possam ter seu estudo acompanhado devidamente por um tutor.

Para Morán (2007), o modelo bimodal é o que mais cresce no Brasil, envolvendo:

“[...] teleaulas por satélite ao vivo, tutoria presencial e apoio da Internet. Aulas ao vivo para dezenas ou centenas de tele-salas, simultaneamente, onde em cada uma há uma turma de até cinquenta alunos, que assiste a essas aulas sob a supervisão de um tutor local e realiza algumas atividades complementares na sala. Há alguma interação entre alunos e professores através de perguntas mandadas via chat e que podem ser respondidas ao vivo via teleconferência, depois de passarem por um filtro de professores auxiliares ou tutores. Essas aulas são complementadas nas salas com atividades supervisionadas por um tutor presencial e outras, ao longo da semana, orientadas por um tutor on-line”.

(MORÁN, 2007)

As sessões presenciais são utilizadas para que o tutor possa conhecer o perfil de seu aluno e possa orientá-lo de maneira efetiva ao longo do período de ensino. Muitas universidades optam por oferecer reuniões de finais de semana para promover maior interação entre alunos e tutores.

Além disso,

“É um modelo muito atraente, porque combina mobilidade com a tradição de aprender com o especialista. Principalmente para pessoas mais simples, assusta menos e induz a pensar que educação a distância depende ainda da informação do professor. As atividades a distância, se bem feitas, conferem autonomia aos alunos, e, se combinadas com atividades colaborativas, podem compor um conjunto de estratégias combinadas muito interessantes e dinâmicas. O problema está na massificação, na manutenção de tutores generalistas mal pagos e tutores on-line sobrecarregados”.

(MORÁN, 2007)

Para a realização das provas, os alunos precisam se deslocar até a unidade da instituição, onde antes das mesmas, os aprendizes poderão solicitar ajuda ou não. Reis (2000) aponta que no início do curso, a tutoria presencial é mais utilizada pelos alunos, pois os mesmos se encontram duvidosos em relação às disciplinas, porém quando a confiança pode ser elevada, a tutoria presencial deixa de ser significativa. Assim, o aluno opta por praticar apenas a tutoria virtual.

3.1.3. TUTORIA VIRTUAL

Neste sistema, o modelo é caracterizado por um ambiente virtual onde ocorrem as mediações tecnológicas que são capazes de interferir significativamente no processo de ensino-aprendizagem, devido ao aumento das interações comunicativas. Se preciso, os estudantes podem estabelecer contato através do telefone, porém, isto ocorre raramente, pois a tutoria virtual é bastante efetiva. Neste modelo, a tutoria presencial não é necessária.

A utilização do computador é fundamental, visto que o processo de ensino aprendizagem se dá somente através da perspectiva interativa proporcionada por ambientes tecnológicos. Teruya (2006) afirma que “o uso do computador no ensino deve criar ambientes de aprendizagem com novas formas de pensar e aprender”.

Segundo Morán (2007) este modelo é denominado de educação on-line, pois:

“[...] o aluno se conecta a uma plataforma virtual e lá encontra materiais, tutoria e colegas para aprender com diferentes formas de organização da aprendizagem: umas mais focadas em conteúdos prontos e atividades até chegarmos a outras mais focadas em pesquisa, projetos e atividades colaborativas, onde há alguns conteúdos, mas o centro é o desenvolvimento de uma aprendizagem ativa e compartilhada”.

(MORAN, 2007)

Com base nos modelos citados acima, Veiga (2008) realizaram um estudo a fim de determinarem como ocorre o processo de tutoria e comunicação na EAD, conforme apresentado pela tabela abaixo:

Tipo de Comunicação	Natureza da Comunicação	Suporte tecnológico
Um-para-Um	Síncrona	Telefone, fax, videofone
Um-para-Um	Assíncrona	E-mail, transferência de arquivo, homepages
Um-para-Muitos	Síncrona	Transmissão direta via satélite com interação
Um-para-Muitos	Assíncrona	Listas de discussão, transferência de arquivo
Muitos-para-Muitos	Síncrona	Transmissão direta via satélite com interação
Muitos-para-Muitos	Assíncrona	Reuniões através do computador

Tabela 3 - Modalidades de comunicação na EAD

Fonte: VEIGA (1998)

Conforme visto na tabela acima, pode-se observar que no método assíncrono, a interatividade entre os docentes e os alunos não é obtida on-line, não sendo praticada em tempo real. No entanto, Veiga (1998) afirmam que a mesma pode apresentar as seguintes vantagens:

- Flexibilidade: o acesso ao material didático, principalmente quando disponibilizado na internet, sendo adquirido conforme as necessidades do aluno, independente do tempo.
- Tempo para reflexão: tanto os docentes quanto os estudantes possuem maiores possibilidades de melhorar seu amadurecimento em relação aos cursos on-line;
- Aprendizado local: permite maior acessibilidade com as experiências de outros alunos;
- Custo mais acessível: por exigir computadores menos sofisticados, tornam-se mais acessíveis.

O modo síncrono também apresenta benefícios, dentre eles:

- **Motivação:** melhora significativamente a motivação e a sinergia em grupo;
- **Telepresença:** a interação em tempo real contribui para um maior potencial de coesão no grupo de alunos;
- **Bom *feedback*:** o modo síncrono permite um melhor *feedback*;
- **Melhor acompanhamento:** a atualização com o curso é constante;

Diante desses benefícios, cabe afirmar que os sistemas síncronos são mais caros, uma vez que necessitam de elementos tecnológicos mais sofisticados, pois possuem a função de condicionar o desempenho do suporte estabelecido pela tutoria, porém são menos flexíveis, já que precisam que o aluno participe dos encontros virtuais.

Assim, entende-se que “a maior parte dos sistemas de EAD atuais exploram o modo assíncrono, embora exista uma tendência de se combinarem os dois sistemas de interação, buscando-se aumentar a produtividade do EAD” (VEIGA 1998).

Para tanto, é preciso considerar as limitações dos modelos de tutoria:

Tecnologia	Limitações
Sala de vídeo-conferência ou transmissão via satélite	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Pouco controle dos participantes ♦ Baixa retenção de conteúdo ♦ Pequena interação entre os participantes ♦ Pequena interação multimeios ♦ Controle limitado do desempenho do estudante
CD-ROM ou CBT - Computer Based Training	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Alto custo de desenvolvimento ♦ Baixas taxas de conclusão devido à ausência de um instrutor ♦ Não há interação entre os estudantes ♦ Não há acompanhamento em tempo real do estudante
Treinamento apoiado pela WEB	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Controle assíncrono pelo instrutor ♦ Suporte multimeios limitados

Tabela 4 - Limitações na EAD
Fonte: VEIGA (1998)

3.2. PRÁTICAS DO TUTOR

A relação ideal entre professor e aluno é fundamental numa perspectiva de participação e comprometimento mútuo, sendo que o processo de ensino-aprendizagem deve ser praticado com base em uma concepção transformada do saber científico e pedagógico. Dessa maneira, devem existir ações articuladas com o diálogo e com diretrizes acadêmicas que sejam capazes de produzir reflexões sobre as disciplinas e as informações que serão integradas para dar origem ao conhecimento. Com isso, o sujeito poderá se beneficiar da educação propriamente dita, a fim de contribuir com seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Considerando que a educação visa à reconstrução de diferentes saberes, é possível afirmar que um ambiente de aprendizado virtual também deve estar focado no desenvolvimento de propostas pedagógicas que atendam às necessidades dos alunos, e também a utilização de tecnologias que otimizem a comunicação e a informação entre alunos e professores.

Nesse sentido,

“Trabalhar a complexidade do saber fazer educativo na visão do aprender a aprender, na ótica reflexiva da construção do saber é um dos grandes desafios do Tutor. Ainda, propiciar momentos em que o aluno aprenda a ler e a reler o mundo, a apropriar-se do conhecimento, a redimensionar valores, a rever atitudes”.

(LEAL, 2004)

Diante deste cenário, afirma-se que tanto na educação presencial quanto na EAD, o papel dos educadores é determinado pelas propostas pedagógicas e pelos projetos educacionais praticados pela instituição de ensino, permitindo ao docente assumir uma postura de mediador do conhecimento, sendo também o agente disseminador do conhecimento científico que deverá ser adquirido pelo aluno.

Entende-se, portanto, que o professor que permanece engajado nas políticas de EAD deve se basear no caráter orientador e incentivador do desenvolvimento (TORRES, 2007). O profissional responsável pelo ato de educar no ensino a distância é denominado de tutor.

Segundo Pedrosa (2003), o termo “tutor” vem sendo usado ao longo dos anos de maneira indiscriminada para denominar esse profissional, mais com base na origem da EAD do que em suas características e funções desempenhadas no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, Emerenciano, Sousa e Freitas (2001) relatam que inúmeras pesquisas demonstram a necessidade de alterar esses conceitos, já que é muito importante propor a associação entre o termo “tutor” e seu papel de educador e docente.

Porém, é preciso considerar que “cada curso a distância é projetado de forma particular, o que não permite afirmar que o papel do tutor será sempre semelhante ao papel do professor, mas também não permite generalizar o oposto, de que os tutores não exercem o papel de docentes” (TORRES, 2007).

Figura 1- Subsistema de tutoria
Fonte: PRETI (2005)

Através da figura acima, pode-se perceber que os elementos utilizados para a prática do ensino a distância exigem que os estudantes adotem uma postura mais sistemática no processo de aprendizagem, mantendo a autonomia necessária para identificar o melhor horário e metodologias para se adquirir o conhecimento. É através destas ações que os alunos poderão produzir suas tarefas e atividades de acordo com as diretrizes da universidade.

Relata-se ainda que:

“Ao contrário do que se possa imaginar, o estudante da modalidade a distância não está solitário. Surgem em torno dele atores que o auxiliarão nesse processo, acompanhando e supervisionando suas ações. Nesse grupo, estão os professores especialistas/pesquisadores responsáveis em organizar o material didático básico para a orientação do aluno. Junto a eles está também toda a equipe técnica que o auxilia na produção do material, como revisores de texto, técnicos em informática, designers gráficos e também a equipe de coordenação e orientação pedagógica do curso”.

(SCHLOSSER, 2010)

Na maioria das vezes, o aluno não estabelece contato físico com o professor especialista da matéria, necessitando da presença de outro profissional que lhe forneça os subsídios para o desenvolvimento de seus estudos, no caso, o tutor, que deve ser um profissional devidamente habilitado e competente para observar e contribuir com o desempenho escolar do aluno.

Então, o aluno “passa a dispor de acesso generalizado ao conhecimento, facilitado pelos meios de comunicação e tecnologias inteligentes, que se apresentam sob a forma de uma equalização de oportunidades, igualmente oferecidas e disponíveis aos professores” (FORMIGA; LITTO, 2009).

O processo de aprendizado do aluno na EAD é proposto pela figura abaixo:

Figura 2 - Aluno no processo fundamentado nos princípios de interação, colaboração e autonomia
Fonte: MARTINS (2006)

Para Morán (2003), “com a educação online os papéis do professor se multiplicam, diferenciam-se e completam-se, exigindo uma grande capacidade de adaptação à criatividade diante de novas situações, propostas e atividades”.

“O professor deve ter domínio técnico-científico-social em relação à área de atuação e ser capaz de trabalhar colaborativamente com os atores envolvidos no processo. A interação do aluno com o professor busca promover a construção de comunidades, valorizando as experiências prévias e o conhecimento construído, por meio de feedback estruturado e de questionamentos construtivos. Como mediador, o professor atua como intérprete do curso junto ao aluno, esclarecendo dúvidas, estimulando-o a prosseguir e ao mesmo tempo participando da avaliação da aprendizagem, possuindo uma prática política educativa, formativa e mediada”.

(MARTINS, 2006)

Compreende-se então que no ensino a distância é essencial haver a promoção da interação entre os estudantes e seus tutores, já que estes profissionais são os responsáveis por lidar com os problemas encontrados no processo de ensino-aprendizagem, como falta de entendimento das disciplinas, distância física, problemas cognitivos e motivacionais do aluno.

Os tutores devem partir da transposição didática digital para melhorarem sua prática pedagógica, sendo que, conforme Dallon (2006), “significa analisar, selecionar e interrelacionar o conhecimento científico, dando a ele uma relevância e um julgamento de valor, adequando-o às reais possibilidades cognitivas dos estudantes”.

Para Perrenoud (1993), a transposição didática é a base do ensino, ou seja, “a ação de fabricar artesanalmente os saberes, tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação”.

De acordo com a perspectiva de Azevedo (2008),

“[...] nesse processo de construção do conhecimento, que envolve diferentes atores e tem no tutor um personagem fundamental, é necessário entender a aprendizagem como pessoal, potencializada pelo grupo, com interferência da ação dos orientadores acadêmicos, visando a obter objetivos bem marcados e definidos”.

(AZEVEDO, 2008)

As atividades de tutoria se encontram voltadas para as tarefas de análise e síntese do processo de ensino-aprendizado, considerando os avanços tecnológicos no segmento que buscam a capacitação do ensino diariamente. Como tutor, o profissional precisa manter o aluno integrado aos métodos de ensino, auxiliando-o a adquirir o aprendizado organizado,

contínuo e atualizado. Os tutores são os principais colaboradores das propostas educativas dos cursos de EAD, pois são considerados verdadeiros conselheiros e orientadores do processo de construção do conhecimento pelos alunos. É por estes motivos, que os mesmos também assumem o papel de educadores.

“A tutoria pode ser entendida como uma ação orientadora global chave para articular a instrução e o ato educativo. O sistema tutorial compreende, dessa forma, um conjunto de ações educativas que contribuem para desenvolver e potencializar as capacidades básicas dos alunos, orientando-os a obterem crescimento intelectual e autonomia e para ajudá-los a tomar decisões em vista de seus desempenhos e suas circunstâncias de participação como aluno”.

(SOUZA, 2007)

O sistema de tutoria envolve muito mais do que uma mera distribuição estrutural ou hierárquica, pois oferece o apoio necessário ao estudante durante todo seu processo de aprendizagem. Além disso, este educador tem que lidar com a fluência tecnológica praticando o monitoramento e a avaliação pedagógica.

Assim, demonstra-se que a tutoria é de extrema importância para a EAD, pois contribui significativamente com a mediação pedagógica, garantindo práticas mais dialógicas e otimizadoras da interatividade e da aquisição da autonomia educativa.

“Apenas o uso do material didático pode não garantir a aprendizagem, por isso, a interação com o professor-tutor é uma forma de se propiciar ao estudante a distância, uma relação que apenas outro sujeito, outro ser humano, pode fornecer, contribuindo com sua formação, com suas experiências, com sua subjetividade. Assim como no ensino presencial, na EAD, o professor não faz o papel do estudante, isto é, não aprende por ele e nem o faz aprender à força. Os docentes em qualquer modalidade de educação devem contribuir para a formação dos estudantes, com sua bagagem profissional e pessoal”.

(TORRES, 2007)

De acordo com Aretio (2001), o tutor assume três tipos de funções:

- função acadêmica: o profissional lida com suas funções cognitivas, praticando a disseminação das informações científicas;
- função institucional: o tutor deve seguir os procedimentos administrativos;

- função orientadora: quando é preciso lidar com os elementos afetivos e motivacionais dos aprendizes.

Com isso, afirma-se que a interação educativa exige que o tutor reconheça seu próprio potencial para resolver os problemas do aluno, implicando no fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem, visto que o aluno será orientado por um profissional que visa, de maneira consistente, uma participação pró-ativa.

“O tutor deverá estar atento ao nível de interatividade dos estudantes monitorando quais estão interagindo e conduzir a participação crítica reflexiva rompendo com a linearidade do processo de estudo individualizado. As orientações devem focar aspectos do conhecimento ajudando o estudante na conquista de autonomia e construção de competências investigativas enquanto ações que concretizam aprendizagem e desenvolvimento psíquico”.

(SCHNEIDER; MALLMANN, 2011)

Os autores ainda afirmam que as práticas do tutor envolvem, basicamente, a orientação dos alunos em relação ao entendimento das disciplinas do curso, sendo possível garantir um acompanhamento direcionado à realização de parcerias produtivas entre tutor e aprendiz. O tutor, surge, portanto, como o agente de transição e ligação na relação entre docente e aluno, mantendo uma atuação inteiramente integrada com o sistema educacional da instituição.

O tutor deve estimular os aprendizes a irem em busca de respostas e aprofundamento do conhecimento, expandindo as oportunidades de crescimento, já que os tutores poderão criar momentos de compartilhamento de referenciais que servirão para sanar dúvidas e combater os inúmeros desafios da EAD. Ressalta-se que os tutores contribuem com que os alunos possam vencer não somente as dificuldades tecnológicas e acadêmicas do curso, mas também suas dificuldades pessoais.

Balbé (2003) considera que o tutor é de alguma maneira considerado um professor, já que sua formação exige aspectos acadêmicos e pedagógicos capazes de proporcionar ao aluno o saber necessário para que o mesmo compreenda seus próprios potenciais e suas limitações. O ambiente formado pela relação entre tutor e aluno auxilia no controle das demandas

afetivas entre os mesmos, contribuindo também com o acolhimento necessário para que o aluno possa se manter motivado até o final do curso.

Considerando que o tutor pratica as mesmas ações do docente especializado, é preciso enfatizar que:

“O professor precisa, antes de tudo, ser um pensador reflexivo e isso vem a sugerir um caminho didático para a formação de professores: refletir primeiramente sobre a prática pedagógica da qual o docente é sujeito, para então apropriar-se da teoria capaz de demonstrar a prática conservadora e apontar para construções futuras, ou seja, o velho cimenta os conhecimentos futuros”.

(BARBOSA; CALIL, 2002)

Sobretudo, o tutor facilita o conhecimento ao educando, se demonstrando atualizado em relação aos conteúdos, metodologias, disciplinas e deveres, exercendo um atendimento de acordo com sua realidade institucional e com as limitações do aluno.

Preti (1996) afirma que “o tutor, respeitando a autonomia da aprendizagem de cada cursista, estará constantemente orientando, dirigindo e supervisionando o processo de ensino-aprendizagem”. Por isso, não basta apenas fazer propostas educativas consistentes e oferecer ambientes de aprendizagens interativos, é fundamental a disponibilização de tutores bem preparados cientificamente e pedagogicamente, já que estes deverão sanar as dúvidas dos estudantes.

“O professor da escola pós-moderna deve ser facilitador da aprendizagem, orientando seus alunos na contextualização do conhecimento com a realidade e ser capaz de orientar quanto à aplicabilidade de suas teorias na prática de seus educandos, pois os alunos da escola pós-moderna vivem sob a influência do mundo virtual, das novelas e vídeo games, onde tudo acontece em tempo recorde sem qualquer esforço. E para alunos pós-modernos é necessário professores também pós-modernos, capazes de trazer estes alunos ao mundo real, despertando a vontade e o desejo de se construir algo com esforço e dedicação”.

(RIBEIRO, 2010)

Segundo Oliveira et al. (2007), “é o tutor que aproxima o aluno dos conteúdos do curso ministrado e do próprio ‘conteúdo tecnológico’, necessário ao trânsito autônomo em ambientes virtuais de aprendizagem”.

“O tutor é um facilitador, que ajuda o estudante a compreender os objetivos do curso. O tutor torna-se um observador que reflete constantemente junto ao aluno a sua possível trajetória acadêmica, é um conselheiro e também um psicólogo, capaz de compreender as questões e as dificuldades do aprendiz e de ajudá-lo a responder de maneira adequada. É também um especialista em avaliação formativa e administrador para dar conta de certas exigências da instituição”.

(SILVA, 2008)

À partir dos referenciais acima é possível constatar que o papel do tutor ultrapassa a perspectiva técnica e tecnológica que as propostas de EAD oferecem. Dessa maneira, o tutor assume a missão de educador, sendo o responsável por coordenar a seleção de conteúdos, discussão de estratégias de aprendizagem, orientação dos percursos acadêmicos, problematização do conhecimento, diálogo com os alunos, mediação do processo de ensino aprendizagem e incentivo da aquisição do saber propriamente dito.

Pode ser considerado como o docente no espaço virtual, já que estabelece importante influência na formação do aluno. Diante disso, afirma-se que “a função do tutor seria de assessorar grupos de alunos, de modo individualizado, cuidando de seu comportamento e de seus estudos, sempre sob a coordenação do professor titular” (SCHLOSSER, 2010).

Belloni (2006) relata que muitos tutores exercem funções de professor-autor, pois são mantidos pelas instituições como conceptores dos cursos e disciplinas. Este profissional elabora textos, seleciona os melhores artigos e publicações para serem analisados pelos alunos, e ainda desenvolve materiais específicos que facilitem o aprendizado do aluno. O autor também afirma que esses tutores possuem a função de redigir textos já prontos para linguagens mais apropriadas voltadas para a EAD, deixando as obras mais atraentes e interativas.

Por sua vez, Silva (2008), considerando as inúmeras funções dos tutores, revela que esses profissionais precisam manter habilidades e potenciais em três dimensões de qualidades, dentre elas:

- qualidades humanas: envolvem a empatia, maturidade intelectual, controle da afetividade, sociabilidade, capacidade de aceitação;
- qualidades científicas: conhecimentos pedagógicos e didáticos, fundamentais para a relação com o aluno;
- qualidades técnicas: envolvem o conhecimento de suas práticas e deveres, visando manter uma atuação efetiva e produtiva no processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Essas qualidades quando integradas dão origem a um profissional reflexivo, focado em sua missão de educar a distância, comprometendo-se com a formação do aprendiz e permeando a ação educativa, torna-se então fundamental a prática de funções de tutoria a partir de um profissional com a devida formação acadêmica, capaz de organizar e sanar as reflexões dos alunos. Com isso, os tutores devem buscar uma ação que combata subjetividades encontradas no processo de construção de saberes dos estudantes.

Assim, compreende-se que o tutor não deve reproduzir no ambiente virtual as mesmas ações pedagógicas praticadas no ensino presencial, já que o ambiente virtual exige apenas a mediação entre o estudante e o conhecimento estabelecido pelo professor especializado. Não se deve desconsiderar o papel do tutor, pois ele é fundamental para a efetivação do ensino da EAD como um todo.

De acordo com Torres (2007), a formação profissional do tutor deve englobar “áreas didática, organizacional e tecnológica, considerando que o investimento nos recursos humanos é fundamental para o planejamento e a execução de ações adequadas em EAD”.

Em relação à formação do tutor, Leal (2004) afirma que:

“[...] o Tutor teria uma formação acadêmica definida por sua experiência em educação, sua titulação acadêmica, seu conhecimento didático-pedagógico. Talvez seja imprescindível que tenha experiência no ensino presencial. Quem sabe, assim poderia compreender a diversidade dos sujeitos e a complexidade e singularidade do processo de aprendizagem e as diferentes teorias. Além desse perfil, um Tutor teria que entender o encantamento do processo de aprendizagem para se apaixonar por sua atividade docente, principalmente pela distância real de contatos presenciais. EAD não se limita a um processo informativo”.

(LEAL, 2004)

Entende-se que as experiências pedagógicas não englobam apenas o processo metodológico em si, mas todas as ações que visem orientar e organizar metas educativas cuja função é alcançar objetivos de aprendizado. A qualidade do trabalho pedagógico se encontra associada à congruência que une os elementos: concepção, conhecimentos científicos e pedagógicos.

Segundo Arredondo (2003), os tutores devem apresentar conhecimentos específicos nos seguintes temas:

- Fundamentos, estruturas e possibilidades na EAD;
- O perfil do aluno e suas características biopsicossociais condicionantes da aprendizagem;
- Teorias da aprendizagem;
- Aspectos teóricos e práticos da comunicação;
- Tecnologia;
- Aspectos institucionais, científicos e pedagógicos do curso;
- Metodologias de ensino;
- Técnicas de tutoria;
- Métodos de motivação;
- Instrumentos de avaliação.

“Em boa parte, muitos dos tutores ou docentes que estão à frente desse cenário, não tiveram na sua formação experiências nessa modalidade, e se vêem trabalhando nesse ambiente configurando-se, assim, um campo de novas descobertas. O fato dos alunos também terem vindo em grande parte de uma cultura de ensino presencial, é uma dificuldade a mais para o processo, seja na aceitação da interação não presencial com o “tutor”, seja no gerenciamento dos estudos, do tempo ou outras particularidades para as quais não tiveram uma vivência anterior. Desta forma, surgem várias dificuldades operacionais e interpessoais para um processo que, em si, já é diferenciado”.

(OLIVEIRA, 2007)

Nesse sentido, Perrenoud (1999) afirma a importância dos tutores estarem preparados e capacitados para enfrentarem situações inéditas. Para o autor, isto é o principal desafio das práticas de tutoria. Essas situações acabam por serem obstáculos significativos no rendimento do processo de ensino aprendido, já que muitas delas revelam problemas associados à falta de comprometimento dos alunos e possíveis falhas das plataformas virtuais ou ferramentas tecnológicas utilizadas para a prática da EAD. Estes problemas geram inúmeras dificuldades de comunicação, prejudicando tanto o trabalho do tutor quanto o rendimento do aluno.

Para tanto, cabe ressaltar que:

“[...] o contexto atual exige que os professores e professoras desenvolvam novas competências, se tornando bons professores e professoras desde perspectivas diferentes as assinaladas pelos modelos tecnicistas. A nova perspectiva sublinha a interação, a interlocução e a reflexão como elementos-chave do processo de ensino/aprendizagem dentro de uma perspectiva ampla que incorpore a heterogeneidade, circunscrita à perspectiva de configuração das relações sociais da nova qualidade. Esta nova ótica, que tem na relação dialógica seu eixo de sustentação, adquire sentido por seu vínculo e compromisso com os setores sociais excluídos”.

(ESTEBAN, 2002)

As dificuldades citadas acima demonstram que os próprios tutores devem refletir a respeito de sua própria prática pedagógica, identificando os obstáculos encontrados nas situações inéditas, desenvolvendo soluções que enfrentem os desafios, impondo novos rumos para as funções de EAD. Com isso, o tutor poderá compreender o melhor modo de participar da construção do conhecimento dos alunos.

É de extrema importância também que estes profissionais sejam capazes de identificar as competências e habilidades de que precisam para atender a determinada situação apresentada pelo aprendiz, mobilizando e disponibilizando os instrumentos necessários para que a relação com o aluno seja produtiva. Afirma-se que o tutor deve manter uma prática fundamentada nos aspectos educativos que visem o enfrentamento das dificuldades e otimização das competências da EAD, já que este segmento cresce a cada dia no Brasil.

3.2.1. E-LEARNING

O *E-Learning* surgiu na última fase de desenvolvimento da EAD, uma vez que neste período foram observadas novas tecnologias que contribuíram para a otimização do ensino a distância. Através da internet, esta modalidade pode ser expandida e melhorada. Atualmente, é bastante comum o *E-Learning* ser utilizado em organizações empresariais, devido aos seus benefícios notórios, tanto de interação quanto de disponibilidade.

Segundo Rosenberg (2002), “*E-learning* refere-se à utilização das tecnologias da internet para fornecer um amplo conjunto de soluções que melhoram o conhecimento e o desempenho”.

“O conceito de e-learning pode abarcar situações de apoio tutorial ao ensino presencial, em que o professor-formador-tutor disponibiliza materiais, sugere recursos e interage on-line com os alunos (esclarecendo dúvidas, fomentando debates, estimulando a colaboração on-line), não constituindo este cenário um modelo de educação a distância. Neste contexto o e-learning assume essencialmente a vertente de tutoria “electrónica” no apoio a estudantes que se enquadram num cenário de ensino de carácter presencial. O conceito de e-learning pode também estar associado a uma complementaridade entre actividades presenciais e actividades a distância tendo por suporte os serviços e tecnologias disponíveis na Internet (ou outra rede)”.

(GOMES, 2005)

A partir da afirmação acima, compreende-se que esta modalidade de ensino proporciona a prática de novos métodos de aprendizagem voltados para a utilização da WEB, tendo a interatividade e a flexibilidade como suas principais vantagens. Através destes benefícios, os alunos conseguem se engajar em um processo de ensino-aprendizagem mais

dinâmico e sistemático, contribuindo significativamente com sua formação e desenvolvimento, fundamentais para a aquisição do conhecimento e consequentemente do aumento do desempenho escolar.

Cabe enfatizar ainda que o *E-Learnig* tem sido usado para diversificar ainda mais as estratégias tecnológicas versáteis atuais, permitindo que o aluno estude em qualquer horário, em qualquer lugar e através de vários instrumentos que se encontram disponíveis no mercado. Muitos cursos oferecem ligação direta em tempo real com as aulas, outros disponibilizam na rede arquivos audiovisuais para que o aluno possa acessar conforme seu tempo disponível.

Considerando essas potencialidades, Costa e Peralta (2007) afirmam que:

“A associação da expressão "e-Learning" ao ensino a distância, sendo frequente, remete-nos, por outro lado e mais especificamente, para o contexto em que mais fácil se torna compreender a sua crescente utilização hoje. De facto, tentando tirar partido das potencialidades de comunicação oferecidas pelas redes de computadores dentro das organizações ("intranets") ou, a nível global, pela *internet*, a "aprendizagem electrónica" (*e-learning*) parece surgir não apenas como forma de realizar aquilo que anteriormente não era facilmente realizável (veja-se, por exemplo, a dificuldade em promover uma interacção frequente e de qualidade entre aluno e professor nos sistemas de ensino a distância tradicionais), mas essencialmente como forma de responder aos desafios que a globalização veio trazer à sociedade dos nossos dias”.

(COSTA; PERALTA, 2007)

O tutor do *E-Learning* mantém o foco na aprendizagem e no fortalecimento da interação entre professor e aluno, para tal há a inclusão de estratégias e ações que visem um trabalho colaborativo que garantem ao aluno um aprendizado de maneira mediada por metodologias e instrumentos que melhorem seu desempenho, considerando que seu desempenho está associado ao aumento de sua autonomia e aquisição do saber a partir de um paradigma pedagógico enquadrado em propostas mais eficientes para a EAD.

Compreende-se então que esta modalidade é capaz de viabilizar a disponibilização de conteúdos pedagógicos na WEB, sem que seja necessário o professor enviá-los a inúmeros canais de distribuição, como a mídia impressa. Neste caso, os docentes elaboram os textos ou

vídeos e disponibilizam em um canal da própria instituição, deixando totalmente liberado para o acesso do aluno.

Além disso, Rosemberg (2002) afirma que “o E-learning é transmitido em rede, o que torna possível a atualização, armazenamento/recuperação, distribuição e compartilhamento instantâneos da instrução ou informação”.

Isto permite que os alunos possam acessar inúmeros recursos de aprendizagem de acordo com suas necessidades, não se sentindo pressionados. O próprio aluno é autor da construção de seu conhecimento, rompendo os velhos paradigmas do ensino tradicional.

Para Santos (2010):

“Essa modalidade de ensino é vantajosa tanto para os participantes quanto para a organização, haja vista o tempo que um funcionário perde fora do ambiente de trabalho para aprender é menor se comparado com o treinamento presencial. De fato, o *E-learning* trás impacto direto na produtividade dos colaboradores, com uma significativa redução de custos com treinamento e um melhor gerenciamento de pessoal”.

(SANTOS, 2010)

Cabe enfatizar ainda que o *E-learning* não exige a mesma infraestrutura que uma sala de aula convencional, pois não existe a necessidade de disponibilizar instrumentos e colaboradores para os centros de treinamento. Para os alunos, isto significa que os mesmos não terão que se deslocar para as unidades de ensino, podendo adotar a política educacional via web.

“Com o *E-learning*, não apenas introduzimos uma nova tecnologia para o aprendizado, mas introduzimos uma nova maneira de pensar sobre o aprendizado. O aprendizado não necessariamente requer treinamentos ou instrução. As pessoas aprendem de várias maneiras: por meio do acesso à informação bem estruturada, utilizando novas ferramentas de melhoria do desempenho, por meio de experiências e uns com os outros. Se pensarmos no aprendizado sob essa ampla perspectiva, será mais fácil ver novas opções de melhorias de desempenho”.

(ROSEMBERG, 2002)

Nesse sentido, Zenger e Uehlein (2001) consideram ser “(...) um erro trabalhar o ensino presencial e o e-learning de forma isolada, sem haver uma integração entre as duas modalidades”.

De acordo com Ribeiro (2012), no *E-Learning* o tutor é fundamental para que os objetivos educacionais da instituição sejam alcançados. É papel do e-Tutor orientar os cursos de formação através de computadores que se encontram ligados à Internet. Os tutores fazem uso da mediação on-line ou síncrona para apoiar os alunos que frequentam as disciplinas assíncronas.

Na figura abaixo, é possível identificar as especificidades desta modalidade de ensino:

Figura 3 - *E-learning*
Fonte: GOMES (2007)

Conforme relata Ribeiro (2012), “o papel do e-Tutor é fornecer conhecimentos, experiência e incentivo ao e-Formando ou e-Aluno, evitando frustrações e percursos incorretos na condução do curso. Ele não dá ‘respostas’, porém auxilia em sua obtenção”.

“O e-learning é frequentemente perspectivado como uma extensão da sala no espaço virtual da Internet (ou outros ambientes de rede). Esta perspectiva leva a que a disponibilização on-line de informação associada à actividade pedagógica, mas dela distinta, como seja a disponibilização do programa das disciplinas, a colocação on-line dos sumários das aulas, ou de informação diversa como seja normas de avaliação, prazos de entrega de trabalhos, datas de realização de exames ou mesmo disponibilização de apresentações electrónicas utilizadas nas aulas ou a indicação para sites de interesse seja, a nosso ver incorrectamente, designado por e-learning”.

(GOMES, 2006)

Com base nesta perspectiva, Ribeiro (2012) considera que o papel do e-Tutor envolve três condutas básicas:

- **Especialista:** as funções de especialista permitem que o tutor complemente o estudo do aluno com outros materiais e recursos capazes de preencher as lacunas que o ensino com o professor especializado não foi suficiente para suprir. Dessa maneira, o tutor aponta novos caminhos para que o aluno possa alcançar seu aprendizado.

Em muitas situações, é possível observar que o docente precisará atuar como verdadeiro conhecedor da disciplina, já que será a principal fonte de conteúdo nas sessões com os estudantes.

- **Treinador:** as habilidades de treinador do tutor contribuem com o aumento da facilidade do aluno obter a aprendizagem, pois este profissional estabelecerá as diretrizes e o caminho que o estudante deve seguir para se apropriar do saber das disciplinas, permitindo que o aluno, quando alcançado certo nível de autonomia, lide com o processo de aprendizado por iniciativa própria.

- **Assessor:** em determinadas situações, o tutor precisará avaliar o nível de aprendizado dos alunos, realizando análises do desenvolvimento dos estudos dos mesmos, assegurando que os aprendizes possam adquirir o conhecimento verdadeiro.

Figura 4 - Características do E-learning
Fonte: GOMES (2007)

Diante dessas inúmeras características, é correto afirmar que a implantação de um sistema de *E-Learning* exige o desenvolvimento de um programa educacional baseado em uma escala institucional clara, objetiva e eficaz. Para tanto, Gomes (2007) identificou quatro vertentes que devem ser utilizadas, analisadas na figura abaixo:

Figura 5 – Sistematização do *E-learning*
Fonte: GOMES (2007)

Essas quatro vertentes demonstram que a sistematização do *E-Learning* implica na necessidade de implementar a tutoria a distância. No entanto, esta tutoria deve estar embasada no apoio técnico, gestão administrativa, competências e recursos pedagógicos.

3.2.2. TUTORIA ATIVA

A tutoria ativa pode ser caracterizada pelo acompanhamento de todo o processo de aprendizagem do estudante, assegurando que o mesmo tenha avaliação construtiva e imediata. Assim, o tutor pode comentar os trabalhos realizados pelo aluno, além de corrigi-los.

É função do tutor ativo contribuir para que o aluno possa entender de maneira significativa todas as disciplinas e conteúdos proporcionados pelo curso, sendo possível levantar problemas e sanar dúvidas através de discussões e debates realizados através da internet. Além disso, cabe ao profissional ajudar os estudantes no processo de planejamento e realização dos trabalhos, fornecendo uma supervisão prática e baseada no *feedback* efetivo.

Um dos objetivos principais da tutoria ativa é auxiliar os alunos a vencerem as dificuldades do curso, servindo de mediadora entre a instituição de ensino e os alunos.

O tutor não beneficia somente o aluno, mas também o professor especializado que o tem como um elemento apoiador de sua prática nos encontros virtuais ou presenciais. O tutor apoia o docente especializado quando prepara materiais didáticos, quando corrige trabalhos e principalmente, quando desenvolve atividades de acompanhamento e orientação do processo de ensino aprendizagem do aluno. Portanto, o tutor é muito importante para que o aluno possa compreender os conteúdos científicos e obter assim maior autonomia em seu aprendizado.

No entanto, é preciso ressaltar que nesta modalidade:

“A tutoria não possui um modelo único de intervenção; ela depende de cada realidade distinta. Em EAD o papel do tutor é fundado na necessidade do contato humano. Em particular, o processo de ensino-aprendizagem exige sua existência. Ela viabiliza uma educação individualizada e cooperativa na qual o tutor assume o papel de orientador do aluno, colocando os recursos que possibilitam um estudo de forma autônomo, para entender aos objetivos do curso. O tutor necessita desenvolver habilidades e comportamentos que tornarão competente na função a ser desempenhada”.

(COSTA; PARAGUAÇU; PINTO, 2009)

Com base nas considerações dos autores acima, relata-se que a tutoria ativa se encontra voltada para os processos motivacionais do aluno, em que o tutor precisa estimular constantemente o aluno a enfrentar os desafios EAD e continuar com o trabalho até o final do curso, combatendo assim os níveis de evasão escolar.

De acordo com Andrade e Santos (2010):

“[...] é a partir dessa forma de “atendimento” ao aluno e na preocupação de como se processará o seu aprendizado, com base no ato que o tutor tomará para a transmissão dos conteúdos, ou seja, na forma de como haver a interação entre ambos, isto é, a participação é fundamental para o domínio cognitivo do alunado”

(ANDRADE; SANTOS, 2010)

Através dos referenciais citados acima, pode-se concluir que a tutoria ativa proporciona a integração do aluno com as metodologias de ensino da instituição, considerando os benefícios dos ambientes virtuais de aprendizagem que oferecem o desenvolvimento de uma concepção de ensino atual e mais efetiva.

4. NOS CAMINHOS DA EDUCOMUNICAÇÃO

Este capítulo como finalidade a construção de uma retrospectiva histórica do termo “educomunicação”. Para tanto, será traçado o percurso da educomunicação no Brasil, suas práticas e conceitos, passando pelos trabalhos de Paulo Freire, Mário Kaplun e Ismar Soares.

4.1. O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NO CCA-ECA/USP

O Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA-ECA/USP) iniciou uma “[...] trajetória de pesquisas, publicações, ensino e extensão cultural na interface entre comunicação e educação” (SOARES, 2007) no ano de 1989. De 1989 até 1991, foi oferecido o curso de Especialização em Comunicação e Educação, com carga horária total de 300 horas, formando um total de 80 discentes.

No ano de 1993, no mesmo Departamento, nasceu o curso de pós-graduação *latu sensu* de Gestão de Processos Comunicacionais, que tinha como temática a interface da comunicação e da educação e o objetivo de formar indivíduos com a percepção de que o fenômeno comunicacional pode estar “[...] a serviço da sociedade civil e não apenas da denominada Indústria Cultural” (SOARES, 2007).

Em setembro de 1994, a Revista Comunicação & Educação foi idealizada pelo CCA-ECA/USP em conjunto com o curso Gestão de Processos Comunicacionais. Foi concebida com o intuito de divulgar pesquisas no campo interdisciplinar da comunicação/educação. A publicação tornou-se um referencial no âmbito da comunicação e educação, elucidando discussões e debates sobre o tema. Atualmente a revista se encontra entre as primeiras do gênero a ser consultada por mestrandos e doutorandos da área da comunicação, em todo país².

² Fonte: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/index>

Dois anos depois, em 1996, foi constituído o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), vinculado ao CCA-ECA/USP. O grupo é voltado tanto para a pesquisa quanto para a extensão cultural e tem como objetivo principal pesquisar a relação entre comunicação e educação.

4.2. O NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO (NCE)

O Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP) nasceu em 1996, por iniciativa de um grupo de professores de universidades brasileiras interessadas na inter-relação dos campos comunicacionais e educacionais.

Seu primeiro grande trabalho foi uma pesquisa realizada junto a especialistas de 12 países da Península Ibérica para saber o que pensavam os coordenadores de projetos na área sobre o perfil dos profissionais que trabalham com essa inter-relação:

“A pesquisa, apoiada pela FAPESP, foi realizada com um grupo de 172 especialistas de 12 países da América Latina, entre 1997 e 1999. A investigação contou com a colaboração de uma equipe que teve, entre seus membros, pesquisadores como a Profa. Dra. Maria Cristina Costa, e estudantes de Iniciação Científica, como Patrícia Horta, Andrea Egler e Eliany Salvatierra. Seus resultados foram confirmados em pesquisa de Angela Shaun com 100 produtores culturais e estudiosos da Bahia, tendo sido reavaliados em estudo por nós realizado entre 1999 e 2000 com agentes do campo, nos Estados Unidos”

(SOARES, 2008)

Como resultado, os pesquisadores do núcleo descobriram que a interface entre comunicação e educação, desenvolvida tradicionalmente na forma de uma complementação mútua (como por exemplo, a educação usando as tecnologias da comunicação ou a comunicação produzindo para a educação), havia se transformado em uma integração, com o surgimento de um novo campo distinto: a educomunicação.

“Foi justamente este o termo que o NCE/USP elegeu para classificar o que havia descoberto em 1998, ao concluir uma pesquisa junto a agentes culturais de 12 países da América Latina, Portugal e Espanha: a emergência de um novo campo de intervenção social”.

(SOARES, 2008)

O núcleo descobriu que a interface entre comunicação e educação, explorada tradicionalmente como campos complementares, ao passar dos anos, ganhou densidade própria.

O NCE-ECA/USP

“[...] conseguiu definir o campo da educomunicação como sendo o espaço onde membros da sociedade se encontram para pôr em prática ecossistemas comunicativos democráticos, abertos e participativos, impregnados da intencionalidade educativa e voltados para implementação dos direitos humanos, especialmente o direito à comunicação”.

(SOARES, 2005)

Uma pesquisa acadêmica realizada entre 1997 e 1999, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pela Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, permitiu identificar e conceituar a Educomunicação como uma prática social da interface comunicação/educação.

“Os resultados da pesquisa apontaram para consolidação de um novo campo de intervenção social, fundamentado na inter-relação comunicação/educação, ou simplesmente, educomunicação, que inaugurava um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas”.

(SOARES, 1999)

“Foi em São Paulo, em novembro de 1999, que o Ministério da Educação acolheu publicamente e pela primeira vez o conceito, após tomar conhecimento dos resultados da pesquisa do NCE/USP, incorporando-os ao documento final do encontro Mídia e Educação, que reunira 150 empresários, produtores e autoridades do campo da comunicação social e da educação de todo o País. Recomendava o documento que as universidades flexibilizassem seus currículos, inserindo conhecimentos e práticas da área educacional para que o profissional de comunicação tivesse a possibilidade de ampliar sua atuação como educador”.

(SOARES, 2008)

Desde sua fundação, o NCE desenvolve projetos, pesquisas, programas sociais e eventos sob a coordenação geral do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares. O fato levou a uma solicitação, desde o ano de 2000, de programas de formação, envolvendo o Governo Federal, Governos Estaduais e Municipais, com atendimento aproximado de 20 mil pessoas por ano. O resultado foi a transformação da prática educacional em política pública

“Entre 2001 e 2004, foi a vez de a Prefeitura de São Paulo eleger o conceito para dar sustentação a um vasto programa de combate à violência nas escolas públicas de ensino fundamental, levando a linguagem radiofônica a 455 unidades de ensino, mediante o projeto denominado “Educomunicação pelas Ondas do Rádio” (Educom.rádio), implementado pelo NCE/USP com a colaboração de quase todos os professores do Departamento de Artes – CCA/USP, além de outros 450 estudantes de universidades da Região Metropolitana de São Paulo; e, ao final de três anos e meio de trabalho, formou aproximadamente 10 mil pessoas, entre professores, alunos e membros da comunidade escolar. Uma lei aprovada pela Câmara Municipal em 2004 (Lei Educom) garantiu a continuidade do projeto, permitindo que, em 2008, grupos de estudantes da periferia tivessem acesso ao projeto”.

(SOARES, 2008)

Atualmente registramos a existência de programas, setores ou departamentos de educomunicação em organismos públicos como o Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Educação da Bahia, Secretaria de Educação do Mato Grosso e a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

Duas ações refletem o caráter público da prática educacional:

a) criação da *Lei Municipal Educom*, assinada pela Prefeita Marta Suplicy em 28 de dezembro de 2004, sob o N°. 13.941. Em consequência, o Secretário da Educação Alexandre Alves Schineider, no dia 15 de dezembro de 2009, editou a Portaria N°. 5.792, definindo normas complementares e procedimentos para a aplicação da Lei Educom.

b) a portaria do Secretário de Educação do Município de São Paulo referendando a contratação de “educadores”, divulgado no Diário Oficial do Município no dia 28 de agosto de 2009.

A educomunicação se transformou em política pública também dentro da USP. Um projeto de Licenciatura em Educomunicação foi aprovado no ano de 2009, depois de ter sido aprovado pela Congregação da ECA/USP e apreciado positivamente no âmbito das Comissões da Reitoria. Instalada em fevereiro de 2011, a Licenciatura em Educomunicação, formará um novo profissional: o educador – um pesquisador permanente dos fenômenos na interface comunicação/educação:

“É revelador que se tenha optado por um programa de Licenciatura, cujo foco decisivo é formar profissionais, dentre eles os professores, para atuarem nas interfaces concernentes aos temas comunicativos-educativos, estejam eles presentes no universo da escola, em sistemas informais ou não formais, nas ONGs, nos espaços mediáticos, enfim, nas várias instâncias da sociedade”.

(CITTELI & COSTA, 2011)

Em consequência, em março de 2012, foi implantado o Curso de Especialização *latu sensu* em Educomunicação, que tem como objetivo o de

“[...] preparar profissionais capazes de atender às demandas dos setores da sociedade relacionados à interface comunicação/educação, podendo atuar: na educação básica formal e não formal; no ensino superior; em consultoria em veículos da mídia e na área da pesquisa³”.

As atividades desenvolvidas pelo NCE fundamentam-se em pesquisas acadêmicas em nível de pós-doutorado, doutorado, mestrado, especialização e graduação, com o objetivo de clarificar a natureza da relação comunicação/educação.

É importante destacar os objetivos do NCE-ECA/USP:

³ Disponível em: http://www.cca.eca.usp.br/especializacao_latu_sensu_educomunicacao. Acesso em: 20 de maio de 2012.

- I** – Favorecer a reunião de especialistas envolvidos com programas e projetos de intervenção cultural e/ou pesquisas acadêmicas nas diversas áreas de inter-relação comunicação social/cultura/educação, entre as quais:
- a do estudo desta inter-relação enquanto fenômeno cultural emergente;
 - a do uso dos recursos da comunicação (tecnologias educacionais) no ensino;
 - a da leitura “crítica” ou “ativa” dos meios de comunicação na educação formal ou não formal;
 - a da gestão da comunicação nos diversos espaços onde se processa a educação formal e não formal;
- II** – Animar e articular grupos de estudos avançados com programas e projetos na área;
- III** – Realizar pesquisas que visem identificar as vertentes teóricas que sustentam as pesquisas e o trabalho de intervenção cultural dos especialistas na área;
- IV** – Colaborar na formação de novos pesquisadores na área;
- V** – Criar um acervo documental, levando em consideração vários tipos de materiais impressos, audiovisuais e multimeios;
- VI** – Difundir o banco de dados formado a partir dos resultados de pesquisas desenvolvidas na área da inter-relação comunicação social/cultura/educação, facilitando para os próprios especialistas e pesquisadores, bem como aos profissionais da comunicação e da educação, o acesso às informações sobre os referenciais teóricos e metodológicos que sustentam os programas e projetos de educação para com a Comunicação Social;
- VII** – Promover a publicação de trabalhos de interesse do Núcleo.
- (BACCEGA apud MALCHER, 2001)

A inter-relação educação/comunicação, denominada como educomunicação, designa um conjunto de práticas que propiciam a introdução dos recursos da informação no ensino, não apenas como instrumentos didáticos ou objeto de análise, mas como meio de expressão e de produção cultural.

4.3. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA ON-LINE DO NCE: O PROJETO EDUCOM.TV

Um dos projetos desenvolvidos pelo NCE, no período de junho de 2002 a dezembro do mesmo ano, que merece destaque por trabalhar com a educação a distância mediada pela Internet foi o “Educom.TV – a linguagem audiovisual na escola: uma ação educacional”, uma parceria entre o núcleo e a Gerência de Informática Pedagógica – Fundação para o Desenvolvimento da Educação (GIP/FDE):

“[...] um projeto vinculado à Secretaria de Educação a Distância do MEC, destinado a preparar professores para usar materiais da TV Escola em sala de aula; e, na versão do NCE/USP, ganhou a perspectiva de se discutir, de forma mais global, a própria linguagem audiovisual e usá-la na prática didática a partir de uma perspectiva de ação educacional. Um total de 2 mil professores de 1.024 escolas tomou parte no projeto, denominado Educom.TV e executado na modalidade de educação a distância, produzindo-se, ao final, mais de 900 projetos educacionais, envolvendo as respectivas comunidades de ensino, especialmente os alunos”.

(SOARES, 2008)

O projeto idealizado, planejado e orientado pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, tinha na equipe, como coordenadores pedagógicos, os professores doutores Adilson Odair Citelli, Maria Cristina Castilho Costa e Marília Franco.

Para atuar como mediadores no processo de ensino-aprendizagem foi composto um grupo de 35 pessoas, “[...] alunos de pós-graduação da ECA e de outras instituições universitárias da cidade de São Paulo” (SOARES, 2003), selecionados por uma equipe intitulada de técnico-operacional, formada por sete estudantes de graduação, supervisionados pela Profa. Eliany Salvatierra.

A seleção dos docentes para ingresso no curso foi realizada pelo GIP/FDE, que determinou as escolas públicas participantes do projeto. Por sua vez, cada uma dessas instituições escolares, na época, distribuídas entre as 89 diretorias de ensino do Estado de São Paulo, indicaria dois professores.

O Educom.TV teve como objetivo capacitar mais de dois mil educadores da rede pública estadual de ensino para utilizar a linguagem audiovisual em sala de aula sob um olhar crítico frente aos meios. O curso pretendia explorar reflexões de como utilizar os programas televisivos com propósitos educativos. Segundo Soares (2003), o curso “introduziu paulatinamente os conceitos que sustentavam o projeto formativo (Educomunicação, Cultura Midiática, relação entre Comunicação, Cultura e Tecnologia, Textos não escolares, Linguagem Audiovisual)”.

A mediação da aprendizagem ocorreu entre tutores e cursistas através de ferramentas colaborativas desenvolvidas em ambiente virtual. Os resultados obtidos pelo projeto foram

surpreendentes: “dos 2.243 professores cursistas que iniciaram a capacitação foram aprovados 1.925 para certificação” (SOARES, 2003).

O Educom.TV foi idealizado para ser ministrado a distância, mediado por um ambiente virtual de aprendizagem, o acesso à plataforma virtual do projeto, garantiu que os cursistas interagissem “[...] com seus tutores, dedicando, individualmente, um mínimo de oito horas semanais para o estudo, cumprindo uma rotina de leituras e de elaboração de exercícios solicitados” (SOARES, 2002).

O curso contava ainda com um encontro presencial com todos os diferentes cursistas “constituído por seminários e oficinas de capacitação, com duração de uma semana, desenvolvidos ao longo do curso, na cidade de Águas de Lindóia, SP, durante os meses de agosto e setembro” (SOARES, 2002).

Em parceria com a RealWorks, o ambiente virtual elaborado para o projeto foi produzido de acordo com as exigências do NCE: a plataforma deveria ser flexível, ou seja, permitiria a implementação de novas ferramentas e funcionalidades de acordo com as necessidades identificadas pelo núcleo no decorrer do curso.

Figura 6 - Página inicial do site Educom.TV

O Educom.TV deu início a uma modalidade “avançada de formação continuada de docentes das redes públicas de educação de todo país” (SOARES, 2003).

Em consequência, o curso apresentou resultados surpreendentes:

“[...] 89% dos inscritos se mantiveram até o final do programa. Pela literatura existente, a média internacional de aproveitamento (fidelidade e permanência nos cursos via Internet) em cursos com essa duração era, na época, de no máximo 30%. Pelas avaliações, os professores acreditavam que o curso atendeu plenamente às expectativas da rede pública”.

(SOARES, 2003)

4.4. UM NOVO CAMPO EMERGENTE: O DA EDUCOMUNICAÇÃO

4.4.1. ESBOÇOS DO NOVO CAMPO EMERGENTE

Entre os anos de 1997 e 1999, o NCE desenvolveu uma pesquisa para uma contextualização concreta do termo:

“Entretanto, para além dessa perspectiva e de toda discussão/reflexão, estudiosos perceberam um campo que vai além da fronteira desses dois campos e que surge, exatamente, na interface dos dois: a educomunicação. Interface compreendida como interdisciplinaridade, na qual os campos trazem suas especialidades e particularidades para um objeto de interesse comum”.

(BRAGA & CALAZANS, 2001)

O termo educomunicação definiu-se e ganhou densidade no Brasil a partir dos estudos do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, entretanto, existem dois estudiosos que merecem destaque no que diz respeito à trajetória educacional: Paulo Freire e Mário Kaplún.

4.4.1.1. PAULO FREIRE NOS CAMINHOS EDUCOMUNICATIVOS

O método constituído por Paulo Freire a partir de sua prática pedagógica (pedagogia crítica), em articulação com a população carente de Pernambuco, gerou um programa de alfabetização no ano de 1946. A didática de Freire propiciava uma reflexão do alfabetizado sobre seus próprios problemas sociais – o que acarretava, por parte de seus estudantes, a necessidade de refletir e posicionar-se sobre tais questões com o intuito de expressá-las em formas próprias da comunicação.

Para Freire,

“[...] não é possível refazer este País, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério. Com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo sonhos, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não da sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos [...]”.

(FREIRE, 2000)

O estudioso enfatiza que a educação desvela o mundo e apresenta como base a relação dialógica entre educador e educando, “o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1978).

Para Freire, educar é comunicar, em consequência, os campos comunicacionais e educacionais não devem ser vistos como campos distintos. Um está ligado ao outro, estabelecendo uma relação dialógica – na medida em que a educação é um processo comunicacional, ocorrendo assim uma construção compartilhada do conhecimento mediado pelas relações dialéticas entre o homem e o mundo, tal como é exposto na figura:

Figura 7 – Dois modelos de comunicação, segundo Paulo Freire.

O educador não faz menção ao termo educomunicação, porém sua reflexão quanto às práticas educativas/comunicativas, remetem à base epistemológica da práxis educ comunicativa.

4.4.1.2. DE MÁRIO KAPLÚN A CONSOLIDAÇÃO DO TERMO

Durante pesquisa realizada pelo NCE-ECA/USP nos anos de 1997 e 1999⁴, “[...] Mário Kaplún foi uma das 26 personalidades entrevistadas pelos pesquisadores do NCE” (SOARES, 2006). Um dos intuitos do projeto era o de “[...] identificar como se estabeleciam, no mundo contemporâneo, os espaços transdisciplinares que aproximam, tanto de forma teórica quanto pragmática, os tradicionais campos da educação e da comunicação” (SOARES, 2006).

⁴ Tema abordado no item 1.1. O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) deste capítulo.

Idealizado pelo uruguaio nos anos de 1970, a primeira edição “cassete-foro: um método de comunicación participativa” mostra-se comprometida com a questão da ação/ensino popular. Segundo Eliany Salvatierra Machado (s/d) no texto *Para quem gosta de perguntar: uma reflexão sobre a Educomunicação*, “a proposta dessa iniciativa era bastante audaciosa, porque buscava contribuir para a emancipação de comunidades”.

A pesquisadora afirma que “a motivação e a inspiração para que isso fosse possível, segundo o próprio Kaplún, vinham de Paulo Freire” (MACHADO, s/d)

Para Kaplún, a comunicação deve ser entendida “[...] não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo como um componente pedagógico” (KAPLÚN, 1999).

Complementando:

“Para cumprir seus objetivos, todo processo de ensino/aprendizagem deve então, dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, desenvolver sua competência linguística, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar as condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo”.

(KAPLÚN, 1999)

Soares comenta sobre a comunicação educativa de Kaplún:

“Kaplún falava em ‘comunicação educativa’, tomando-a como um processo de construção de conhecimento a partir da reflexão dialética sobre a realidade vivida comunitariamente, chamando a atenção de seus leitores e seguidores para a necessidade urgente de potencializar a ação do educador, assegurando condições para que, superando uma visão mecanicista das tecnologias da informação, se transformasse em ‘comunicador’. Um comunicador voltado para a transformação da pessoa e da comunidade. No caso, estava mais para a filosofia da educação em espaços não formais que para os autores voltados expressamente para a área das práticas escolares ou da didática”.

(SOARES, 2006)

Para Soares, Kaplún lançou

“[...] as bases que justificariam, perante a academia, a prática dos que, pela ação, ao longo de mais de 40 anos, forneceram os elementos que permitiriam ao NCE concluir que algo de novo, em termos de referenciais teóricos e de intervenção social estava ocorrendo”.

(SOARES, 2006)

Assim como Paulo Freire, Mário Kaplún não utilizava o termo educomunicação em seus textos, entretanto, ambos desenvolviam práticas educacionais quando investigados no que se refere às didáticas educacionais que utilizavam.

Mário Kaplún apropriava-se do termo “educación a los medios”, Soares faz a ponte no que se refere à educomunicação:

“[...] o neologismo ‘educomunicação’ – usado por Kaplún como sinônimo de ‘educación a los medios’ – dando um novo significado à palavra para designar a radical transversalidade da comunicação nos processos educativos levada a cabo, há pelo menos 40 anos, por inúmeros centros de comunicação e documentação popular, por organizações não governamentais voltadas para a comunicação alternativa, bem como por indivíduos engajados em programas que possibilitariam ao homem mais agilidade e maior abrangência na compreensão da relação entre a prática comunicativa e a prática educativa”.

(SOARES, 2006)

É inegável que assim como Freire, Kaplún preocupava-se com uma educação dialógica e social.

4.5. O CONCEITO

A inter-relação entre a comunicação e a educação ganhou densidade própria e se afigura como um campo de intervenção específico:

“O vertiginoso desenvolvimento dos meios eletrônicos, principalmente as redes de comunicação – como a Internet – acabou, na segunda metade da década de 90, por reafirmar a necessidade da constituição de um novo campo, destinado a aproximar de maneira crítica, porém construtivista, as áreas da educação para os meios e do uso das tecnologias no ensino.”

(SOARES, 1999)

Um novo campo epistemológico emergiu e consolidou-se, impondo-se principalmente na área acadêmica, como uma área de investigação que permeia dois territórios de saber precisamente demarcados em uma visível confluência: a comunicação e a educação.

“De 1989 a esta data, um grupo de professores, pesquisadores e agentes culturais vinculados à Escola trabalhou arduamente na identificação e na construção de um referencial teórico-metodológico para o tratamento dos temas que emergem na interface Comunicação/Educação.”

(SOARES, 2008)

Este campo, segundo a pesquisadora Ângela Schaun,

“[...] propõe a credulidade no ser humano, seu permanente embate e encontro com o outro. A alteridade é o substrato constitutivo da educomunicação, que visa relações sociais mais humanizadas, acredita na transformação do indivíduo e da sociedade, na descoberta de novos caminhos para resolução colaborativa de problemas e, sobretudo, na criação inovadora de olhares diferenciados sobre o cotidiano”.

(SCHAUN, 2002)

O campo da educomunicação se manifesta por meio de áreas de intervenção social que guardam especialidades, como os campos da “expressão comunicativa através das artes e das tecnologias; da mediação tecnológica nos espaços educativos; da educação frente aos meios de comunicação; da gestão participativa e da reflexão epistemológica” (SOARES, 2002).

Estas subáreas, segundo Schaun (2002) caracterizam-se, “[...] por atividades de intervenção política e social fundamentadas no desejo de análise crítica do papel dos meios de comunicação que atuam no âmbito do ensino formal e informal”.

Soares complementa:

“[...] a inter-relação comunicação/educação está inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, estruturando-se de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social”.

(SOARES, 1999)

Para o professor da Universidade Nacional de *A Prata*, na Argentina, Jorge Huergo,

“[...] as tradições constitutivas do campo da inter-relação comunicação/educação, antes de estarem congeladas no passado, em discursos de consagrados pensadores e filósofos, estão na verdade, operando de maneira residual, o que em outras palavras, aponta para um campo dinâmico, construído a partir da contribuição de agentes culturais”.

(HUERGO, 1996)

Segundo Huergo ainda, o processo de comunicação só existe quando pensado e se pensando em seus espaços de referência, sejam fixos ou transitórios.

Shaun (2002) ressalta que a educomunicação não é um campo de intervenção social estático, ele apresenta um ‘movimento contínuo’, perpassando os meios de comunicação, levando em consideração as especificidades da cidadania.

Nesse sentido, “a comunicação é fator prioritário para o processo educativo, e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção de valores éticos e estéticos” (SCHAUN, 2002), capazes de possibilitar um conjunto de ações que permitem que educadores e discentes desenvolvam um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro ou fora dos espaços educativos.

De acordo com Martin-Barbero, o desafio está em

“[...] como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto”.

(MARTIN-BARBERO, 1996)

De acordo com Soares (2008), a educomunicação já se apresenta como alternativa de trabalho e ação educativa. Assim, o autor revela também que a prática educacional muitas vezes é confundida com práticas em espaços alternativos e não vista como uma

pedagogia a ser aplicada dentro da escola, porém, o campo educomunicativo “[...] não invade o espaço do alternativo, como temem alguns, mas reconhece sua dependência com relação a ele e o assume como sua fonte de inspiração” (SOARES, 2008).

Assim, as práticas educomunicativas revelam um

“[...] conjunto das ações inerentes ao planejamento e avaliação de processos, programas e produtos de comunicação implementados com intencionalidade educativa, destinado a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos, criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática dos recursos da informação”.

(SOARES, 2002)

Dentro deste contexto o conceito passou

“[...] a denominar não apenas um determinado ângulo programático da interação comunicação/educação (o tradicional tema da educação ante os meios), mas o conjunto dos elementos reconhecidos, na prática dos agentes culturais do continente, como constitutivos de um novo modo de se trabalhar a interface”.

(SOARES, 2008)

Nesse sentido, afirma-se que

“[...] a educomunicação é um espaço epistemológico de intersecção entre a educação e a comunicação social, abrangendo áreas como a educação para a comunicação (estudos de audiência, teorias da recepção) e, mais recentemente, a mediação das tecnologias na educação”.

(MOSTAFA, 2002)

Conforme relata Fígaro (2008), o conceito de educomunicação tem como eixo a compreensão de que os meios de comunicação também têm a possibilidade de serem educadores. É possível através da TV, rádio e Internet transmitir informações educativas para os usuários, porém, para que isso ocorra é fundamental que tais veículos midiáticos sejam acompanhados e cobrados.

Em relação a esse novo panorama, Schaun (2002) relata:

“O paradigma da educação no seu estatuto de mobilização, divulgação e sistematização de conhecimento implica em acolher o espaço interdiscursivo e mediático da Comunicação como produção e veiculação de cultura, fundando um novo lócus – o da inter-relação Comunicação/ Educação”.

(SCHAUN, 2002)

Portanto, a educomunicação é um campo em que se faz necessário um estudo aprofundado sobre suas práticas e teorias, pois apresenta um grande potencial de crescimento já que suas práticas têm caráter flexível e inovador no que se refere às práticas pedagógicas, sejam em espaços públicos formais e/ou não formais, tendo possibilidades de desenvolver o senso crítico e reflexivo e permitir a construção de uma sociedade mais humana.

Dentro desse contexto,

“A inter-relação em estudo, ou simplesmente educomunicação, não é por nós tomada na singularidade de uma nova disciplina, fechada em seus limites. Ao contrário, ela está inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas”.

(SOARES, 1999)

4.6. PORQUE FALAR EM EDUCOMUNICAÇÃO? A RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Com o advento das novas tecnologias no cotidiano, a cultura atual gira em torno desses novos aparatos, reestruturando nosso cotidiano. Segundo Mciver (2005), “as TICs [...] oferecem a possibilidade de introduzir mais flexibilidade nas vidas das pessoas em termo de espaço e tempo”. Nesse sentido, obriga-nos a sempre estar aprendendo sobre o novo, o que acarreta um trabalho de atualização constante e uma procura pela formação permanente e de reciclagem profissional.

Atualmente, é bastante crescente a demanda de cursos que visam uma atualização de seus funcionários, com o intuito de se adequarem a esse novo panorama social: complexo, mutável, flexível e *conectado*. Porém, não se trata apenas de aprender ou informar-se, ao contrário, de acordo com essa nova perspectiva, faz-se necessário o acesso ao conhecimento pleno.

Dessa maneira, Soares (2011) afirma que muitos dos cursos profissionalizantes que estão abrindo ou adaptados no país, incluem as novas tecnologias.

“Neste contexto, a contribuição da educomunicação se faz essencial, na medida em que traz reflexões e práticas centradas no desenvolvimento de competências produtivas e comunicativas, associadas, porém, à ética da responsabilidade social”.

(SOARES, 2011)

A EAD, aliada às práticas educacionais, deve ser vista como uma importante forma de aprendizagem. Para Lévy (1999),

“[...] os especialistas neste campo reconhecem que a distinção entre ensino presencial e ensino a distância será cada vez menos pertinente, já que o uso das redes de telecomunicação e dos suportes multimídia interativos vêm sendo progressivamente integrados às formas mais clássicas de ensino”.

(LÉVY, 1999)

O desenvolvimento das novas tecnologias aliadas ao acesso a Internet leva a transformações importantes que poderiam ter repercussões maiores para as práticas de ensino. Para Lévy (1999), o novo meio de comunicação emergente da interconexão mundial dos computadores vem modificar as relações do saber levando a um “[...] crescimento exponencial e caótico da informação disponível”.

Atualmente, lidamos com uma nova realidade: a da realidade virtual; mais conhecida por RV, que tem o papel de reproduzir uma realidade por meio dos novos aparatos tecnológicos. A palavra realidade (uma derivação da palavra real) refere-se a tudo aquilo que existe. E o que existe, existe porque pode ser captado por nossos sentidos. Se não existissem os sentidos, nada existiria para o ser humano (FURLAN, 1992).

Para trabalhar com ensino a distância, esperando-se resultados satisfatórios, é necessário identificar e reconhecer o papel da realidade virtual e aliar as práticas educacionais ao processo de ensino aprendizagem virtual, pois:

“A educomunicação, como uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência”.

(SOARES, 2011)

4.7. UMA DAS VERTENTES DA EDUCOMUNICAÇÃO: A MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Todo ato de ensino/aprendizagem constitui principalmente um ato comunicacional e, por esse motivo, é passível de uma análise que permeia e se instaura no campo da comunicação. Na EAD, o uso da comunicação pedagógica torna-se primordial para um melhor entendimento de suas práticas para, em consequência, aprimorar as técnicas e as práticas que englobam o processo de ensino-aprendizagem no ensino a distância.

Para tanto, optamos nesta dissertação abordar o paradigma da educomunicação, como já visto anteriormente, elucidando sua conceitualização para assim explorar as práticas de ensino-aprendizagem possíveis na EAD através dos princípios educ comunicativos. Para tanto, dentro do campo educ comunicativo encontram-se ramificações, dentre elas será abordada a *mediação tecnológica*, recurso que vai ao encontro das práticas utilizadas no ensino a distância.

Segundo Soares (2008), “[...] com a incidência das tecnologias no cotidiano das relações entre as pessoas e a cultura, com grande interferência na prática dos agentes pela agilização dos procedimentos e pelo favorecimento de novos processos de aprendizagem”, delimitamos dentro das práticas educ comunicativas a área da mediação tecnológica nos espaços educativos.

4.7.1. A EAD COMO MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Todo ato de ensino/aprendizagem constitui principalmente um ato de comunicação, já que “toda forma de comunicação tem como base um sistema de representação: não há comunicação que não seja mediatizada” (PERAYA, 2002).

Na EAD, o uso da comunicação pedagógica mediatizada é privilegiado e mesmo necessário pois ensinar a distância é feito em tempo diferido, tornando-se obrigatório recorrer a formas mediatizadas de comunicação tais como utilização de impressos, áudio, *softwares* e da Internet. Segundo Daniel Peraya (2002), como os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem encontram-se deslocados no tempo e no espaço, esses dispositivos de formação articulam-se aos dispositivos de comunicação mediatizada para difundir a informação e criar ambientes de aprendizagem. É essa evolução que conduz atualmente ao desenvolvimento do conceito de ensino virtual.

A Internet possibilita um espaço social de interações. Para Vigotski (1984), “a interação social é origem e motor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual”. Segundo o estudioso, todas as funções no desenvolvimento do ser humano aparecem primeiro no nível social (interpessoal) e depois no nível individual (intrapessoal). A aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo por meio do qual as pessoas penetram na vida intelectual dos que as cercam (VIGOTSKI, 1984).

Habermas (1984) contribui para esclarecer os caminhos dessa relação. Com base em sua teoria de ação comunicativa, podemos elaborar um modelo que pode orientar no planejamento dos ambientes interativos de aprendizagem e na monitoração e avaliação.

Os processos comunicativos tornam-se mais participativos pois a relação tutor-aluno tende a ser mais aberta, clara e interativa. Para Morán (2000), haverá uma

“[...] interação profunda entre a sociedade e a escola, entre a aprendizagem e a vida. Os cursos serão híbridos no estilo, presença, tecnologias e requisitos. Haverá muito mais flexibilidade em todos os sentidos. Uma parte das matérias será predominantemente presencial, e outra predominantemente virtual. O importante é aprender e não impor um padrão único de ensinar”.

(MORÁN, 2000)

4.7.1.1. INTERATIVIDADE E COMUNICAÇÃO MEDIATIZADA

A interação é o ponto de confluência no ambiente de ensino-aprendizagem virtual e tem como intuito assegurar o esclarecimento dos pontos de vista, desvendar a(s) verdade(s), obter consenso por meio da ação cooperativa de todos. Para Habermans (1984), esta é a situação ideal do discurso e apresenta simetria de escolha e realização dos atos de fala entre as pessoas bem como a possibilidade do uso do diálogo que visa o entendimento.

A compreensão dos conteúdos, padrões e fatores da comunicação, da interação e do discurso de aprendizagem on-line, cooperativa/colaborativa em comunidade de aprendizagem virtual podem resgatar o educador e seu papel bem como elucidar a sua formação-ação na EAD.

Para Morán (2009), o conhecimento ocorre no processo de interação:

“A informação é o primeiro passo para conhecer. Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora. Conhecer é saber, é desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. Conhecer é conseguir chegar ao nível da sabedoria, da integração total, da percepção da grande síntese, que se consegue ao comunicar-se com uma nova visão do mundo, das pessoas e com o mergulho profundo do nosso eu. O conhecimento se dá no processo rico de interação externo e interno. Pela comunicação aberta e confiante desenvolvemos contínuos e inesgotáveis processos de aprofundamento dos níveis de conhecimento pessoal, comunitário e social”.

(MORÁN, 2009)

A comunicação mediatizada exige, como qualquer aprendizagem, implicação consciente do estudante, intencionalidade, atitude adequada, destrezas e conhecimentos prévios necessários. Os materiais utilizados também devem estar adequados ao interesse, necessidade e nível dos cursistas. Essa capacidade de adaptação aos interesses dos alunos é

uma das características dos recursos de multimeios interativos bem desenhados. Ainda que a comunicação multimídia favoreça a aprendizagem, ela não a garante:

“[...] os meios, em síntese, conseguem se comunicar bem, porque nos atingem por inteiro. Mas, ao mesmo tempo, reduzem a sua comunicação a aspectos mais superficiais, simplistas, materialistas. A educação precisa estabelecer pontes entre os meios de comunicação e a escola, entre a sua forma de lidar com o conhecimento e a da escola. Um dos caminhos é desenvolver com os professores formas de leitura crítica dos meios de comunicação, nas diversas áreas do conhecimento. Analisá-los tanto do ponto de vista estético como de conteúdo”.

(MORÁN, 2009)

Para Bouchard (2002), “entre as vantagens da mediação assíncrona está a dupla possibilidade de buscar aprendizagens com um grau reduzido de distância transacional, beneficiando-se de um ambiente favorável à autoformação”.

4.7.1.2. DIALOGISMO

O educador e pesquisador Michael Moore (1993) caracteriza o diálogo distinguindo-o de outras interações no ensino e no estudo: “um diálogo é direcionado, construtivo e é apreciado pelos participantes. Cada uma das partes contribui com algo para seu desenvolvimento e se refere às contribuições de outro partido”. Na enumeração das concepções constitutivas do ensino a distância, Moore insere o diálogo em primeiro lugar.

Alguns autores destacam o diálogo como papel fundamental na EAD, para Bouchard (2002):

“[...] o processo de apropriação desenvolve-se no aprendiz de forma dialógica, isto é, que a interiorização das finalidades e dos objetos de aprendizagem se faz progressivamente por meio de questionamentos, de perguntas e de reformulações que exigem uma mediação pelo diálogo”.

(BOUCHARD, 2002)

Para Peters (2001), “[...] o diálogo torna-se importante pedagogicamente porque nele a linguagem, pensamento e ação estão intimamente relacionados e porque realizam o desenvolvimento individual e social do ser humano”.

Na visão de Freire (1976), “[...] ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não ‘sloganizar’. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam”.

Segundo Bakhtin (1993),

“[...] o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”.

(BAKTIN, 1993)

Para Bakhtin, o dialogismo é a condição de sentido do discurso. A linguagem passa a ter papel fundamental no processo de ensino, inclusive no que se refere ao ensino a distância. Maria de Lourdes Motter afirma que

“A conexão linguagem-pensamento-consciência decorre de uma associação genética de processos distintos, mas intimamente relacionados. Se o pensamento conceitual é sempre verbal e a função cognitiva do pensamento não se realiza fora da linguagem, pensamento e linguagem são aspectos de um mesmo processo: o conhecimento do mundo pelo homem, a reflexão sobre o conhecimento e o conhecimento que o homem tem de si”.

(MOTTER, 2001)

Para Morán (2000), “a Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender”.

5. ESTUDO DE CASO: O PROGRAMA MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, a partir das informações levantadas, será exposto o estudo de caso: o Programa Mídias na Educação, ponto central desta dissertação. Em seguida, será apresentada a coleta de dados, assim como a análise dos mesmos.

5.1. O ESTUDO DE CASO

O estudo de caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente,” afirma Triviños (1987). É flexível, permitindo ao pesquisador “passar do contexto meramente descritivo para o contexto interpretativo ou heurístico, à medida que sua pesquisa avance” (PÁDUA, 2000).

Destacam-se como características principais do estudo de caso, segundo Ludke e André (1986):

- a) os estudos de caso visam à descoberta;
- b) os estudos de caso enfatizam a “interpretação em contexto”;
- c) os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda;
- d) os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação;
- e) os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas⁵;
- f) estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social;
- g) os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

⁵ A generalização naturalística (STAKE, apud LUDKE e ANDRÉ, 1986) “ocorre em função do conhecimento experimental do sujeito, no momento em que este tenta associar dados encontrados no estudo com dados que são frutos das suas experiências pessoais”.

Assim, cada caso é tratado como tendo um valor intrínseco, ou seja, o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

O desenvolvimento do estudo de caso caracteriza-se por três fases que se superpõem em diversos momentos: a primeira aberta e exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coleta de dados e a terceira consistindo na análise e interpretação sistemática dos dados e na elaboração do relatório (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

5.2. APRESENTAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

O Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação é um programa de educação a distância que faz parte da estratégia da Secretaria de Educação a Distância do MEC, em parceria com Instituições Públicas de Ensino Superior e Secretarias de Educação.

É um programa cuja característica mais marcante é a de auxiliar os educadores na apropriação do conceito, como estratégia de aprendizagem para utilizar em salas de aula. Da mesma maneira estima a produção cooperativa de professores e alunos, a produção e implementação do programa resultam da cooperação entre MEC, Universidades e Secretarias de Educação.

No ano de 2005, a Secretaria de Educação a Distância do MEC, implementou uma versão piloto do curso no ambiente virtual e-ProInfo⁶ para atender a 1.200 professores da rede pública com experiência prévia em mídias, ajudou a validar o modelo, tanto de elaboração como de implementação. Uma nova oferta foi oferecida no ano de 2006, atendendo a 10 mil educadores. Atualmente, o programa atende cerca de 32 mil docentes.

⁶ O Ambiente Colaborativo de Aprendizagem (e-ProInfo) foi criado no ano de 1997 pela SEED em parceria com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, permitindo assim a concepção, administração e desenvolvimento de diversos tipos de ações, como cursos a distância, projetos de pesquisa e colaborativos, além de outras formas de apoio a distância ao processo de ensino-aprendizagem.

Figura 8 - Ambiente e-ProInfo (<http://eprinfo.mec.gov.br/>)

Diferentes dispositivos midiáticos como o rádio e a televisão já fazem parte da realidade de um número significativo de escolas. Essa presença, no entanto, não é suficiente para garantir que os dispositivos efetivamente se articulem ao processo de ensino/aprendizagem. Para que isso ocorra é preciso que eles não só sejam percebidos como recursos pedagógicos eficientes, mas que sejam adequadamente utilizados em salas de aulas, respeitando-se o potencial de cada um.

Além da integração das diversas mídias ao processo de ensino e de aprendizagem, uma das principais características do Programa Mídias na Educação é o estímulo à produção de professores e cursistas em suportes midiáticos distintos.

A concepção pedagógica que sustenta o Programa Mídias na Educação pressupõe, justamente, a autoria como característica essencial a uma aprendizagem autônoma e significativa. Pressupõe, ainda, que uma aprendizagem efetiva exige, por parte do professor, um esforço no sentido de diversificar as formas de disponibilizar recursos midiáticos para promover a construção do conhecimento, bem como de apresentar informação e produção dos cursistas.

Essa concepção pedagógica se beneficia do atual contexto de desenvolvimento das TIC. Atualmente, equipamentos de captação de som e imagem, bem como de edição “doméstica”, possibilitam a cursistas e professores transcender a condição de fruição de usuários da informação para transformá-los em autores em diferentes mídias.

Mas para que isso ocorra é necessário que os professores não só compreendam a importância desse instrumental, como também desenvolvam novas competências, novos olhares sobre as mídias.

Avaliar a contribuição de cada mídia para a aprendizagem autônoma e para a capacidade de criar e disseminar informações e combiná-las de forma a colaborar para a melhoria da aprendizagem dos cursistas é uma importante tarefa do professor.

No âmbito das políticas públicas, torna-se imperativo implantar, ampliar e fortalecer projetos de formação docente que tenham como alvo o uso articulado das mídias. O Programa de Formação Continuada Mídias na Educação foi concebido com esta finalidade, sendo oferecido pelas Instituições de Ensino Superior. Portanto, o Programa tem como objetivo geral o de contribuir para a formação de profissionais em educação, em especial professores da Educação Básica, capazes de produzir e estimular a produção dos alunos nas diferentes mídias de forma articulada à proposta pedagógica e a uma concepção interacionista de aprendizagem.

Os objetivos específicos do Programa Mídias na Educação são:

- a) Identificar aspectos teóricos e práticos referentes aos meios de comunicação no contexto das diferentes mídias e no uso integrado das linguagens de comunicação: sonora, visual, impressa, audiovisual, informática e telemática, destacando as mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem;
- b) Explorar o potencial dos Programas da SEED/MEC (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived) e os desenvolvidos por IES ou Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, no Projeto Político-Pedagógico da escola, sua gestão no cotidiano escolar e sua disponibilidade à comunidade;

- c) Elaborar propostas concretas para utilização dos acervos tecnológicos disponibilizados à escola no desenvolvimento de atividades curriculares nas diferentes áreas do conhecimento;
- d) Desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico nas diferentes mídias;
- e) Elaborar projeto de uso integrado das mídias disponíveis.

O programa Mídias na Educação utiliza a modalidade a distância e inicialmente era estruturado em três módulos (2006-2010). Cada módulo correspondia a um conjunto de conhecimentos e atividades dedicados a uma mídia ou à aplicação das mídias de forma integrada. Do ponto de vista metodológico, os módulos eram estruturados em três dimensões, considerando as mídias como:

- a) Objeto de estudo e reflexão;
- b) Ferramenta de apoio aos processos de ensino e aprendizagem (conceito de pré e pós-exibição);
- c) Meio de comunicação e expressão (produção e autoria).

Figura 9 – Estrutura básica dos três módulos

A metodologia do Mídias na Educação é marcada pela interatividade, objetivando familiarizar o cursista com as diversas mídias. O caráter teórico-prático das atividades busca facilitar o processo de produção de conhecimento e a interação entre tutores e cursistas por meio da utilização da tecnologia.

A proposta do Programa está fundamentada em uma concepção de Educação como processo construtivo e permanente, implicando:

- a) No reconhecimento da especificidade do trabalho docente, que conduz à articulação necessária entre a teoria e a prática (ação/reflexão/ação) e à exigência de que se leve em conta a realidade da escola, da sala de aula e da profissão docente, ou seja, das condições materiais e institucionais em que atua o educador;
- b) Na metodologia de resolução de problemas, permitindo que a aprendizagem se desenvolva no contexto da prática profissional do cursista;
- c) Na integração e na interdisciplinaridade curriculares, dando significado e relevância aos conteúdos;
- d) No favorecimento à construção do conhecimento pelo cursista, valorizando sua vivência investigativa e o aperfeiçoamento da prática; e,
- e) Na inclusão, considerando a oferta de percursos compatíveis com a formação prévia, as necessidades e a expectativa dos participantes.

O currículo tem como eixo estruturante a utilização de diferentes recursos de apoio à aprendizagem e à autoria nas diferentes mídias. Ele se materializa, no interior dos três módulos, através das interseções estabelecidas entre as mídias.

O ciclo básico correspondia a uma certificação de extensão (120h) e tinha o intuito de apresentar aos cursistas o uso educacional, produção e gestão de mídias. O Ciclo Intermediário correspondia à certificação de aperfeiçoamento de forma cumulativa em relação ao Ciclo Básico, perfazendo 180h e oferecia aos alunos módulos temáticos dedicados às diversas mídias, sua gestão, autoria, coautoria e sua aplicabilidade educacional. O Ciclo Avançado culminava com a Especialização em Mídias na Educação, com carga horária de

360h, aproveitando as formações anteriores, apresentava módulos temáticos dedicado às especificidades e do aprofundamento da autoria e coautoria das mídias na educação.

O primeiro módulo era o Ciclo Básico – conhecido como Integração de Mídias na Educação – correspondia ao módulo introdutório⁷ de todo o programa. Constituía o núcleo em torno do qual se estruturavam os demais ciclos. Englobava a discussão sobre a utilização das mídias em diferentes concepções pedagógicas, os fundamentos e a aplicabilidade das principais mídias no ensino e na aprendizagem, tanto do ponto de vista do espectador quanto do autor. Os seguintes módulos constituíam esse ciclo:

- 1) TV e Vídeo: tem como objetivos discutir sobre o contexto sócio-educativo da televisão e do vídeo, abordando conceitos básicos sobre a linguagem utilizada na televisão e noções sobre os aspectos tecnológicos da produção de um vídeo.
- 2) Rádio: O Módulo Rádio tinha como objetivo principal discutir o papel desta mídia e sua integração com outros meios tecnológicos em âmbito escolar.
- 3) Impressos: O Módulo da Mídia Material Impresso procurava introduzir o cursista aos temas relacionados ao uso didático do material impresso. Sua duração era de 15 horas, possuindo três atividades obrigatórias e três complementares (facultativas).
- 4) Informática: O Módulo Informática tinha por objetivo estudar o ambiente que a informática propicia aos professores para apoiar atividades de ensino-aprendizagem.

O Ciclo Intermediário era formado por módulos temáticos de nível intermediário, constituindo desdobramentos e acréscimos aos módulos do nível básico. Era composto por:

⁷ O Módulo Introdutório Mídias na Educação proporcionava uma visão geral sobre o uso das mídias na educação. Buscava fundamentar as práticas pedagógicas, discutindo conceitos, potenciais e implicações do uso das mídias na educação. Objetivava provocar reflexões sobre as diferentes linguagens midiáticas, favorecendo a compreensão do atual contexto educacional e do papel das mídias no mesmo. Distribuído em 4 Etapas, com carga horária de 30 horas, o módulo possuía cinco atividades.

- 1) Informática: O Módulo Informática tinha por objetivo estudar os aspectos do processo ensino-aprendizagem, discutir os recursos didáticos, mostrando a contribuição que a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) pode trazer à prática escolar.
- 2) TV e Vídeo: tinha como objetivos discutir as correlações entre tecnologia, tecnologia educativa e currículo; desenvolver o pensamento crítico sobre a inserção das tecnologias da informação e da comunicação no currículo escolar e apresentar aspectos da pedagogia de projetos e sobre as metodologias de trabalho para o desenvolvimento de projetos audiovisuais educativos.
- 3) Rádio: tinha como objetivo geral apresentar o rádio e seu papel na construção de ecossistemas comunicativos, discutindo mudanças de tecnologias, formatos e conteúdos. Além disso, buscava contextualizar os usos sociais, culturais e educativos do rádio.
- 4) Material Impresso: buscava propiciar uma visão geral dos gêneros textuais; promover o conhecimento de alguns gêneros textuais da mídia impressa e de suas especificidades; favorecer a reflexão sobre seu uso em práticas didático-pedagógicas e estimular a criação de atividades de leitura e produção de textos da mídia impressa fundamentada na noção de gênero textual.

Já o terceiro módulo, o Ciclo Avançado⁸ correspondia a:

- 1) Módulo Convergência das Mídias: abordava as potencialidades da convergência de mídias na educação bem como os papéis dos professores, alunos e demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem como autores e designers de projetos integrando os meios de comunicação na prática pedagógica.

⁸ A certificação de Especialização exigia, ainda, a apresentação de trabalho monográfico a partir de projeto desenvolvido, referente ao uso das mídias no processo de ensino e aprendizagem.

Tinha como objetivos gerais abordar os conceitos emergentes sobre comunicação, mobilidade, ubiquidade e convergência de mídias e contribuir com a compreensão das diferentes possibilidades de uso pedagógico, favorecendo a reconstrução da prática. Eram colocados ainda como objetivos discutir as implicações envolvidas no processo de ensino e aprendizagem; contribuir para a criação de condições que despertassem nos profissionais a motivação para o uso integrado das mídias e tecnologias, e compreender os papéis dos alunos, professores e demais envolvidos na comunidade escolar como autores e interlocutores.

- 2) Linguagem da Mídia Impressa: procurava garantir acesso e domínio das linguagens de informação e comunicação a educadores e educandos de escolas públicas brasileiras. Buscava-se a incorporação, diversificação e integração de linguagens, suportes e meios de comunicação, a leitura crítica, a mediação pedagógica, o estímulo à autoria em diferentes mídias.
- 3) Multimídia Educacional e *Softwares* de Autoria: tinha por objetivo estudar as inúmeras possibilidades educacionais da internet e diversos *softwares*, para otimização do ensino em sala de aula, dos professores de diversas áreas, apresentado alternativas de utilização, um histórico da educação a distância, os benefícios do uso da multimídia na educação, *softwares* educacionais, dentre outros pontos importantes para os novos conceitos de educação que vêm surgindo juntamente aos novos recursos digitais.
- 4) Vivenciando o Desenvolvimento de Projeto com Mídias Integradas na Educação: visava auxiliar o trabalho de construção de projetos didáticos com mídia⁹.
- 5) Blogs, Flogs/Vlogs e Webquest tinham por objetivo:
 - a) Conhecer estas ferramentas de criação disponíveis na Internet;

⁹ Não se tratava de uma orientação em paralelo ao TCC, mas uma tentativa de sistematizar questões que poderiam ajudar os cursistas a refletir sobre o próprio processo de construção de seus trabalho, numa atitude de autorreflexão e autocrítica.

- b) Compreender como se cria e utiliza Blog, Flog/Vlog e Webquest como forma de experimentação destas ferramentas;
 - c) Conhecer diversos provedores que possuem estes serviços na Web;
 - d) Avaliar e debater o sobre seu uso educacional;
 - e) Criar e publicar projetos para utilização de forma interativa e colaborativa;
- 6) Planejamento, Gestão e Avaliação do uso das mídias na Educação tinham como objetivos:
- a) Planejar, implementar, implantar projetos voltados para gestão de processo de aprendizagem, mediados com o suporte das principais tecnologias de informação e comunicação nos diversos cenários educacionais;
 - b) Desenvolver competências que oportunizem a gestão de sistemas abertos e mediados nos diversos níveis de ensino.
- 7) Cordel: distribuída em três etapas:
- a) relação do cordel com outras manifestações culturais, típicas de sua região, além de compreender a importância de se considerar as histórias de vida de professores e alunos no desenvolvimento desse trabalho;
 - b) relacionamento do cordel a outros gêneros textuais, bem como a refletir sobre o modelo de letramento adotado em sua escola;
 - c) produção de um trabalho que retomasse a perspectiva carnavalesca do cordel e da transversalidade.
- 8) Imagem na Mídia Impressa possuía três etapas que possibilitaram o contato com as formas através das quais imagem e palavra estabelecem suas inúmeras relações. Apresentava a seguinte estrutura:
- a) Eram expostas as potencialidades da imagem como campo de saber, as forma de conhecer e aprender sobre os aspectos da realidade;
 - b) Abordava-se Leitura da Imagem, chamando atenção para o campo contextual e estrito da imagem. Nesse sentido, eram considerados

aspectos relevantes nesse processo tanto os de ordem cultural quanto da imagem em si;

c) discutía-se o suporte e a percepção da imagem. Uma pergunta perpassava todo o momento: “quais as consequências para a leitura da imagem quando esta é transposta para um outro suporte que não é o seu de origem?”

9) Histórias em quadrinhos e charges: abordava o uso didático das histórias em quadrinhos e charge. O módulo estava estruturado em duas etapas, que tinham como objetivos: favorecer a reflexão sobre o gênero HQ e charges, considerando a linguagem, a estrutura, a função e universos em que são propagados; estimular a construção de uma HQ, a partir da invenção do argumento, sua sequência, elaboração do roteiro, do planejamento, definição dos personagens, os passos para realização gráfica, e mostrar possibilidades de uso da HQ e charges no ambiente escolar, incrementando a prática pedagógica.

10) Gêneros de Entretenimento: estava dividido em cinco tópicos abrangentes que discutiam aspectos relevantes sobre os programas televisivos e analisavam os questionamentos sobre a forma de sua utilização como ferramenta auxiliar ao docente, no desenvolvimento de sua ação e prática pedagógica, utilizando a mediação das tecnologias presentes na sociedade da informação e da comunicação. Tinha como objetivo oferecer ao aluno material de estudo para que este adquirisse conhecimentos sobre as características formais e funcionais dos diversos gêneros de entretenimento exibidos nos canais de televisão.

11) Propaganda e Publicidade: tinha por objetivo o de discutir a importância destas formas simbólicas na sociedade atual e conhecer seu funcionamento discursivo. Ao trabalhar com a propaganda, além de descobrir “o outro lado” de um objeto com o qual ele está em permanente contato, o aluno poderia desenvolver a utilização das mais diversas estratégias linguístico-

discursivas, possibilitando, assim, um manejo mais efetivo dos recursos que a língua dispõe.

Para conseguir atingir esses objetivos, o módulo foi dividido nas seguintes etapas:

- a) A importância da propaganda na sociedade;
- b) A agência de propaganda e a peça publicitária;
- c) Recursos para seduzir o consumidor;
- d) a utilização da propaganda em sala de aula.

12) Módulo Avançado II - Serviços de Radiodifusão: eram abordadas as características dos diversos serviços de radiodifusão, mostrando as diferenças de funcionamento entre as rádios comercial, comunitária, educativa, livre e pirata. Possuía como objetivos específicos:

- a) Saber o que estava disposto na legislação sobre o modo de funcionamento de cada tipo de rádio;
- b) Perceber quais os interesses prioritários das rádios comercial, comunitária, educativa, livre e pirata;
- c) Refletir como os interesses prioritários de cada tipo de rádio concretizavam-se numa linha editorial, grade de programação, linguagem e modos próprios de gerenciamento.

13) Metodologia da Pesquisa Científica: visava auxiliar a construção do projeto de pesquisa do cursista. Para tanto, previa-se 32 horas de estudo, abordando desde a elaboração do projeto até a elaboração do relatório da pesquisa.

Tinha como objetivos:

- a) Compreender as diversas visões de mundo, correlacionando-as com o projeto desejado, articulando o conhecimento adquirido com conteúdos trabalhados no curso em tela;
- b) Proporcionar subsídios teóricos que possibilitasse ao aluno a elaboração do projeto de pesquisa, contemplando a inserção das mídias em seu fazer pedagógico;
- c) Elaborar projeto de pesquisa segundo a abordagem escolhida.

De maneira resumida o Programa Mídias na Educação apresentava-se da seguinte maneira:

Figura 10 - Estrutura do Programa Mídias na Educação

No ano de 2009, o Programa Mídias na Educação passou a pertencer à Universidade Aberta do Brasil (UAB), vinculada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Com a migração para a UAB, o Mídias, a partir do ano de 2010, passou a ter outra estrutura curricular: dois cursos independentes entre si substituíram os três módulos então existentes, estruturando-se da seguinte maneira:

- a) Curso de extensão: os módulos básico e intermediário foram condensados em um único, com carga horária de 160h;
- b) Curso de Especialização: tem como base o módulo avançado, com carga horária mínima de 360h.

O MEC ainda acompanha e viabiliza os recursos necessários para o programa. Já as universidades e Secretarias de Educação ficam a cargo de: operacionalizar o processo, elaborar e organizar o curso e a seleção dos cursistas. As universidades ainda selecionam e capacitam os tutores, além delas próprias emitirem o certificado de conclusão de curso aos discentes.

No Estado de São Paulo, a Secretária de Educação é representada pela GIP – Gerência de Informática Pedagógica, órgão da FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação,

responsável pela política de seleção e encaminhamento das inscrições dos professores e que se mantém em contato constante com a USP.

No âmbito da Universidade de São Paulo, o diálogo administrativo com o MEC em função da implementação do Programa Mídias na Educação acontece em parceria com a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco – FADE que, em decorrência de suas funções, habilita-se a proporcionar os meios adequados à mobilização dos recursos humanos e materiais indispensáveis ao atendimento dos objetivos e metas propostos, confiando a execução dos trabalhos pedagógicos ao Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE/USP.

É nesse sentido que o NCE une-se à SEED/MEC e à GIP/FDE para uma contribuição efetiva para a melhoria da qualidade da educação no país, especialmente no campo da inter-relação entre a Comunicação e a Educação.

O programa é desenvolvido no Estado de São Paulo, sob a gestão do NCE, e estrutura-se da seguinte maneira:

- a) Supervisor geral: responsável pelo Programa;
- b) Coordenadores: composto por nove profissionais responsáveis pelo planejamento, organização, direção e controle do Programa. São responsáveis tanto pelo gerenciamento da informação e administração das ações implementadas, quanto pela orientação teórico-metodológico do Programa, cabendo desenvolver uma política de formação on-line do projeto. São suas atribuições:
 - selecionar os tutores;
 - responder pelo apoio técnico aos módulos do ambiente e-proinfo;
 - prover a capacitação dos tutores das equipes no ambiente e-proinfo;
 - acompanhar e apoiar o trabalho dos tutores, subsidiando-os teoricamente em seu diálogo com os profissionais da educação (cursistas) inscritos no Programa;
 - estabelecer as rotinas características da tutoria, esclarecendo os tutores a respeito da dinâmica do Programa;
 - tomar as providências necessárias para garantir condições de trabalho adequadas à tutoria;

- participar da elaboração, implementação e acompanhamento das tarefas de avaliação dos cursistas e do Programa;
- avaliar a capacitação on-line, examinando os relatórios elaborados pelos tutores;
- promover a articulação das equipes dos tutores;
- descrever em relatórios periódicos o andamento das atividades;
- preparar os textos analíticos a serem incluídos no site do Programa;
- participar de reuniões operacionais que se fizerem necessárias para a boa implementação do projeto;
- implementar as ações necessárias para que os professores matriculados no curso desenvolvam as atividades previstas no Programa;
- encaminhar às IES responsáveis as dúvidas não esclarecidas e situações que exijam alterações no Programa;
- prestar informações de caráter acadêmico e administrativo sempre que solicitado pelas IES;
- colaborar para a melhoria do processo de tutoria e para a avaliação e aperfeiçoamento do próprio Programa.

c) Tutoria: composto atualmente por 54 profissionais. São atribuições do tutor:

- ter experiência no desenvolvimento de atividades no campo da inter-relação comunicação, cultura e educação;
- orientar os cursistas nas dúvidas quanto ao acesso ao ambiente e uso das ferramentas de aprendizagem e encaminhar as dúvidas que exijam apoio técnico mais específico aos profissionais de apoio técnico;
- orientação acadêmica quanto ao Programa em curso, em conjunto com a coordenação de tutoria;
- acompanhamento de aprendizagem e do desempenho dos cursistas durante o programa;
- aplicação e correção de tarefas constantes do processo de avaliação;
- encaminhamento à Coordenação de tutoria de documentos e relatórios necessários ao controle do desempenho dos cursistas;
- participação nas tarefas de avaliação do Programa;
- conhecer a realidade do ensino público e ser capaz de identificar alternativas e oportunidades para a realização das atividades do Programa;

Cada tutor é responsável pelo estímulo à interatividade, pela dinamização de grupos virtuais de colaboração, pelo atendimento às dúvidas dos cursistas, pela dinamização de momentos presenciais e de aplicação de instrumentos de avaliação, presenciais e a distância. Para tanto, o tutor deverá receber capacitação prévia ao início de sua atuação, com orientações precisas a respeito das atribuições da tutoria, do ambiente e-proinfo e dos demais recursos disponíveis para utilização do programa.

O curso Mídias na Educação acontece através de ofertas¹⁰, atualmente há três ofertas em andamento. São elas:

- a) 2º Oferta: Básico: novembro 2007 – julho 2009;
Intermediário: maio a julho 2010;
Avançado: agosto 2010 – (previsão) setembro 2012;
- b) 3º Oferta: Básico: abril 2009 – dezembro 2009;
Intermediário: março a julho 2010;
Avançado: agosto 2010 - (previsão) setembro 2012;

No momento, o programa desenvolve sua 4ª oferta, tendo formado especialistas da 1ª oferta (2011), com previsão de término da 2ª e 3ª ofertas em 2012, e da 4ª no próximo ano.

¹⁰ Oferta corresponde à abertura de um novo curso, que passará por todos os ciclos. Uma oferta é composta por várias turmas. O conjunto dessas turmas é que forma uma oferta.

Gráfico 5 - número de aprovados no curso Mídias na Educação até o ago/2011

A avaliação do cursista mediante o curso é realizada por processo (participação nas atividades on-line, envolvimento com o programa) e por produto (realização de um planejamento sobre uma prática através do emprego de um ou mais recursos da comunicação).

Para medir tais requisitos, elaborou-se a seguinte estrutura de avaliação/notas:

PS = PLENAMENTE SATISFATÓRIO

- Aborda o conteúdo com coerência e expande as discussões, instiga o grupo;
- Interpretação correta do conteúdo, exposição bem escrita e detalhada;
- Participação relevante nas discussões - comenta contribuições com interesse e estimula discussões;
- Cumpre rigorosamente os prazos.

S = SATISFATÓRIO

- Aborda o conteúdo com coerência;

- Interpretação correta do conteúdo, mas em exposição que poderia ser mais desenvolvida;
- Participação mediana nas discussões - comenta contribuições e volta ao Fórum, mas sem promover maior debate.

M = MÉDIO OU REGULAR

- Aborda de modo tangencial as temáticas do Módulo em sua contribuição;
- Interpretação correta do conteúdo, mas com exposição sucinta ou pouco detalhada;
- Participação baixa nos debates - posta sua contribuição, mas não faz comentários sobre as contribuições dos colegas.

I = INSUFICIENTE

- Não aborda as temáticas do Módulo em sua contribuição;
- Faz interpretação errônea dos conceitos;
- Sem participação nos debates com os colegas.

N = NÃO FEZ A ATIVIDADE

Aos cursistas que cumprirem com todas as exigências estabelecidas é concedido o certificado emitido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP. As exigências são as seguintes:

- a) cumprimento da carga horária on-line e das atividades presenciais previstas no cronograma do curso, de forma a totalizar pelo menos 85% do tempo exigido para tais atividades; e,
- b) apresentação de rendimento acadêmico julgado satisfatório pelos responsáveis pelas salas virtuais (tutores).

5.3. A FORMAÇÃO DO TUTOR NO PROGRAMA MÍDIAS NA EDUCAÇÃO¹¹

A formação do tutor é um elemento essencial para o sucesso da educação online na EAD (MOORE, 2007). Um bom tutor é aquele que busca humanizar as atividades e relações pessoais dentro do AVA, onde as barreiras de um curso online sejam minimizadas, para alcançar ou, no mínimo, tornar brando o percurso do cursista em um curso a distância.

Sobre o aspecto da formação dos tutores, Vasconcelos e Mercado (2007) apontam que “pensar a formação de tutores significa pensá-la como um processo contínuo de formação inicial e um processo coletivo de troca de experiências e práticas”. Portanto, a formação do tutor é um processo estático.

Para Nunes e Santos (2007):

“[...] é necessário, dada a especificidades dessa metodologia, que os profissionais sejam capacitados, por um processo sistemático, a fim de dominar a metodologia da Educação a Distância e que, conscientes da especificidade desse ensino, sejam apoiadas em um bom material didático instrucional que é substancialmente diferenciado daquele que é apropriado para o ensino formal e presencial”.

(NUNES e SANTOS, 2007)

Uma formação específica a cada curso a distância é elemento essencial a este profissional, pois além de desempenhar atividades no AVA, é necessário que o tutor seja formado e orientado a exercer sua função dentro do ambiente de acordo com o curso que irá lecionar.

No caso do Programa Mídias na Educação no Estado de São Paulo, os tutores que preenchem os pré-requisitos listados no capítulo 5.2, passam por uma formação on-line, via e-mail, para estarem aptos a exercerem suas funções no curso. Ressalva-se que sua formação é contínua, ocorre ao longo do processo.

¹¹ Ressalva-se que a descrição da formação do tutor no curso Mídias na Educação é realizada por experiência própria da autora, como não foram encontrados relatos e dados correspondentes à formação dos tutores na 1ª Oferta, que teve início no ano de 2006; em 2011, inscrevi-me para exercer tal função: 1º para vivenciar a prática da tutoria, com o intuito de aproximar-se do objeto de estudo de caso; 2º para coletar dados sobre a formação do tutor no Mídias na Educação.

Em um primeiro momento, ocorre uma reunião presencial que é relatada no APÊNDICE 1.

Abaixo, são descritos os passos para a formação do tutor realizada pelo Programa via e-mail:

1. Kit do tutor – Parte 1

Nesse primeiro contato entre coordenação e tutoria, são encaminhados cinco anexos contendo: caderno de atividades (ANEXO 2), cronograma geral do curso (ANEXO 3) critérios para avaliação (ANEXO 4), uma apostila sobre plágio – como identificar e como proceder caso algum de seus cursistas comentam esta ação – (ANEXO 5) e uma proposta de rotina do cursista (ANEXO 6).

2. Kit do tutor – Parte 2

A coordenação pede para os tutores indicarem o blog do Programa:

[HTTP://midiaseducacao.blogspot.com/2009/05/as-principais-ferramentas-do-e-proinfo.html](http://midiaseducacao.blogspot.com/2009/05/as-principais-ferramentas-do-e-proinfo.html)

Além de conter os seguintes tutoriais: como utilizar o webmail (ANEXO 7), como inserir texto na agenda (ANEXO 8), como criar uma enquete (ANEXO 9), como realizar a avaliação através ferramenta biblioteca (ANEXO 10), como inserir tema e subtema em uma atividade (ANEXO 11), como proceder quando um cursista esquece a senha (ANEXO 12) e como manter o fórum ativo (ANEXO 13).

3. Início do curso Mídias na Educação

A coordenação encaminha a carta de convocação a todos os cursistas da turma com cópia aos tutores, para estarem a par da interação que ocorre entre coordenação e estudantes.

4. Início das atividades

Em seguida, a coordenação envia o seguinte e-mail aos tutores:

Caros Tutores,

Acabamos de encaminhar a carta de convocação aos cursistas. A partir de agora eles já sabem do início e vocês devem enviar um e-mail comunicando que estão na sua turma, citando o número da mesma.

As turmas do 1 ao 28 já estão alocadas, e vocês devem deixar o ambiente pronto para amanhã.

Estamos encaminhando o caderno de atividades oficial¹² com os links habilitados, exceto na última atividade do módulo gestão, para não atrasá-los estamos encaminhando sem o link dessa atividade e encaminharemos em breve.

Todos os gmails das turmas já estão prontos para uso, e já estamos começando a compartilhar com cada gmail a planilha de notas no gdocs da turma.

Att.,

Coordenação Geral.

5. Fechamento dos fóruns

São enviadas as seguintes instruções:

Caros tutores,

No módulo Integração há duas atividades por semana, nesse caso os fóruns serão fechados na terceira semana. Na terceira semana fechamos os fóruns da primeira semana, ok?

Mesmo porque estamos iniciando e os cursistas ainda chegando.

Abraços,

Coordenação Geral.

6. Sobre a enquete

¹² ANEXO 2

São enviadas as seguintes instruções:

Caros Tutores,

A enquete deve ser para escolha do melhor dia para os chats que acontecerão durante o curso. Vocês devem oferecer opções que sejam boas para que o tutor esteja disponível.

Exemplo: Nessa semana já temos chat, sugerimos então que orientem os cursistas a responderem até quarta-feira e indiquem as opções para depois disso. É sempre interessante deixar o chat para os últimos dias da semana para que os cursistas tenham alguns dias antes dele para o estudo do material e alguns dias depois dele (fim de semana) para a conclusão da atividade discutida em chat.

Abraços,

Coordenação Geral.

7. Ferramenta biblioteca

São enviadas as seguintes instruções:

Caros Tutores,

Essa semana há bate papo, enquete e biblioteca.

A biblioteca inicialmente sempre nos dá trabalho, então pedimos atenção ao orientarem os cursistas e encaminhem o tutorial sobre postagens (sempre salvas sem caracteres especiais ou espaços).

Além disso, cabe ao tutor abrir o tema e subtema (apoio → temas) para que o cursista consiga efetuar a postagem.

Quem precisar de ajuda, nos procure e lembramos também que há um tutorial para a abertura do tema e subtema.

*Abraços,
Coordenação Geral.*

8. Orientações fim do módulo
São enviadas as seguintes instruções:

Caro Tutor,

Chegamos ao fim do primeiro módulo e queremos passar algumas orientações:

Quanto à semana de estudos:

A última semana do módulo é sempre para ajustes, sugerimos que você oriente os alunos que estão em dia com as atividades que iniciem a leitura do próximo módulo: rádio ([HTTP://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/index.htm](http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/index.htm))

Os demais cursistas devem finalizar as atividades nesta semana. Não queremos ter cursistas no Rádio com pendências no Introdutório. Para isso encaminhe uma mensagem contendo essas informações. Aproveite para lembrá-los que no Módulo Rádio será uma atividade por semana e que na abertura do 3ºMódulo, o primeiro será fechado.

É importante que você, tutor, mantenha as avaliações das atividades aos cursistas e a planilha de conceitos atualizadas.

Acompanhamento dos tutores

Os tutores serão acompanhados pelos coordenadores. Estamos terminando a planilha de acompanhamento e iremos disponibilizá-la para a visualização de todos, a fim que possam saber como estão sendo acompanhados.

Os tutores que estão apresentando algumas dificuldades estão sendo chamados para reunião de orientação (via skype) com a Coordenação. Essa reunião é tranquila e costuma resolver as dificuldades.

*Abraços,
Coordenação Geral.*

9. Informações sobre planilha e avaliação

São enviadas as seguintes instruções:

Caro Tutor,

Algumas informações sobre a planilha e avaliação:

- *só utilizem os conceitos PS (plenamente satisfatório), S (satisfatório), M (médio), I (insatisfatório) e N (não fez a atividade), a planilha contém fórmulas que não entendem outro conceito;*
- *não utilize o recurso de arrastar entre as cédulas, isso atrapalha as fórmulas;*
- *não se esqueçam de colocar a data de atualização da planilha;*
- *os cursistas que não conseguirão média no Módulo se tiverem com alguma atividade sem fazer, lembre-os e permita que façam alguma que estiver em atraso;*
- *para a atividade bate papo a orientação é não deixar ninguém sem nota. Os que não participaram poderão adquirir o conceito por intermédio de comentário no fórum, justificativa ou mesmo o bom senso do tutor, por exemplo, se o cursista fez todas as atividades e não compareceu ao bate-papo, considere um conceito, o bate-papo não pode ser considerado como nota, mas no 1º módulo, como faz parte da ambientação será considerado.*

Abraços,

Coordenação Geral.

10. Informativo aos tutores

São enviadas as seguintes informações:

Caros tutores,

Organizamos algumas informações importantes, e estamos à disposição para quaisquer dúvidas:

- *os temas da biblioteca também devem ser fechados, ao ficarem abertos possibilitam aos cursista o envio errado da atividade, então solicitamos que quando o fórum da atividade for fechado que o tema da biblioteca também seja;*

- pedimos que todos os fóruns do módulo integração sejam fechados, as atividades que ainda podem ser aceitas (critério do tutor) devem ser enviadas no fórum atividades pendentes;
- começaremos a partir de agora a encaminhar emails aos domingos indicando quais fóruns devem ser fechados e abertos;
- em algumas turmas há vários fóruns de estrutura, como aviso, dúvidas pedagógicas, catálogo de recursos, cafés etc. Estamos sugerindo que alguns fóruns sejam unidos, para a melhor organização da turma. Estamos deixando a critério do tutor essa organização, lembrando apenas que o fórum planilha não pode ser alterado;
- outra dica é que solicitem aos cursistas que não escrevam no fórum de planilhas. Sugerimos que avisem os cursistas, e apaguem as mensagens enviadas, peçam que eles enviem no fórum de dúvidas, para que o fórum de planilha, só tenha a postagem da planilha, facilitando a visualização;
- quando houver bate-papo solicitamos que incluam no fórum da atividade uma cópia do bate-papo, permitindo assim que os cursistas possam interagir com o que foi discutido;
- pedimos que quando algum tutor tenha que se ausentar do ambiente e-proinfo por mais de 2 dias que avise a coordenação para que possamos fazer um acompanhamento caso seja necessário;
- não esqueçam de colocar a data de atualização na planilha de notas.

Att.,

Coordenação Geral.

11. Ações tutoria

São dadas as seguintes instruções:

Caros Tutores,

Completamos mais de 50% do ciclo, pudemos avaliar e acompanhar o trabalho de todos vocês e com isso, verificar a diferença que o uso criativo de algumas ferramentas fizeram em determinadas turmas. Muitos tutores conseguiram ir além das atividades propostas no ambiente e-proinfo, interagindo não somente pelo e-mail da turma, mas também criando fóruns para novas interações, além de outras ações.

Além disso, queremos incentivar o uso do Google groups pelo grupo de tutores. Essa ferramenta pode ser muito bem utilizada para troca de experiências, ajudas e até mesmo um FAQ rotativo, afinal uma dúvida de um tutor pode ajudar a outros.

Sempre é bom lembrar, para não perdermos o foco no trabalho, que estamos desenvolvendo conceitos educacionais e agindo em nome de grandes Universidades, que representamos. Além disso, toda essa movimentação enriquece o grupo, as pesquisas e a qualidade do ensino nas escolas, pois estamos estimulando e proporcionando aos professores oportunidades importantes de formação em serviço.

Att.,

Coordenação Geral.

12. Finalização do Módulo Básico

A Coordenação Geral encaminha o seguinte e-mail aos cursistas com cópia aos tutores:

Caro cursista,

Já estamos no último módulo desse Ciclo Básico, e ficamos contentes em tê-los conosco nesse curso Mídias na Educação. Em breve este momento se encerrará e iniciaremos um novo ciclo: o intermediário.

Porém notamos que em algumas turmas há cursistas com atividades pendentes. Se vocês repararem na planilha o cursista que não fez uma atividade fica com o conceito N de média, ou seja, um N é suficiente para que o cursista não consiga média e não possa continuar o curso.

Portanto, fique atento, não deixe para depois em pouco tempo não serão aceitas as atividades atrasadas.

Escreva para seu tutor e regularize sua situação.

Att.,

Coordenação Geral.

13. Cursistas com atividades pendentes antigas

São encaminhadas as seguintes instruções:

Pessoal,

Final de ciclo é sempre igual, aparecem muitos cursistas querendo resolver as pendências do início e muitas vezes não sabemos como agir.

Penso que se o cursista continuou ativo até agora e há poucas pendências, que devemos deixá-los fazer. O problema maior é que a atividade que passou, a interação não aconteceu e muitas vezes não há como voltar só por voltar.

Nossa sugestão é que peça aos cursistas atrasados uma atividade sobre educomunicação.

O importante é que eles possam ter a oportunidade fazendo uma atividade, não é justo com os demais que não façam, e se esse cursista foi presente até aqui merece essa chance.

Abraços,

Coordenação Geral.

Foi descrito acima a formação do Programa Mídias na Educação aos tutores on-line. É importante destacar que todos os profissionais participantes, responsáveis na mediação entre cursista e conteúdo do curso, são integrantes do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, portanto, já possuem uma formação na área educacional. Ressaltamos ainda que a maioria (70%) participaram de algum projeto educacional organizado, gerido e executado pelo NCE.

5.4. BREVES ANÁLISES E RESULTADOS

O objetivo desta dissertação é o de se verificar se o tutor no Programa Mídias na Educação exerceu o papel de educador, para tal desenvolvimento se faz necessário uma

formação específica desse profissional, seja anterior ao Programa ou ao longo do desenvolvimento das atividades com a turma, ou quando em contato direto com a coordenação.

5.4.1. APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO AOS TUTORES ON-LINE¹³

Foi aplicado um questionário aos tutores com o objetivo de conhecer o perfil do tutor atuante no Programa Mídias na Educação, para sabermos quem é este profissional. Outro objetivo era o de se identificar a natureza do processo de relacionamento estabelecido didático-educomunicativo entre o tutor e seus cursistas ao longo do desenvolvimento dos módulos do curso. O questionário foi enviado para 26 tutores do Programa, todos participantes da 1ª Oferta do curso, responderam ao questionário 10 profissionais. Na primeira parte, são feitas perguntas fechadas, portanto, o resultado será apresentado em gráficos¹⁴, com o intuito de explicar qual o perfil do profissional atuante no Mídias. Na segunda parte, foi aplicado um questionário aberto, exposto na sequência.

Questionário fechado:

¹³ Questionário na íntegra no APÊNDICE 2.

¹⁴ O objetivo de expor os dados em gráficos é o de clarificar os resultados.

a) Gênero

Gráfico 6 – Gênero

O gráfico 5, acima, mostra que há 60% mulheres atuando na tutoria no curso Mídias na Educação e 40% homens.

b) Estado civil

Gráfico 7 - Estado civil

O gráfico 6 mostra que 80% dos tutores são casados, enquanto 20% são solteiros.

c) Onde residem

Gráfico 8 – Estado

Percebe-se que 60% dos tutores moram na cidade de São Paulo, enquanto 10% reside no Grande ABC, Guarujá, Poá, além de Sergipe.

d) Grau de instrução

Gráfico 9 - Escolaridade

Há um número elevado de Doutores (60%) que atuam como tutores no Programa Mídias na Educação, como exposto no gráfico 8, enquanto 20% são mestres e 20% pós-graduados.

e) Área de concentração em que se formaram:

Gráfico 10 - Área de concentração

Percebe-se que 50% dos tutores atuantes no Programa formaram-se em sua área de concentração nas Ciências da Comunicação, enquanto 10% pertence à área das Ciências da Informação, Educação e Letras. Nesse item, 20% não responderam à pergunta.

f) Profissão

Gráfico 11 - Profissão

Nota-se que 60% dos tutores atuantes no Mídias são licenciados. Enquanto 10% são formados nas áreas de biblioteconomia, música, comunicação e sociologia.

g) Cargo que exercem¹⁵

Gráfico 12 - Cargo que exercem

Quando indagados aos tutores o cargo que exercem nos dias atuais, 50% disseram ser professores universitários, enquanto os outros 10% atuam na área de: atendentes de clientes, formação de professores, formação de projetos, gestor e professor do ensino médio.

¹⁵ Foi perguntado a profissão e cargo que exercem pelo fato de não necessariamente o profissional atuar no mercado de trabalho na área em que se formou. Exemplificando através da própria pesquisa: há um(a) músico(a) que está na área de concentração Ciências da Comunicação, porém exerce o papel de professor(a) universitário(a).

h) Tempo de trabalho na área atuante

Gráfico 13 - Tempo de trabalho na área

Quando interrogados há quanto tempo trabalham em seus cargos atuais, 40% afirmaram estar há 10-15, 30% há 15-20 anos, 20% há mais de 20 anos e 10% não responderam à questão.

Esses dados são importantes, na medida em que através deles é possível traçar o perfil do tutor atuante no Programa Mídias na Educação, assim fica claro que a equipe de tutores composta na 1ª Oferta do curso, em sua maioria eram mulheres, casadas e residiam na cidade de São Paulo. De forma geral, são profissionais da área das Ciências da Comunicação e doutores(as), em sua grande parte professores universitários e atuam neste cargo há 10-15 anos.

No questionário fechado ainda são questionados:

a) Participação em cursos/treinamentos a distância antes de seu ingresso no Programa Mídias na Educação

Gráfico 14 – Número de tutores que realizaram algum curso/treinamento a distância

Nota-se que 50% já haviam realizado cursos/treinamentos a distância antes de ingressarem como tutores no Programa Mídias na Educação, conclui-se que metade já tinha uma base de como funciona diariamente um curso em EAD. Os outros 50% nunca realizaram um curso a distância.

b) Se já havia sido tutor em algum curso de EAD

Gráfico 15 – Número de profissionais que já haviam atuado como tutores

Percebe-se que 60% dos profissionais da 1ª Oferta do Programa já haviam atuado como tutor em algum curso on-line, enquanto 40% nunca haviam tido tal experiência.

- c) **Se realizou algum curso/treinamento com a coordenação e gestores do Mídias na Educação logo que entrou no Programa Mídias na Educação**

Gráfico 16 – número de tutores que receberam um curso de formação pela equipe do Mídias na Educação

Observe-se uma convergência de informações, pois 50% alegam que obtiveram um curso/treinamento pela equipe do Mídias na Educação antes de exercerem sua função no Programa como tutores. Os outros 50% afirmam que não realizaram nenhum curso/treinamento oferecido pelos gestores e coordenadores. Ressalvamos que os profissionais questionados iniciaram seu trabalho no mesmo período na 1ª Oferta.

Em um terceiro momento no questionário fechado, os tutores foram indagados se antes de entrarem no Programa Mídias na Educação já conheciam o termo educomunicação:

Gráfico 17 – Número de tutores que já conheciam o termo educomunicação

No que diz respeito às questões abertas, obtivemos o resultado de que 100% dos entrevistados têm um bom entendimento do que é a educomunicação. Listamos abaixo algumas das respostas, com o intuito de exemplificar:

“Educomunicação é um conjunto de ações inerentes ao planejamento, execução e avaliação de processos voltados para a criação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos e criativos, em espaços educativos, mediados por TICs, mediante uma gestão democrática e compartilhada com tais recursos, tendo como meta a ampliação do coeficiente comunicativos nos sujeitos e a prática plena da cidadania”.

“Educomunicação é um campo de interação entre comunicação e educação, envolvendo educação para mídias, alfabetização midiática, entendimento sobre os processos de produção e sua aplicação na educação no sentido amplo, atingindo estudantes, educadores e comunidade”.

A segunda parte do questionário tem como objetivo o de identificar a natureza do processo de relacionamento estabelecido didático-educomunicativo entre os tutores e cursistas ao longo do desenvolvimento dos módulos do curso Mídias na Educação.

Quando indagados como analisavam a cooperação que se estabeleceu entre eles e seus cursistas, obtivemos as seguintes respostas¹⁶:

- ótima e alguns acrescentaram que foi uma relação dialógica e solidária;
- pontual, já que nem todos os cursistas participavam efetivamente do curso;
- adequada;
- abusiva – alguns estudantes solicitaram e pediram muito dos tutores, como se quisessem que os mediadores realizassem o curso por eles.

Quando interrogados se os tutores sentiram-se confortáveis no relacionamento com sua turma, 100% dos entrevistados responderam que sim.

¹⁶ Depois de lidas, as respostas foram apresentadas por ordem de relevância.

Considerando a experiência dos tutores no curso Mídias na Educação, foi perguntado se acreditavam que a figura do tutor era indispensável; 90% responderam que sim, pois é papel deste profissional estimular e contribuir para a construção da aprendizagem, enquanto 10% afirmaram que depende, pois há cursos a distância em que é dispensável a mediação do tutor. Segue gráfico demonstrativo abaixo:

Gráfico 18 – Percentual de tutores que acreditam que esse profissional é indispensável em um curso de EAD

Quanto às ferramentas da plataforma e-proinfo, as respostas não foram as esperadas, em sua maioria os tutores apontaram a falta de estabilidade no sistema, além de ser inflexível e de difícil utilização. De acordo com as respostas, chegou-se ao seguinte resultado¹⁷:

Gráfico 19 – Ferramentas utilizadas para interação entre tutores e cursistas

Observa-se que 70% utilizam o e-mail¹⁸ e o fórum para comunicar-se com os cursistas, 20% utilizam o Skype, 10% biblioteca e chat do e-proinfo e ainda 10% usam Gdocs e MSN.

¹⁷ Cada tutor apontou duas ferramentas que utilizavam para interagir com os cursistas.

¹⁸ Quando o tutor inicia uma turma, a coordenação cria um e-mail e senha no gmail para haver uma comunicação entre os tutores e a coordenação e tutores e cursistas através desta conta. Portanto, não é uma ferramenta vinculada à plataforma e-proinfo.

Expomos abaixo o percentual dos que utilizavam em algum momento o sistema e-proinfo:

Gráfico 20 – Tutores que utilizavam o e-proinfo

Os 30% que não utilizaram o sistema efetivamente, alegaram que só empregaram a ferramenta fórum e biblioteca para efeito de registro, pois caso não fosse necessário não recorreriam ao seu uso.

Por fim, quando interrogados sobre como se deu a superação das dificuldades dos alunos em relação ao entendimento dos conteúdos, foram expostas três opções:

- a) Especificamente ao esforço dos próprios alunos;
- b) A ajuda que seus alunos receberam de seus próprios colegas; ou
- c) Especialmente a orientação que o tutor passou ao cursista em cada caso.

60% dos tutores responderam que o conjunto das três opções é que auxiliaram na superação das dificuldades dos estudantes, enquanto 20% alegaram que foi a junção do item a e c que acarretam ao resultado esperado, 10% apontaram que foram pelo esforço especificamente dos discentes (a) e 10% que especialmente a orientação que o tutor passou em cada caso.

5.4.2. APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO AOS CURSISTAS

De acordo com o formulário preenchido com a avaliação do curso Mídias na Educação pelos alunos¹⁹ da 1ª Oferta, obtivemos as respostas abaixo.

As avaliações foram lidas e sistematizadas em tópicos apresentados por ordem de relevância:

Pontos positivos:

- material didático dinâmico e interativo;
- bons tutores;
- fóruns produtivos e reflexivos;
- aquisição de novas informações;
- melhoria em sua atuação profissional;
- praticidade por o curso ser a distância;
- valorização do trabalho depois da aquisição das práticas educacionais;
- oportunidade de elaborar projetos;
- as atividades propostas ao longo do curso são boas;
- não houve troca de tutor;
- reuniões presenciais.

Pontos negativos:

- demora/pausa do curso;
- falta de comunicação/interação/estímulo/orientação do tutor;
- ambiente e-proinfo é instável;
- prazo curto para realização de atividades e monografia;
- mudança de tutores ao longo do curso;
- poucos encontros presenciais com o tutor;
- não receber o certificado;
- falta de organização;

¹⁹ 26 cursistas preencheram o formulário. O questionário foi respondido pelos estudantes logo após a defesa de suas bancas no segundo semestre de 2011.

- grande número de evasão.

Sugestões:

- reduzir o tempo do curso;
- aumento de encontros presenciais entre tutores e cursistas.

Segundo as respostas dadas, há discordância pois ao mesmo tempo em que o item “tutores bons” é elencado em ordem de importância em segunda posição dos pontos positivos, quando elencado os itens negativos, a “falta de comunicação/interação/estímulo/orientação do tutor” também aparece na mesma posição.

Observando-se os itens positivos pode-se afirmar que os cursistas avaliam muito bem o conteúdo, além de elencarem que houve uma valorização do trabalho após ter contato com as práticas educacionais. Quanto aos itens negativos, como esperado, houve uma grande reclamação ao fato da demora e pausa durante o Programa.

5.4.3. ANÁLISE DAS MONOGRAFIAS DA 1ª OFERTA

Em um primeiro momento, realizou-se uma pré-análise de 31²⁰ monografias do curso Mídias na Educação defendidas pelos cursistas da 1ª Oferta, que teve início do ano de 2006 e término no segundo semestre de 2011, com o intuito de verificar se através das práticas de ensino-aprendizagem do tutor, o estudante apreendeu conceitos educacionais.

Essa averiguação deu-se através dos seguintes critérios:

1. Recorrência do termo educação nas monografias;
2. Diálogo significativo com os conceitos educacionais;
3. Reflexões críticas sobre o assunto; e,
4. Verificação dos autores citados da área educacional.

²⁰ No total são 31 monografias defendidas no curso Mídias na Educação na 1ª oferta, entretanto, a análise deu-se efetivamente em 18 monografias do curso. O critério para tal recorte deu-se através de uma pré-leitura das monografias. Foram analisadas somente aquelas em que haviam vínculo com os conceitos da educação.

Analisaremos abaixo:

Das 31 monografias analisadas, 18 perpassam pela educomunicação.

Uma das monografias analisadas é construída com base nos conceitos educ comunicativos, a autora destaca os fundamentos, metodologias e conceito além de explicar as áreas de intervenção da educomunicação. O(a) autor(a) realiza um estudo detalhado e bem embasado sobre o universo educ comunicativo, e explana um projeto realizado na escola em que leciona em que utilizam a educomunicação como ferramenta de integração e mudanças de comportamento dos jovens despertando, dessa maneira, maior interesse por parte dos estudantes nas aulas e no que diz respeito à sua comunidade.

Das monografias analisadas em 7 há um capítulo tratando do tema educomunicação, sendo que exploram o conceito e ligam sua monografia as práticas educ comunicativas, em sua maior parte.

Duas citam o termo, sem ao menos explicá-lo, o resumo como “a junção da comunicação com a educação, resulta em um novo termo, o da educomunicação”.

O autor mais citado é o Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, citado nas 18 monografias analisadas, o pesquisador José Manuel Morán, é citado em 10, seguido de Paulo Freire com 7.

Em apenas uma monografia foi verificada a análise de diálogos críticos sobre o conceito da educomunicação. Mesmo nas monografias em que há um capítulo próprio com o intuito de se falar de educomunicação, o conceito é minimamente explicado, não há um aprofundamento do assunto.

5.5. ANÁLISES GERAIS DOS RESULTADOS

Analisando a formação do tutor pelo Programa Mídias na Educação juntamente à averiguação dos resultados dos questionários enviados para os tutores da 1ª Oferta, os pontos

positivos e negativos relatados pelos cursistas que defenderam suas monografias no segundo semestre de 2011 e a análise das monografias defendidas pelos mesmos cursistas, chegamos as seguintes conclusões²¹:

1. Por 60% dos tutores do Programa serem da área das Ciências da Comunicação, é dedutível que já há um pré-conhecimento dos processos comunicacionais;
2. Por 70% terem conhecimento do que é o conceito da educomunicação e, em sua maioria, terem participado de projetos educ comunicativos vinculados ao NCE, conclui-se que já exista uma pré-formação desse profissional anterior a sua entrada no Programa Mídias na Educação nos preceitos educ comunicativos;
3. 18 monografias defendidas para certificação no Curso Mídias na Educação apresentaram indícios dos preceitos educ comunicativos;

Não se pode afirmar, com os dados obtidos, que o tutor online do Programa atua como um educ comunicador, porém se tratando de um campo de intervenção recente, o número é relevante, pois demonstra que o termo está se consolidando como um novo campo.

²¹ Destacamos que não foi desenvolvida uma reflexão quanto à importância do tutor conhecer as diferentes linguagens midiáticas, mas de como é a formação do tutor oferecida pelos gestores e coordenadores do curso Mídias na Educação. O foco aqui não é identificar e expor a formação desse profissional em relação à plataforma e-proinfo mas sim de investigar os processos comunicacionais que ocorrem nessa formação. Para chegar a tal resultado, optou-se por analisar as 32 monografias defendidas pelos cursistas da 1ª Oferta, com o intuito de verificar se contêm nelas conteúdo educ comunicativo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em constante mutação, as TICs exigem compatível flexibilidade no tratamento das diferentes linguagens midiáticas e estruturas, sem que se perca a discussão social e pedagógica de seu emprego. Exigem, também, uma reflexão densa, de modo a impedir que modismos transitórios sejam impostos à escola de forma inconsequente.

As tecnologias facilitam a interação, a troca e a colaboração mas não resolvem sozinhas os problemas de fundo: as dificuldades de entender-nos, de aceitar os outros como são, de compreender o mundo interior próprio e o dos outros pois a educação é um processo comunicativo.

Um dos princípios do ensino a distância é a necessidade de manter a comunicação bidirecional, o diálogo, como forma de quebrar o isolamento, promover a interação e aproximar os participantes do processo. Assim, a figura de um tutor on-line durante esse processo torna-se não necessariamente obrigatória, mas aconselhável, já que incentiva, estimula e acolhe o cursista em um ambiente de conteúdos novos.

O tutor do Programa Mídias na Educação, no Estado de São Paulo, como verificado na pesquisa realizada, apresenta uma formação na área das Ciências da Comunicação e um conhecimento sobre o conceito e as práticas educacionais pelo fato de terem sido, em sua maioria, pesquisadores do NCE e participantes de projetos educacionais.

Entretanto, os dados colhidos não inferiram a um resultado conclusivo. Mesmo esse profissional tendo uma formação educacional, na análise das monografias, não é perceptível uma relação, pois quando é referida a questão do paradigma educacional, em grande parte, não é feito de maneira aprofundada. A maioria das monografias apresentadas relata a relação da sala de aula com as TICs como sendo somente uma ferramenta instrumental e não como um potencial comunicacional e educacional.

Outro fator relevante exposto é que assim como os cursistas relatam um ótimo acompanhamento dos tutores ao longo do curso, o mesmo percentual demonstra insatisfação quanto à atuação deste profissional.

Ademais 50% dos tutores alegaram que não houve um curso no início da 1ª Oferta, seja presencial ou on-line, enquanto o restante afirma ter realizado um curso juntamente com a coordenação e gestores do Programa.

É importante ressaltar que precisamos de educadores, sejam presenciais ou a distância, que experimentem formas de interação, que ajudem os estudantes a encontrar um caminho para equilibrar o bombardeio da mídia ensinando a ter um pensamento crítico frente àquilo que lhe é dado e, isso só será possível quando os docentes estiverem preparados para encarar essa nova realidade.

7. REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EaD no Brasil. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. (Org.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

ALVES, Lucinéia. Educação à distância: conceitos e história no Brasil e no mundo (2011) Disponível em:
<http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf> Acesso em: 06/06/2012

ALVES, Rêmulo Maia; ZAMBALDE, André Luiz; FIGUEIREDO, Cristhiane Xavier. Ensino a Distancia. UFLA/FAEPE, 2004.

ANDRADE, A. L. B; SANTOS, A. M. Análise das interações no ambiente virtual de aprendizagem moodle no âmbito da tutoria (2010) Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/ANALISE-DAS-INTERACOES-NO-AMBIENTE-VIRTUAL-DE-APRENDIZAGEM-MOODLE-NO-AMBITO-DA-TUTORIA..pdf>> Acesso em: 06/06/2012

ARETIO, Lourenço G. La Educación a Distancia: de la teoría a la práctica. Barcelona: Ariel Educación, 2001.

ARREDONDO, S. C. Formación / capacitación del profesorado para trabajar en EAD. Educar, Curitiba, n. 21, p. 13-27. 2003. Editora UFPR, 2003.

AZEVEDO, Adriana Barroso de. Tutoria em EAD para além dos elementos técnicos e pedagógicos. Palestra apresentada no III Seminário EAD – Ufes – Formação de professores, tutores e coordenadores de polos para UAB. 22 a 24 set. 2008.

BALBÉ, M. M. G. A interlocução entre professor tutor e aluno na educação a distância. Educar, Curitiba, n. 21, p. 215-224. 2003. Editora UFPR, 2003.

BARBOSA, E. G; CALIL, R. C. Formação do professor: a técnica do saber fazer (2002)
Disponível em:

<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/formacao_do_professor_a_tecnica_d_o_saber_fazer.pdf> Acesso em: 08/06/2012

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo, HUCITEC, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BELLONI, M. L. Educação à distância. 4a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BERNARDO, V. Educação à distância: fundamentos. Universidade Federal de São Paulo UNIFESP (2006) Disponível em:

<<http://www.virtual.epm.br/material/tis/enf/apostila.htm#INTRODUÇÃO>>. Acesso em: 07/06/2012

BOUCHARD, Paul. Autonomia e distância transcional na formação a distância. In: ALAVA, Séraphin (org.). Coberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais. Porto Alegre, Artmed, 2002.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. Comunicação e Educação: questões delicadas na interface. São Paulo, Hacker, 2001.

BRASIL. Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm> Acesso em: 06/06/2012

BRASIL. Decreto 5.773 de 9 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm>. Acesso em: 06/06/2012

BRASIL. Decreto 6.303 de 12 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm>.

Acesso em: 06/06/2012

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em: 06/06/2012

BRASIL. Portaria Nº 10, de 02 de julho de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/portaria10_seed.pdf>. Acesso em: 06/06/2012

BRITO, Carlos Estrela. Educação à distância (ead) no ensino superior de Moçambique: UAM (2010) Disponível em:

<http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2011/04/Carlos_Estrela_Brito.pdf> Acesso em: 06/06/2012

CARVALHO, O. Educação e educação profissional: trabalho e tempo livre. Brasília: Plano, 2003.

CHAVES, E. Conceitos Básicos: Educação a Distância. EdutecNet: Rede de Tecnologia na Educação, 1999.

CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo, Paulinas, 2011.

COSTA, F. A; PERALTA, M. H. E-learning. Formação de formadores para a construção de contextos de aprendizagem significativa (2007) Disponível em: <<http://aprendercom.org/miragens/wp-content/uploads/2007/06/costaperalta2001elearning.pdf>> Acesso em: 08/06/2012

COSTA, Karla da Silva; FARIA, Geniana Guimarães. EAD – sua origem histórica, evolução e atualidade brasileira face ao paradigma da educação presencial (2008). Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927AM.pdf>> Acesso em: 06/06/2012

COSTA, Cleide Jane de Sa Araujo Costa; PARAGUAÇU, Fabio; PINTO, Anamelea de Campos. Experiências interativas com ferramentas midiáticas na tutoria on-line. In:

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (org.). Em aberto: Integração de mídias nos espaços de aprendizagem. n. 79, Brasília: INEP, 2009.

DALLAN, M. Transposição Didática (2006) Disponível em:
<<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=23>> Acesso em: 07/06/2012

DIAS, Rosilâna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. Educação à distância: da legislação ao pedagógico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

EMERENCIANO, M. do S. J; SOUSA, C. A. L; FREITAS, L. G. Ser presença como educador, professor e tutor. Colabora, Curitiba, v.1, n. 1 – p. 4-11, agosto 2001.

ESTEBAN, Maria Teresa. O que sabem quem erra?: reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FÍGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo, Paulinas, 2011.

FORMIGA, Marcos; LITTO, Fredric M. A terminologia da EAD. In: Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FRADKIN, Alexandre. História da televisão pública/educativa (2010) Disponível em:
<www.fndc.org.br/arquivos/HistoriaTVEd>. Acesso em: 06/06/2012

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. São Paulo, Cortez, 4 ed., 2000.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

FURLAN, José Davi. Megatendências da tecnologia da informação. São Paulo, Makron Books, 1992.

GOMES, Maria João. Desafios do e-learning: do conceito às práticas (2007) Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/VIIIcongreso/pdfs/paineis/online.pdf>> Acesso em: 08/06/2012

GOMES, Maria João. E-learning: reflexões em torno do conceito. In P. Dias & C. V. Freitas (Orgs.). Actas da IV Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Challenges/Desafios 2005, (pp. 229-236). Braga: Centro de Competência Nónio Séc. XXI.

GONÇALVES, Consuele Tereza Fernandez. Quem tem medo do Ensino a Distância. In: Revista Educação a Distância, n. 7 – 8, INED/IBASE, 1996.

GOUVÊA, G; OLIVEIRA, C. I. Educação a Distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites. 4. ed. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2006.

HABERMANS, Jurgen. The theory of Communicative action. Vol I. Reason and the Rationalization of Society. Boston, Beacon Press, 1984.

HUERGO, Jorge. Comunicación/Educación, âmbitos, prácticas y perspectivas, Buenos Aires, Universidad de la Plata, 1996.

INSTITUTO MONITOR. Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (2007) Disponível em: < <http://www.abraead.com.br/anuario/anuario2007.pdf>> Acesso em: 06/06/2012

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. Censo Da Educação Superior 2010. Disponível em: < portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task...> Acesso em: 06/06/2012

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. In: Revista Comunicação & Educação. São Paulo, Editora Moderna, n.1, jan/abr de 1999.

LEAL, Regina de Barros. A importância do tutor no processo de aprendizagem a distância (2004) Disponível em: < <http://www.rioei.org/deloslectores/947Barros.PDF>> Acesso em: 12/06/2012

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo, Editora 34, 1999.

LIMA, M. G. S. Educação a Distância: Conceituação e Historicidade (2003) Disponível em: < http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/33.pdf> Acesso em: 06/06/2012

LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. (Org.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LITWIN, E. Educação a Distância: Temas para o Debate de Uma Nova Agenda Educativa. Porto Alegre: Artmed. 2001.

LOPES, M. C. L. P. O processo histórico da educação a distância e suas implicações: desafios e possibilidades (2007) Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/O%20PROCESSO%20HIST%20RICO%20DA%20EDUCA%20C7%20O%20A%20DIST%20NCIA%20E%20SUAS%20IMPLICA%20C7%20DES.pdf> Acesso em: 06/06/2012

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, C; MATTAR, J. ABC da EaD: a Educação a Distância hoje. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

MARQUES, Camila. Educação: ensino a distância começou com cartas a agricultores. Folha On Line, 29 de set, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación. In: Nómadas. Bogotá, septiembre de 1996.

MARTINS, Janae; RODRIGUEZ, Alejandro; BEBER, Bernadette; MACEDO, Cláudia; FIALHO, Francisco; ULBRICHT, Vânia. Perspectivas da mediação pedagógica e da transposição didática em educação à distância. (2006) Disponível em: <http://www.iadis.net/dl/final_uploads/200607C047.pdf> Acesso em: 07/06/2012

MCIVER, William. Uma informática comunitária para a sociedade da Informação. In: MARQUES, J; SAQTTLER, L. Direitos à comunicação na Sociedade da Informação, SBC, UESP, 2005.

MENDES, Angelita et al. A relação histórica da educação a distância com a inclusão social e o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (2010) Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/semanaeduca/article/viewFile/106/146>> Acesso em: 06/06/2012

MORAES, R. A. Educação a Distância: aspectos histórico-filosóficos. In: Linguagens e interatividade em Educação a Distância ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, J. M. Contribuições para uma Pedagogia da Educação Online. Edições Loyola, São Paulo, 2003.

MORAN. J. M. O que é educação à distância. 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 06/06/2012

MORAN. J. M. Os modelos educacionais na aprendizagem on-line (2007) Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>> Acesso em: 08/06/2012

MORÁN, José Manuel. Internet no Ensino. In: Revista Comunicação & Educação. São Paulo, Moderna, n.1, jan/abr de 1999.

MÓRAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. In: Informática na Educação: Teoria & Prática. Porto Alegre, vol. 3, n.1, UFRGS, 2000.

MOORE, M. G. Theory of transactional distance. In: D. Keegan (ed.), Theoretical principles of distance education. London, Routledge, 1993.

MOORE, Michael G; KEARSLEY, Greg. Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOSTAFA, Solange. Citações epistemológicas na Educomunicação. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Segmento, n. 1, jan/abril de 2002.

MOTTER, Maria de Lourdes. Ficção e história: imprensa e construção da realidade. São Paulo, Arte & Ciência, Villipress, 2001.

NUNES, Ivônio Barros. A história da EAD no mundo. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. (Org.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

NUNES, Ivônio Barros. Noções de Educação a Distância (1994) Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/21015548/Artigo-1994-Noco-es-de-Educacao-a-Distancia-Ivonio-Barros-NUNES>>. Acesso em: 06/06/2012

NUNES, Andréa K; SANTOS, Gilvania M. Introdução a educação a distância. 2 ed. Aracaju: UNIT, 2007.

OLIVEIRA, E. S. G et al. Didática e competências docentes: um estudo Sobre tutoria na educação a distância (2007) Disponível em: <<http://www.inrp.fr/biennale/8biennale/contrib/longue/429.pdf>> Acesso em: 08/06/2012

PÁDUA, Elisabete de. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática. 6. ed. Campinas, Papirus, 2000.

PARENTE, André. Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PEDROSA, S. M. P. de A. (2003). A educação à distância na formação continuada do professor. Educar, Curitiba, n. 21, p. 67-81. 2003. Editora UFPR.

PERAYA, Daniel. O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In: ALAVA, Séraphin (org.). Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre, Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PERRENOUD, Philippe. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Dom Quixote, Lisboa, 1993.

PETERS, O. Didática do ensino a distância. Experiências e estágio da discussão numa visão internacional. (I. Kayser, Trad.). São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

PRETI, O. Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. Cuiabá: NEAD/IE –UFMT, 1996.

PRETI, O. Educação a Distância: Sobre discursos e práticas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

PRIMO, Alex. Interação mediada por computador. Porto Alegre: Sulina, 2007.

REIS, Hiliana. Modelos de tutoria no ensino a distância (2000) Disponível no site: <<http://bocc.ubi.pt/pag/reis-hiliana-modelos-tutoria-no-ensino-distancia.>> Acesso em: 12/06/2012

RIBEIRO, Gismeire. A importância do professor pesquisador. (2010) Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/upload/ensino/AVIposgraduacao100224134853.pdf>> Acesso em: 08/06/2012

RIBEIRO, J. E. P. A importância da tutoria no e-Learning (2012) Disponível em: <http://www.paideiaeducacao.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=74:a-importancia-da-tutoria-no-e-learning&catid=41:artigos&Itemid=68> Acesso em: 12/06/2012

RODRIGUES, Marla. Histórico da Educação a Distância. Disponível em: <<http://www.vestibular.brasilecola.com/ensinodistancia/historia.htm>>. Acesso em: 16/06/2012

ROSEMBERG, Marc. Aprendizado é muito mais que treinamento. In: ROSEMBERG, Marc. E-learning – Estratégia para a transmissão do conhecimento na era digital 1. Ed. São Paulo: Ed Makron Books, 2002.

SALVATIERRA, Eliany. Para quem gosta de perguntar: uma reflexão sobre a Educomunicação. Disponível em: <http://educacaomidiatica.com/index.php/textos_para_download/>. s/data. Acesso em: 17/06/2012.

SANTOS, João Francisco. Avaliação no Ensino a Distância. (2005) Disponível em: <<http://www.rioei.org/deloslectores/1372Severo.pdf>> Acesso em: 30/10/2010

SANTOS, M. R. G. A Educação à Distância como Estratégia Educacional na Organizações (2010) Disponíveis em: <http://www.aedb.br/seget/artigos10/427_Artigo_Estrategia_EAD.pdf> Acesso em: 08/06/2012

SCHAUN, Ângela. Educomunicação: reflexões e princípios. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

SCHLOSSE, Rejane Leal. A atuação dos tutores nos cursos de educação à distância (2010) Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/128/112>> Acesso em: 12/06/2012

SCHNEIDER, Daniele da Rocha; MALLMANN, Elena Maria. Tutoria em educação a distância: indicadores para políticas públicas (2011) Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/111.pdf>> Acesso em: 12/06/2012

SILVA, Marinilson Barbosa. O processo de construção de identidades individuais e coletivas do ser-tutor no contexto da educação a distância, hoje. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SPANHOL, Fernando José. Critérios de avaliação institucional para pólos de educação à distância. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/ Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: Contato, Brasília, nº1, jan/mar de 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Segmento, nº1, jan/abr de 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão da Comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional. In: BACCEGA, Maria Aparecida. Gestão de Processos Comunicacionais, São Paulo, Atlas, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educação a distância como prática educomunicativa: emoção e envolvimento na formação de professores da rede pública. In: Revista USP, São Paulo, USP, set/nov de 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educom.TV: curso online para a rede pública. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Segmento, n.1, jan/abr de 2003.

SOARES, Ismar de Oliveira. A ECA/USP e a Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Paulinas, n.2, mai/ago de 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Paulinas, n.1, jan/abr de 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. Quando o educador do ano é um educador: o papel da USP na legitimação do conceito. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Paulinas, n.3, out/dez de 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e o Terceiro Entorno. Paper apresentado ao Congresso Internacional sobre Software Livre. Quito, Equador, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo, Paulinas, 2011.

SOUZA, Carlos Alberto de; SPANHOL, Fernando José; LIMAS, Jeane Cristina de Oliveira; CASSOL, Marlei Pereira. Tutoria na educação à distância. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional da Abed, Salvador, 7 a 9 de setembro de 2004.

TERUYA, Tereza K. Trabalho e Educação na Era Midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá: Eduem, 2006.

TORRES, C. C. A Educação a Distância e o Papel do Tutor: Contribuições da Ergonomia (2007) Disponível em: <
http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1796/1/Tese_Camila%20Costa%20Torres.pdf>
Acesso em: 08/06/2012

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: 1.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Cheila F; MERCADO, Luis P. Tutoria a distância no ensino de Matemática. In: MERCADO, Luís P. (org.). Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação. Maceió: Edufal, 2007.

VEIGA, R. T. et al. O Ensino à Distância pela Internet: Conceito e Proposta de Avaliação (1998) Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/55551606/Ead-Pela-Internet-Conceito-e-Proposta-de-Avaliacao>> Acesso em: 07/06/2012

VIANNEY, João. As representações sociais da educação à distância. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

VIEIRA, R. E. A Educação a Distância na sociedade da informação: uma análise histórica da Educação Superior a Distância na formação de gestores públicos no cenário brasileiro (2010) Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/519/403>> Acesso em: 06/06/2012

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

WILGES, Beatriz et al. Sistemas multiagentes: mapeando a evasão na educação a distância. Novas Tecnologias na Educação. V. 8 Nº 1, EAD, 2010.

ZENGER, J; UEHLEIN, C. Why Blended Will Win: the Lion and the Lamb Lie Down Together. TD Magazine, p.54-60, August 2001.